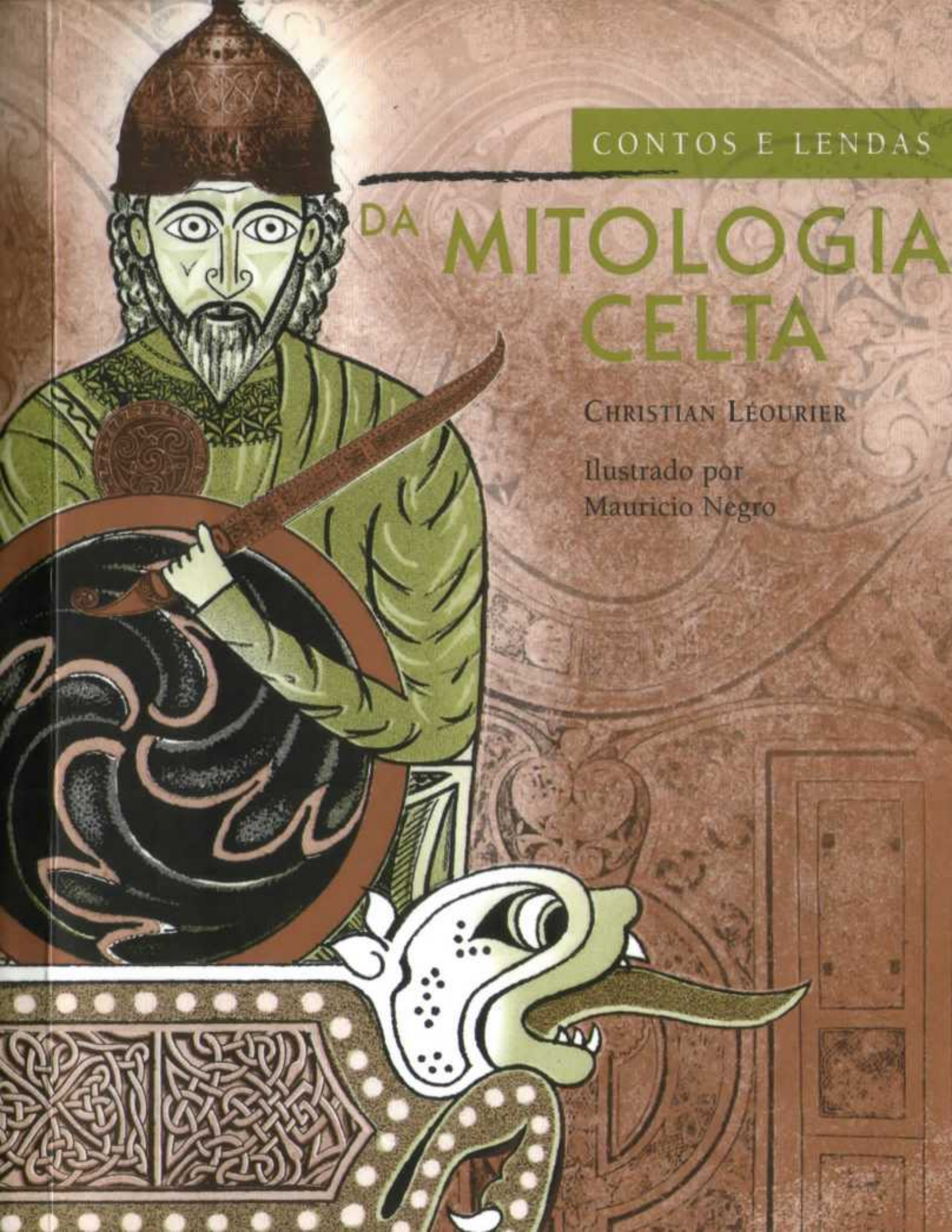


CONTOS E LENDAS

DA
MITOLOGIA
CELTA

CHRISTIAN LÉOURIER

Ilustrado por
Mauricio Negro





A mitologia dos celtas é menos conhecida do que a grega ou a romana, mas como não vibrar diante dos feitos de seus deuses e heróis?

Lug assegurou o triunfo das tribos de Dana sobre os monstros vindos do caos. Pwyll conquistou o reino dos mortos e o amor de uma deusa. Cúchulainn, sozinho, enfrentou um exército inteiro. E como não se emocionar com a paixão de Diarmaid por Grainne, que mais tarde iria inspirar a lenda de Tristão e Isolda?

A mitologia celta chocou-se com uma religião mais nova, o cristianismo, e logo a Igreja procurou eliminar os vestígios do paganismo. As lendas que conhecemos hoje chegaram pelas transcrições feitas a partir do século VIII por monges da Irlanda e do País de Gales, por escritos dos historiadores da Antiguidade e descobertas arqueológicas.

Christian Léourier nasceu em 1948, em Paris. É autor de livros infanto-juvenis e para adultos. Entusiasta das obras de ficção científica inglesa, nelas encontrou inúmeras referências às lendas celtas. Sua curiosidade levou-o a pesquisar as lendas antigas e, como ele diz, a “cair no caldeirão de Keridwen”.

“Como resistir ao chamado de uma civilização para a qual o sonho é um instrumento de conhecimento do mesmo modo que a memória e a razão?”

Maurício Negro nasceu em 1968, em São Paulo. É ilustrador, escritor e *designer* gráfico. Autor de cinco livros infantis e conselheiro da SIB (Sociedade dos Ilustradores do Brasil), participou de exposições de ilustração no Brasil e no exterior. Recebeu menção honrosa no XV Salão Internacional de Desenho para Imprensa, em Porto Alegre.

CHRISTIAN LÉOURIER

CONTOS E LENDAS DA
**MITOLOGIA
CELTA**

Ilustrações • MAURÍCIO NEGRO

Tradução • MONICA STAHEL

Atualizado conforme o novo acordo ortográfico



*Esta obra foi publicada originalmente em francês com o título
CONTES ET LÉGENDES DE LA MYTHOLOGIE CELTIQUE
por Éditions Nathan, Paris.
Copyright © 2000 by Éditions Nathan /HER — Paris — França.
Copyright © 2008, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

I^a. edição 2008

Tradução
MONICA STAHEL

Acompanhamento editorial
Luciana Veit
Revisões gráficas
Marisa Rosa Teixeira
Luzia Aparecida dos Santos
Atualização ortográfica
Solange Martins
Produção gráfica
Geraldo Alves
Pagi nação
Moacir Katsumi Matsusaki

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Léourier, Christian

Contos e lendas da mitologia celta / Christian
Léourier ; tradução Monica Stahel. — São Paulo :
Editora WMF Martins Fontes, 2008.

Título original: Contes et légendes de la mythologie
celtique

ISBN 978-85-7827-046-9

1. Celta — Folclore 2. Mitologia celtica I. Título.

08-06315 CDD-398.22

índices para catálogo sistemático:

1. Contos e lendas : Mitologia celta 398.22

*Todos os direitos desta edição reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.*

*Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP
Brasil*

Tel. (11) 3241.3677 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br

<http://www.wmfmartinsfontes.com.br>

Sumário

MITOLOGIA CELTA

1. O erro do rei Nuada
2. A segunda batalha de Mag Tured
3. A busca dos filhos de Tuireann
4. O Príncipe do Abismo
5. A cavaleira de Aberth
6. A montanha sobre o mar
7. A mulher mais bonita do mundo
8. A fraqueza dos ulates
9. O pedaço do herói
10. O touro Costonho de Cualnge
11. Um voo de cisnes
12. O rei sem reino
13. O casamento de Fionn
14. O ciúme de Fionn
15. A ilha das mulheres
16. O príncipe dos bardos

Posfácio

Mapa: A expansão dos celtas no século III a. C.

Mapa: A Irlanda e a Bretanha no tempo dos celtas

1.

O erro do rei Nuada

Algumas vitórias custam muito caro, como a do rei Nuada sobre Eochtraí, na planície de Mag Tured. Mas vamos começar pelo início.

Os filhos da deusa Dana viviam bem ao norte do mundo. Suas ilhas eram belíssimas. O brilho das geleiras e as brumas matinais prestavam-se aos devaneios. No entanto, a vida era difícil naquelas terras planas percorridas pelo vento gelado das tempestades. As tribos miravam cobiçosas as florestas densas, os lagos cheios de peixes, as pastagens viçosas da Irlanda, país que chamavam de ilha Verde.

Um dia disseram a Nuada, seu rei:

— Vamos construir uma frota de embarcações sólidas e nos armar de lanças longas, espadas rígidas e escudos fortes. Afinal, os firbolg, atuais habitantes da Irlanda, expulsaram de lá o povo de Nemed. E os nemedianos, por sua vez, ocuparam o lugar da linhagem de Pertholon. Aquela ilha pertence aos mais fortes. Portanto, ela nos pertence por direito, pois descendemos da deusa!

Nuada contemplou suas tropas. Como eram altivos seus homens! Havia Ogma, de belas palavras; Dagda, cuja clava tinha o poder de ressuscitar os que massacrara; Diancecht, médico de múltiplos expedientes; seus três irmãos, que fabricavam todas as armas da tribo de Dana: o ferreiro Gobniu, o bronzista Cridne e o carpinteiro Luchta. Havia também o sábio Sencha e seu discípulo, o druida¹ Fingol; Bresal, que jamais conhecera o fracasso; Tuireann e seus filhos, chamados os quatro muros da cidade, pois nenhum inimigo se aproximava de muralhas defendidas por eles; Gamai, o porteiro que não permitia a ninguém transpor as entradas guardadas por ele; e todos os outros. Um daqueles homens valia cem guerreiros comuns. Eram todos belos, fortes e corajosos e cada um tinha um talento próprio, que o tornava insubstituível.

— Certamente não temo enfrentar os firbolg — disse Nuada. — Mas não convém que eles se aliem aos fomores.

A expressão de horror dos daneanos ao ouvirem esse nome bem mostrava sua aversão àqueles monstros.. Os fomores tinham surgido no tempo em que nem todas as terras haviam emergido. Eram criaturas inacabadas e brutais que se dissimulavam nas cavidades dos recifes. Correndo pelas cristas das ondas, os fomores destruíam navios e devoravam os marinheiros que caíam na água.

— Eles que venham! — gritou Dagda, agitando sua clava terrível.

Mas o druida Sencha interveio.

— Nuada tem razão. Não basta construir uma frota. É preciso saber utilizá-la. Os fomores são peritos em dispersar as esquadras e arrebentar os cascos dos navios. Devemos buscar sua ajuda antes que os firbolg os subornem com ouro e presentes.

Para selar uma aliança, nada melhor do que um casamento. Um dos quatro filhos do médico Diancecht estava em idade de se casar. Era Cian. Ficou acertada então sua união com Eithne, filha do rei fomoriano Balor.

No casamento estavam os descendentes da deusa Dana, herdeiros da beleza e do talento de sua ancestral. E também estavam os fomores, de aspecto monstruoso: os mais velhos eram gigantescos e disformes, tinham apenas um braço ou apenas uma perna. O rei, pai da noiva, tinha no meio da testa um único olho, e que olho! Três homens tinham que juntar forças para levantar sua pálpebra. Então, ai de quem cruzava o olhar de Balor: o infeliz morria na hora, fulminado pelo brilho de sua pupila. Felizmente para Cian, a noiva tinha feições bonitas e corpo harmonioso. Ao fim dos três dias de festejos, Eithne despediu-se do pai e foi com o esposo para as ilhas do norte.

Depois de garantir desse modo a neutralidade dos fomores, as tribos de Dana prepararam-se para a invasão. Os homens levaram nove anos para construir seus navios. Era a maior frota que as ondas tinham visto até então. Os Filhos de Dana carregaram os barcos com todos os seus bens e, para ter a certeza de que abandonariam as

terras do norte para sempre, incendiaram todas as suas casas antes de sair ao mar.

Impelidos por bons ventos, os navios não tardaram em chegar às costas da Irlanda. Assim que desembarcaram, Nuada enviou três druidas para falarem com Eochtraí, rei dos firbolg.

— Sua ilha é próspera — disseram os mensageiros. — Se você a compartilhar com os Filhos de Dana, nada de mau lhe acontecerá.

Eochtraí surpreendeu-se. Mas, como um rei deve manter a fisionomia impassível em todas as circunstâncias, disse com a maior cortesia possível:

— Sua proposta não tem sentido. Se insistirem, os firbolg lhes mostrarão que sabem defender o que lhes pertence.

Os embaixadores levaram a resposta ao rei Nuada, que na verdade não se surpreendeu.

— Usando da generosidade que cabe a um rei, oferecí a Eochtraí uma oportunidade de evitar um grande desastre — ele ponderou. — Mas, já que ele se recusa a dividir seu território conosco, tomaremos tudo.

Os dois exércitos se enfrentaram na planície de Mag Tured. Nuada organizou suas tropas em ordem de batalha: os mais jovens na frente e, atrás de cada um deles, um veterano. Assim haveria um equilíbrio entre o ímpeto e a experiência. Os bardos² dos dois campos adiantaram-se para zombar do inimigo, depois cada um lançou encantamentos e magias para enfraquecer o outro. A um sinal dos druidas, as trombetas de guerra anunciaram o ataque. Então, de acordo com uma tática simples mas que já provara sua eficácia, as duas fileiras

de guerreiros precipitaram-se ao mesmo tempo, aos gritos. As lanças erguidas eram tão numerosas que se tinha a impressão de que duas grandes florestas subitamente começavam a se deslocar. Do tumulto levantava-se o ruído atroz das armas que se chocavam, dos gritos de agonia e dos gemidos dos feridos.

No primeiro dia, a vantagem foi dos firbolg, conhecedores do terreno. Mas nem por isso os invasores recuaram. Ao anoitecer, cada

campo recolheu seus feridos.

Acontece que os firbolg possuíam uma fonte mágica que tinha o poder de devolver a saúde aos moribundos que eram mergulhados em suas águas. Eoch- trai saboreava por antecipação o espanto dos adversários quando, na manhã seguinte, vissem à sua frente um exército integralmente recuperado. Os daneanos, no entanto, também lhes preparavam uma surpresa, pois contavam com os serviços do mais hábil dos médicos. Em menos de uma noite, Diancecht curou todos os estropiados e ressuscitou os mortos, pelo menos os que haviam conservado a cabeça.

De modo que na manhã do segundo dia tudo voltara a ser como antes. A batalha violenta durou até o entardecer, e nenhum dos dois exércitos saiu vencedor. No terceiro dia, finalmente, os guerreiros de Dana puseram em fuga os firbolg, mas, exaustos, não tiveram forças para persegui-los até a vitória final. Então os firbolg aproveitaram a trégua para se recuperar na fonte mágica.

Nuada estava irritado. Habitado a vitórias rápidas, não conseguia pensar numa maneira de vencer a incrível resistência dos adversários. De repente, embora a cortina de sua tenda não tivesse sido erguida, sentiu uma presença a seu lado. Levantou-se de um salto, já levando a mão ao punho da espada. Viu-se então diante de uma figura feminina de sóbria beleza: era Morrigan, a deusa guerreira.

— Não tenha medo — ela disse. — Não quero lhe fazer mal, ao contrário.

O olhar intenso da deusa provocou em Nuada uma estranha embriaguez. O rei já ouvira dizer que o amor de Morrigan se pagava com sangue. Mas, diante daqueles olhos, deu-se conta de que nenhum guerreiro conseguiria resistir a ela.

— Pois bem — ele disse, num suspiro —, você veio anunciar-me a vitória ou a derrota?

— Depende de você — replicou a deusa. — Tomei a forma de uma galha e sobrevoei o campo de batalha durante todo o dia. Observei lá do alto a tática do inimigo. Acolha-me esta noite em sua cama e eu lhe revelarei como vencê-lo.

Nuada não podia recusar aquela proposta. Como rei, afinal, seu dever era fazer tudo pela vitória de suas tropas.

No dia seguinte, quando o rei acordou, sua hóspede já tinha ido embora. No entanto, ao sair de sua tenda, Nuada viu uma gralha pousada num pilar, alisando as penas das asas. A deusa preparava-se para lhe indicar o caminho a seguir, conforme prometera. Nuada sentiu-se tomado por um ímpeto selvagem, que lhe fazia ferver o sangue e lhe perturbava a razão. Dominado pela obsessão guerreira inspirada pelo amor de Morngane, esqueceu-se de que um rei nunca deve se juntar a seus comandados para se lançar pessoalmente na batalha. Contrariando todos os costumes, saltou sobre seu carro e iniciou o ataque. Foi uma terrível carnificina. A fúria de Nuada contagiava cada vez mais todo o seu exército. Os firbolg, conscientes de que aquele seria o combate decisivo, resistiam com a energia do desespero. Morigane, satisfeita, deliciava-se com o cheiro de sangue exalado pelo campo de batalha.



Nuada, que em seu ardor transpusera as fileiras do inimigo, viu-se de repente diante de Eochtraí. Erguendo com as duas mãos sua pesada espada de ferro, desafiou-o para a luta.

— Não aceite! — interveio Sreng, um dos oficiais de Eochtraí. — Não se esqueça de que você é o rei. Se lhe acontecer algum mal...

Eochtraí interrompeu o oficial, afastando-o com um gesto.

— Aqui estou — ele gritou para Nuada. — Vamos acabar com isso!

Valentia e habilidade Eochtraí tinha de sobra. No entanto, seria difícil resistir à fúria do adversário, inflamado pelos grasnados de Morrigan. Logo Eochtraí caiu, atingido mortalmente. Com um grito raivoso, Sreng investiu contra Nuada e lhe decepou o braço com um golpe de espada, antes de dar aos firbolg o sinal de retirada.

Assim, quando o sol deixou de iluminar o massacre e se refugiou no horizonte, a Irlanda já pertencia aos Filhos de Dana. Diancecht logo providenciou para Nuada um braço artificial de prata, mas nem por isso o rei deixou de ser um estropiado. E da saúde do rei depende a do remo. A deficiência de Nuada era vista como prenúncio das maiores desgraças para seu reino. Para evitar a catástrofe, ele teve de renunciar ao trono.

Chamado a indicar um novo rei, o povo de Dana elegeu Bres. Ele era filho de uma princesa daneana, Eriu, e de um príncipe fomoriano, Elatha. Com sua escolha, os daneanos esperavam angariar a simpatia dos fomores, dos quais ainda tinham certa desconfiança. No entanto, embora educado junto da mãe, Bres herdara as tendências maléficas do pai. Esquecendo-se de que um rei deve dar antes de tomar, logo sobrecarregou seu povo com duros impostos, alegando, é claro, que agia em favor do bem comum.

— Do que estão se queixando? — dizia ele, irônico. — Cobrando impostos de cada chaminé que lança fumaça para o céu da Irlanda, mostro minha preocupação em preservar o ar puro de nossa bela ilha.

O sarcasmo do novo rei exasperava os daneanos. Quando os chefes dos clãs³ lhe pediram moderação, ele os humilhou submetendo-os a trabalhos servis. Assim, Ogma, orador inteligente,

foi obrigado a curvar as costas sob o peso de feixes de lenha, e Dagda, hábil harpista, teve os dedos deformados escavando fossos para melhorar as fortificações da cidade. A cada um coube uma quota de trabalho duro, e a todos, o dever de pagar impostos cada vez mais altos. A cólera dos daneanos era ainda maior porque, ao mesmo tempo, Bres cobria de presentes os fomores de seu clã e nada fazia pela prosperidade do país.

Logo as terras do reino começaram a refletir a avareza do rei, produzindo colheitas cada vez mais escassas. Por isso as antigas crônicas da Irlanda chamam o período do reinado de Bres de sete anos funestos.

No entanto, também esses anos chegaram ao fim. Ora, Miach, filho de Diancecht, também se tornou um médico hábil. E um dia ele descobriu um meio de substituir o braço de prata do rei Nuada por um braço verdadeiro, de carne e osso. Com o corpo intacto, Nuada podia voltar a reinar. Então, de espada em punho, apresentou-se diante de Bres, que foi obrigado a se retirar sob os apupos dos Filhos de Dana.

Nuada voltou a reinar com sabedoria, e a prosperidade voltou à ilha. O rei aprendera a se precaver contra seus ímpetos. No entanto, sempre que via uma gralha no céu, não podia deixar de sentir um aperto no coração e dar um suspiro de nostalgia.

2.

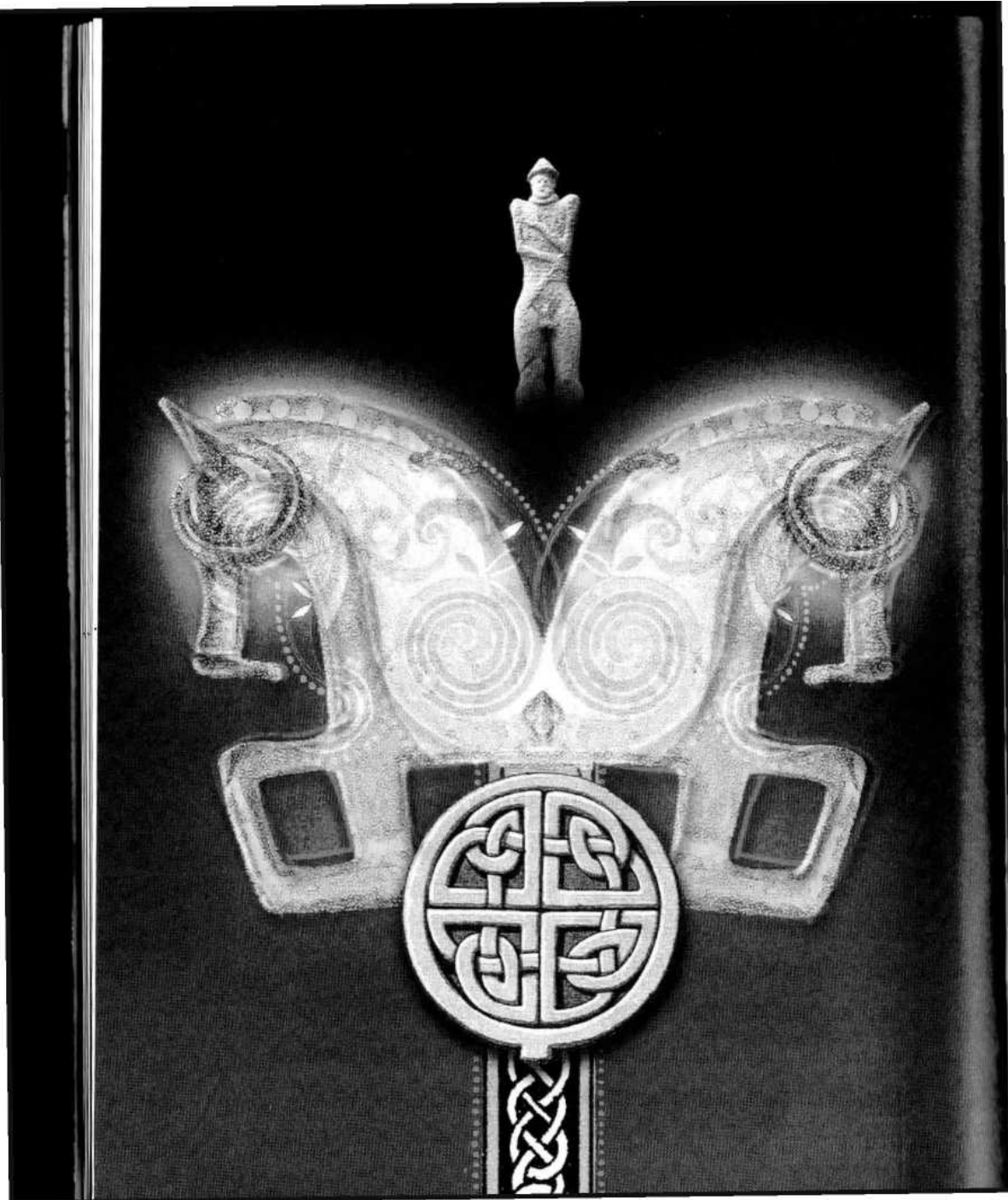
A segunda batalha de Mag Tured

Depois de sete anos de miséria e tormentos, o povo de Dana finalmente voltou a encontrar tranquilidade e opulência. Nuada ocupava o trono. O tirano Bres havia sido banido da Irlanda. Mas uma nuvem escura voltara a surgir no céu azul.

Como era de esperar, Bres se refugiara junto dos fomores. Ninguém tinha dúvida de que, cedo ou tarde, os monstros romperiam o tratado de aliança que os unia às tribos de Dana e tentariam apossar-se da ilha Verde.

Os exércitos de Dana sentiam que tinham força suficiente para rechaçá-los, mas havia uma questão muito séria: em caso de guerra, quem os comandaria? Sob o reinado de Bres, todos os chefes de clãs tinham sido humilhados, e já não estavam capacitados para exercer o comando. De fato, não seria conveniente colocar a liberdade da Irlanda nas mãos de um homem que já tivesse conhecido a submissão.

Certo dia, Nuada dava um banquete em sua cidade de Tara quando um carro puxado por dois garanhões



brancos como a neve, de erma amarela como o sol, chegou à porta da cidade. Um jovem o conduzia. As cores de seus trajes bordados mostravam que ele pertencia ao clã de Diancecht, mas Gamai, guerreiro encarregado de guardar as portas de Tara, não reconhecia sua fisionomia.

— Quem é você? — perguntou Gamai. — Que arte você exerce? Ninguém se aproxima dos Filhos de Dana se não tem um dom especial.

— Você perguntou e terá resposta: sou carpinteiro.

— Já temos carpinteiro. Ele se chama Luchta e é filho de Lucachada. Por acaso não sabe fazer outra coisa?

— Pergunte que eu respondo. Sou especialista na arte de ferrar cavalos.

— Já temos um ferrador, Colum Cualemach. Por acaso não sabe fazer outra coisa?

— Pergunte, pergunte! Sei cantar e acompanhar-me na harpa.

— Já temos um harpista. É Abcan, filho de Bicelmos. Por acaso não sabe fazer outra coisa?

— Pergunte, não ficarei mudo! Submeto qualquer adversário, esteja ele de mãos vazias ou empunhando espada.

— Já temos um herói, Bresal Echarlam, filho de Echam Baithlaim. Por acaso não sabe fazer outra coisa?

— Faça sua pergunta, não me será difícil responder. Sou caldeireiro.

— Já temos um caldeireiro, que é Creidne Cerd. Por acaso não sabe fazer outra coisa?

— A isso é fácil responder. Se algum mal afetar os Filhos de Dana, saberei curá-los.

— Já temos um médico. Seu nome é Diancecht. Por acaso não sabe fazer outra coisa?

O jovem disse então que conhecia as fórmulas sagradas, os ritos, os segredos das árvores e dos rochedos. Mas Gamai não se

satisfaz, pois em Tara eram incontáveis os feiticeiros, druidas e druidesas. O viajante acabou perdendo a paciência. Já era tarde e seus cavalos estavam com sede.

— Tudo bem — disse ele -, em sua cidade há muitos homens de mérito. Mas vá perguntar a seu rei se algum deles equivale a todos os outros juntos. Se ele disser que sim, não entrarei em Tara.

O tom do rapaz era tão decidido que o guarda não pôde deixar de obedecer à sua ordem imediatamente.

— O que foi? — perguntou o rei, ao ver Gamai chegar tão afobado. — Por que tanta agitação?

— Chegou à porta da cidade um jovem conduzindo um carro puxado por dois cavalos, ambos brancos como a neve e de crina amarela como o sol. Ele se diz versado em todas as artes.

— É mesmo? — disse Nuada. — Pegue aquele jogo de xadrez. Convide-o a jogar uma partida. Ele não precisará procurar parceiro, pois as peças se moverão sozinhas. Caso saia vitorioso, que venha pessoalmente me contar. Caso contrário, expulse-o.

Pouco depois o jovem foi apresentar-se ao rei, levando o tabuleiro de xadrez embaixo do braço.

— Se você tem todos os talentos de que se vangloria, seja bem-vindo — disse Nuada. — Como se chama?

— Meu nome é Lug. Meu pai é Cian, filho de Diancecht, e minha mãe é Eithne, filha de Balor. Você deve lembrar que pelo casamento deles foi selada a aliança entre as tribos de Dana e os fomores.

Conforme era costume entre as famílias nobres, Lug havia sido criado longe dos pais. Agora chegara à idade de participar da corte do rei, e por isso viera apresentar-se a Nuada.

— Seja bem-vindo — disse o rei. — Pelo que diz meu porteiro, você tem todos os dons imagináveis. Qual deles deseja pôr a serviço dos Filhos de Dana?

— Balor, meu avô, deu ouvidos aos rancores de Bres e está se preparando para romper o tratado de aliança cornos daneanos. Não

quero que essa vergonha recaia sobre mim. Peço que aceite meus braços, que são hábeis no manejo das armas.

— No que se refere a braços, tenho certa satisfação em usar os meus. Mas aceito sua ajuda.

Logo ficou claro que Lug não havia exagerado ao proclamar seus talentos. Impressionado com seus méritos, o exército o reivindicou como chefe.

Durante sete anos, dirigidos por ele, os daneanos — se prepararam para repelir o inimigo. Os fomores, por sua vez, mais habituados a lutar na água do que em terra, treinavam para a invasão.

Finalmente, alguns dias antes da festa de Samain⁴, certa manhã os sentinelas anunciaram a aproximação da frota inimiga. Os monstros instalaram suas tendas no mesmo lugar em que os daneanos haviam desembarcado quatorze anos antes.

— Será preciso saber quantos eles são e quem são seus chefes — disse Lug.

— Nada mais fácil — respondeu Dagda vou me informar.

Na mesma hora ele se dirigiu ao acampamento do inimigo arrastando sua clava, tão pesada que ia formando um sulco atrás dele. Ao vê-lo chegar tão repentinamente, os fomores se assustaram, achando que se tratava de um ataque-surpresa. No entanto, tranquilizaram-se ao ver que ele estava sozinho.

— Cuidado — disse Balor, quando lhe deram a notícia. — Dagda conhece sortilégios. Por acaso ele está trazendo sua harpa de ouro, aquela que toca a melodia da tristeza, a do riso e a do sono?

— Não está trazendo instrumento nenhum, só uma clava do tamanho de um tronco de árvore.

— Se é assim, tentem saber o que ele quer.

Os fomores foram ao encontro do daneano.

— Você perdeu a cabeça? Como ousa aproximar-se das linhas inimigas? Vamos fazê-lo perder o gosto por essas suas aventuras!

Dagda levantou a voz, para que todos o ouvissem:

— Vejo que é verdade o que dizem por aí! Os fomores, de fato, não são nada hospitaleiros. Às vésperas de Samain, que é um dia de trégua, vocês ameaçam um estrangeiro que vem bater à sua porta? Obrigado pelo aviso, vou agora mesmo compor uma canção para alertar o mundo inteiro.

Os fomores ficaram constrangidos. Dagda, aquele espertinho, estava empregando contra eles a arma dos oradores mágicos⁵. Se não o recebessem, perderiam a honra, e todos sabiam que seria de mau au- gúrio cobrir-se de vergonha quando se preparavam para a batalha.

Pois também usariam de esperteza. Ofereceriam a Dagda o que ele queria, uma hospitalidade além de todas as expectativas. Cavaram um poço no centro do acampamento e o encheram com leite, gordura, farinha, carne de cabra e de carneiro e, para completar, mais três ou quatro porcos inteiros.

— Bom proveito, Dagda! Você tem fama de glutão, mas nem um ogro do seu tamanho dará conta da generosidade dos fomores!

Dagda estava preso na própria armadilha. Se não se comportasse como convidado e não desse conta do desafio, os fomores teriam boas razões para matá-lo por espionagem. Com ar de tolo, debruçou-se à beira do poço. E então mostrou que um chefe daneano nunca deixa de fazer jus à sua reputação: engoliu o leite, a farinha, a gordura, a cabra, o carneiro e os porcos. Dizem que não deixou sobrar nem as pedras do fundo do poço.

Ao levantar-se, Dagda estava redondo como um odre cheio, embriagado de tanto comer.

— Agora, para ajudar a digestão, beba um trago!

E ele foi obrigado a tomar um tonel de cerveja. Os fomores se divertiam em vê-lo assim, com o ventre inflado, o rosto rechonchudo, as roupas lambuzadas de gordura e cerveja. Levaram-no para visitar todo o acampamento, caçoando, enquanto ele se esforçava para manter a compostura. Mas Dagda não estava tão bêbado quanto queria que acreditassem. Sob as pálpebras semicerradas, seus olhos se mantinham vigilantes. Assim, logo ficou sabendo tudo sobre

o inimigo: quantos homens iriam para a batalha, quantos carros e cavalos, quem seriam os chefes, quantas e quais armas tinham de reserva. Levaria todas as informações para Lug. No entanto, ao fazer menção de sair do acampamento, seus acompanhantes o detiveram.

— Como, já vai nos deixar? Ora, ainda nem lhe oferecemos toda a nossa hospitalidade! Hoje fomos obrigados a improvisar, mas amanhã vamos preparar uma refeição digna de você!

Dagda era valente, só que aquela noite estava com o estômago cheio demais para abrir caminho à força por entre as fileiras compactas dos fomores. Fingindo aceitar o convite, foi cambaleando até a praia e despencou na areia. Logo um ronco terrível assustou os pássaros à sua volta. No entanto Dagda não estava dormindo. Estava contando as ondas que se quebravam contra os cascos dos barcos para calcular o tamanho da frota. A noite já estava bem escura quando ele ouviu claramente passos ligeiros que se aproximavam.

— Não tenha medo, Dagda — sussurrou uma voz suave. — Vim para ajudá-lo.

Dagda entreabriu os olhos e, à luz da lua, viu uma jovem.

“Como os fomores, esses seres horríveis, são capazes de gerar moças tão bonitas?”, ele pensou.

A moça chamava-se Elen. Diziam que era maga, mas talvez a essência de sua magia estivesse em sua beleza. Assim que avistara Dagda, Elen se apaixonara violentamente por ele. Com a lucidez do amor, pois só os insensatos acham que o amor é cego, ela compreendera que o daneano estava se fingindo de bêbado e que, no caso dele, era preciso ter mais coragem para se deixar ridicularizar pelos inimigos do que para lutar contra eles com a clava. Admirando sua valentia e habilidade, imediatamente a moça se dispôs a ajudá-lo.

E, de fato, Elen o ajudou. Usando sua magia para desviar a atenção dos sentinelas, permitiu que Dagda se esgueirasse para fora do acampamento. Depois foi juntar-se a ele montando uma égua veloz como o vento, que os levou para Tara, onde Dagda logo prestou contas de sua missão.

Muito satisfeito com as informações obtidas, Lug convocou os chefes de clã.

— Assim que terminar a trégua, o inimigo nos atacará. Gobniu! Você, que é ferreiro, diga-me o que fará pela glória dos Filhos de Dana?

— Coisa fácil para mim é consertar cada espada quebrada, cada gládio despedaçado. Nenhuma arma saída de minha forja errará seu alvo.

— E você, carpinteiro Luchta, o que fará pelos Filhos de Dana?

— Não será difícil consertar cada lança quebrada, cada escudo partido.

— Bronzista Cridne, o que fará pelos guerreiros de Dana?

— Quando se danificarem os rebites dos chuços, os punhos das espadas, as tachas dos escudos, facilmente os consertarei.

— Diancecht, nosso médico, o que você fará pelos homens de Dana?

— Ora, o de sempre. Farei levantar-se novamente todo guerreiro que cair sob os golpes do inimigo, contanto que não lhe tenham cortado a cabeça. Para mim, não há nada mais fácil que isso.

E assim cada um dos convocados continuou declarando o que seria capaz de fazer: Ogma comprometeu-se a barrar com seu sopro o ímpeto dos inimigos; os bardos, com seus encantamentos, fariam o adversário perder a força e a honra; o druida Fingol despejaria uma chuva de fogo sobre as cabeças inimigas; as sacerdotisas enfeitiçariam as árvores e os montículos de terra para transformá-los em guerreiros armados; Morigane semearia a morte onde sua sombra se projetasse.

— E você, Dagda, que ainda não disse nada?

— Tudo o que os outros fizerem também poderei fazer. E, sozinho, obterei um terço da vitória.

Lug lançou um olhar benevolente para seus oficiais. Com guerreiros como aqueles, não seria difícil obter a vitória. Acontece

que logo ele percebeu que os fomores também tinham grandes poderes.

Mais uma vez as maldições dos bardos e os barridos das trombetas de cobre elevaram-se sobre Mag Tured. Mais uma vez a planície se embebeu com o sangue dos heróis. À ciência e aos talentos dos daneanos, os fomores responderam com sua selvageria e força bruta. Durante horas, os dois exércitos se bateram, sem que se vislumbrasse a solução do confronto. Do alto de uma colina, Lug observava os combatentes. Afligia-se por ver a batalha se prolongar e, principalmente, por não poder participar dela diretamente. Ora, mostrando que a experiência o tornara mais prudente, Nuada havia ordenado que nove guardas impedissem Lug de entrar na luta, pois considerava sua vida por demais preciosa. Mas Lug tinha sangue quente e ansiava por uma solução final. Avistava do outro lado do campo de batalha a silhueta alta de seu avô, o gigante Balor. Sabia que bastaria vencê-lo para provocar a derrota dos fomores. Já não suportando a espera, ele vestiu a armadura de seu cocheiro para ludibriar a vigilância dos guardas, saltou sobre seu carro e precipitou-se direto de encontro a Balor.

Vendo lançar-se contra eles aquele guerreiro furioso, nimbado pelos raios de sua cólera, os fomores trataram de se afastar das foices terríveis que guarneciam os flancos de seu carro e se protegeram atrás do gigante.

Lug deteve o cavalo diante de Balor e o desafiou. O gigante e seu neto trocaram palavras duras e cruéis, numa conversa que se prolongou até o anoitecer. Ao sentir que o calor do sol diminuía, Balor achou que estava na hora de acabar com aquilo.

— Aproximem-se, meus serviçais! Levantem minha pálpebra para que eu veja esse tagarela que diz ter saído das entranhas de minha filha!

Era a oportunidade que Lug esperava. Girou sua funda e, no momento exato em que a pupila flamejante apareceu, ele soltou a arma. A bola da funda atingiu o alvo com tanta força que o olho mágico saiu por trás da cabeça do gigante, caindo sobre os fomores que se protegiam às suas costas e matando centenas deles. Incentivados pelos gritos de Morigane, os guerreiros de Dana se

lançaram sobre os inimigos desamparados pelo chefe e os empurraram até o mar.

Assim, por muito tempo as tribos de Dana foram os únicos ocupantes da Irlanda. No entanto, nada é definitivo, nem mesmo para os deuses.

Certo dia, surgiram os Filhos de Mile. Os Filhos de Dana permitiram que os novos invasores se instalassem na ilha e, sob a condição de serem reconhecidos como divindades, retiraram-se para terra firme.

Ainda hoje os descendentes de Mile habitam a Irlanda. Acabaram esquecendo um pouco suas divindades, que no entanto não estão longe. Na ilha erguem-se inúmeros montículos, que os arqueólogos dizem ser antigos túmulos. No entanto, pessoas que os viram abrir-se numa noite de Samain dizem que esses montículos cobrem os palácios dos Filhos de Dana.

3.

A busca dos filhos
de Tuireann

Por que Cian não levava armas na segunda batalha de Mag Tured? Ora, não é difícil responder: ele havia morrido. Eis a história.

Quando preparava a defesa contra os fomores, Lug pediu ao pai:

- Vá até o norte da ilha para reunir os guerreiros.

Na mesma hora, Cian subiu em seu carro e partiu. Quis a sorte que seu caminho cruzasse com o dos três filhos de Tuireann. As duas famílias se detestavam. Entre elas havia uma rivalidade tão antiga que ninguém mais se lembrava de suas causas. Por isso mesmo, esse ódio se tornara insolúvel, e só teria fim quando um dos dois clãs se extinguisse. Enquanto isso não acontecia, cada vez que um filho de Dian-cecht encontrava um filho de Tuireann em terreno neutro, os dois travavam uma luta feroz. Naquele dia, no entanto, Cian precisava evitar o confronto, não por medo, mas porque não podia deixar de cumprir sua missão por causa de um problema familiar. Então ele resolveu fugir, mas os filhos de Tuireann o reconheceram e saíram em sua perseguição.

Soltando as rédeas dos cavalos, Cian passou a incitá-los:

— Mais depressa! Vamos, mais depressa!

Os animais faziam o que podiam, mas as montarias dos perseguidores estavam mais descansadas e ganhavam terreno. De repente, um bando de javalis atravessou na frente do fugitivo. Sem hesitar, Cian deixou-se cair no chão e, usando seus conhecimentos de magia, transformou-se também em javali e se misturou ao rebanho.

Mas Brian, o mais velho dos filhos de Tuireann, percebeu a transformação mágica. Junto com os irmãos, lutar e luchar, lançou-se sobre os javalis com o chuço erguido. Como todos os descendentes de Dana, eles tinham a ciência dos druidas e

conseguiam distinguir Cian dos outros animais, ferindo-o mortalmente.

Atravessado pelos três chuços, Cian voltou o focinho para Brian.

— Conceda-me um favor — ele disse. — Deixe-me voltar à forma humana para morrer.

Desconfiado, Brian teve medo de atender ao pedido, mas lutar o incitou a ceder.



— Nós somos três, ele é um só, e além do mais está debilitado pelos ferimentos. Mesmo que levantasse a arma contra nós, nada poderia fazer!

E Iuchabar insistiu:

— Não manche nossa reputação recusando a um moribundo a graça que ele está pedindo.

— Tudo bem — cedeu Brian. — Volte à sua forma anterior.

Assim que recuperou a aparência humana, Cian dirigiu-se a eles, zombando:

— Se vocês tivessem me abatido quando eu era um javali, ninguém os teria censurado. Agora, se acabarem comigo, estarão cometendo um homicídio!

Os três guerreiros ficaram furiosos por terem caído na armadilha. A ausência de testemunhas não os tranquilizava em nada. Naquele tempo, as espadas, quando eram desembainhadas, contavam as ações que realizavam. Lug, portanto, não tardaria em saber o nome dos assassinos de seu pai.

— Que não seja por isso — exclamou Brian. — Não usaremos armas!

Ele saltou do cavalo e apanhou uma pedra imensa, com a qual atingiu o ferido. Iuchar e Iuchabar fizeram o mesmo, e logo Cian estava estendido no meio da poeira, com os ossos moídos. A terra se revoltou tanto com aquele procedimento indigno de guerreiros que os três irmãos tiveram de tentar sete vezes até que ela consentisse em cobrir os despojos de Cian.

Alguns dias depois, preocupado com a longa ausência de Cian, Lug partiu à sua procura. Quando ele passava perto da sepultura do pai, as pedras começaram a falar. Não fazia parte de seus hábitos, mas, já que tinham sido usadas como armas, por que se calariam? E assim Lug ficou sabendo da verdade.

De volta a Tara, diante de todos os chefes de clã reunidos, ele se dirigiu ao rei Nuada.

— Se um homem tivesse matado seu pai, não em um duelo digno, de arma em punho, mas da maneira como se mata um animal

selvagem, você não acharia justo que ele sofresse uma morte dolorosa? — Lug perguntou, olhando para Brian.

— Claro — respondeu Nuada.

E todos passaram a sugerir os mais terríveis castigos. Até os filhos de Tuireann aprovaram, temendo levantar suspeitas. No entanto, como Lug continuava olhando fixo para eles, Brian compreendeu que precisava fazer alguma coisa mais.

— Não sei o que aconteceu com Cian — ele disse.

- Mas, ao que parece, você acha que nosso clã está envolvido na morte dele. Portanto, estou disposto a pagar o preço de seu sangue.

Na época, era costume permitir a um acusado que reparasse seus erros para escapar a uma condenação.

— Pois bem — disse Nuada, dirigindo-se a Lug. — A decisão é sua.

— Aceito — respondeu Lug. — E é este o preço do sangue de meu pai: três maçãs, uma pele de porco, uma lança, dois cavalos, sete leitões, um cão, um espeto de grelhar carne e três gritos.

— Só isso? — perguntou Nuada, um tanto preocupado. Achava que talvez a dor tivesse levado o chefe de seu exército a perder a razão.

— Não é para mim que peço essas coisas — Lug disse para tranquilizá-lo. — Serão úteis na guerra que estamos preparando contra os fomores. Estou dando aos filhos de Tuireann a oportunidade de lavar sua honra servindo ao interesse comum. Você aceita, Brian?

A oferta tão generosa e o pedido tão modesto fizeram Brian desconfiar de alguma cilada. Mas tinha dado sua palavra e não poderia voltar atrás. Resolveu pelo menos pedir permissão para consultar seu pai.

Tuireann, também temendo uma artimanha, aconselhou:

— O tempo é curto, pois você deverá juntar esses objetos antes do ataque dos fomores. Então, peça a Lug que lhe empreste seus

cavalos brancos de crina dourada, os mais fogosos que há sob o sol. É claro que ele recusará. Então peça emprestado o barco de Mananann, mestre do mar. Não há embarcação mais veloz sobre as ondas do mar. Todos sabem qual é o costume: uma segunda recusa da comunidade livrará você de seu compromisso com ela.

Brian seguiu o conselho do pai. Conforme era de esperar, Lug negou secamente seu pedido. Mas Mananann, percebendo a estratégia, preferiu emprestar seu barco a permitir que os filhos de Tuireann se livrassem do compromisso. O mestre do mar levou-os pessoalmente ao lugar em que a embarcação estava atracada. Ao vê-la, luchar exclamou:

— Ora, é apenas uma canoa! Nós três nem cabemos nela.

— Não tem mastro nem leme — acrescentou luchabar. — Como poderemos dirigi-la?

— Subam e compreenderão — disse Mananann. — As coisas nunca são o que parecem.

Na verdade, tratava-se de um navio mágico, que crescia à medida que era carregado. Quanto a dirigi-lo, não havia nada mais simples: bastava pronunciar uma frase indicando o destino desejado para que ele partisse imediatamente no rumo certo. Ainda bem, pois, confirmando as suspeitas de Brian, Lug definiu precisamente cada um de seus pedidos.

Assim, as maçãs deveriam ser colhidas no pomar do rei de Isbérnia⁶. Esses frutos tinham o poder de curar todas as doenças. Quando atirados na cabeça de um inimigo, eles o matavam e, depois, voltavam para a mão que os lançara.

Brian pronunciou a frase mágica:

- Barco de Mananann, já que estás sob nossos pés, leva-nos a Isbérnia!

Mal ele proferiu essas palavras, a paisagem mudou. O navio deixou as paragens brumosas da Irlanda e navegava, sob um sol escaldante, ao pé da alta muralha que cercava o pomar do rei. Luchar e luchabar propuseram atacar os guardas de surpresa, mas o irmão

preferiu poupar energia, pois eles estavam apenas no início de sua busca.

— Lembrem-se das lições que aprendemos com nossos druidas — disse Brian. — Nenhum muro é bastante alto para deter um pássaro.

Os três transformaram-se em falcões, transpuseram a muralha, e cada um deles apanhou uma maçã. O rei de Isbérnia os avistou de sua janela e estranhou que aves de rapina gostassem de maçãs. Transformou então suas três filhas em dragões e lançou-as em perseguição aos falcões. Ao sentirem nas costas o sopro inflamado dos monstros, os filhos de Tuireann transformaram-se em corvos-marinhos. Dobrando as asas, mergulharam sob as ondas e só voltaram a sua aparência original para embarcar. Iucharabhar apontou para o céu. Os dragões, inicialmente desnorteados com o desaparecimento dos falcões, haviam localizado o navio desconhecido e precipitavam-se contra ele. Brian mal teve tempo de gritar:

— Barco de Manannan, já que estás sob nossos pés, leva-nos à Grécia!

As garras dos dragões se fecharam em torno da espuma.

Na Grécia, eles desembarcaram na cidade do rei Tuis. Esse rei tinha a pele de porco que Lug desejava, pelo poder que ela tinha de fechar qualquer ferida, por mais profunda que fosse.

— Desta vez — disse Iucharabhar nada de rodeios. Vamos tomar o palácio de assalto.

— Por acaso você sabe onde está o tesouro de Tuis? — replicou Brian. — Precisamos ser mais sutis. Os gregos são grandes apreciadores de arte. Fingindo-nos de poetas itinerantes, conseguiremos nos aproximar do rei.

De fato, eles foram aceitos num banquete que o rei oferecia aos amigos. Brian cantou para eles um poema muito astucioso. Falava de um rei que, quando ficava satisfeito com os poemas compostos em sua homenagem, pagava o autor com uma pele de porco mágica. Na Irlanda, isso seria o suficiente para obrigar o rei a fazer o mesmo,

pois lá o poder dos bardos é respeitado e todos sabem que eles não falam só por falar. Mas os costumes dos gregos são diferentes.

Tuis dava risada, acreditando que fosse tudo brincadeira. E, para continuar se divertindo, respondeu aos estrangeiros que lhes daria todas as moedas de ouro que coubessem dentro da pele de porco. Mortificado por ver que sua artimanha não tinha dado certo, Brian fingiu aceitar. Quando o rei lhe estendeu a pele, pegou-a com a mão esquerda e, com a direita, acertou um golpe de espada no crânio de Tuis. Em seguida, correu para a porta de saída junto com os irmãos. Os guardas do palácio, sem entender o que estava acontecendo, não tiveram como impedi-los de voltar ao barco mágico.

— Barco de Mananann, já que estás sob nossos pés, leva-nos à Pérsia!

A prova seguinte consistia em apoderar-se da lança de Písar, rei dos persas, uma arma feita de fogo que jamais errava o alvo. Brian não se conformava com o fracasso anterior de seu poema.

— Os gregos são uns grosseirões que não respeitam as coisas sagradas — ele tentava explicar. — Com os persas o estratagema há de funcionar.

Diante do rei Písar, ele cantou então um poema que o instava a lhe dar sua lança mágica. Mas Písar não se impressionou nem achou graça. Achando que Brian estava caçoando dele, ordenou a seus guardas que prendessem os estrangeiros e os esfolassem vivos, como castigo por tanto atrevimento. Mas Brian, que trazia escondidas sob o casaco as três maçãs de Isbérnia, atirou uma delas contra a cabeça do rei e o matou na hora. Enquanto seus irmãos seguravam os guardas, ele se apoderou da lança mágica, exposta ao lado do trono. Depois disso, os filhos de Tuireann passaram pelos soldados persas sem dificuldade e voltaram a seu barco.

— Barco de Mananann, já que estás sob nossos pés, leva-nos à Sicília!

Dobar, rei da Sicília, tinha dois magníficos ganhões que corriam tanto sobre o mar quanto sobre a terra. E, quando eram

mortos em combate, bastava juntar seus ossos para que eles voltassem a galopar. Eram esses os cavalos que Lug queria.

Dessa vez, lutar e luchar convenceram o irmão a deixar de lado seus poemas para voltar ao velho método do ataque-surpresa. No entanto, ao chegar à Sicília, eles enfrentaram uma dificuldade inesperada. Dobar tinha centenas de cavalos. Como identificar os dois que procuravam? Assim, os filhos de Tuireann alistaram-se como soldados mercenários. Mostraram-se tão valentes que logo o rei lhes entregou a chefia de seu exército. Tinha certeza de que nenhum inimigo ousaria desembarcar em sua ilha enquanto eles estivessem à frente de sua defesa. Mas, depois de seis semanas, Brian anunciou a Dobar que ele e os irmãos iriam embora.

— Ora, por quê? — perguntou o rei. — Não estão satisfeitos com o pagamento? Pois não lhes dei até um palácio, ao lado do meu?

— É verdade — respondeu Brian. — Mas não posso continuar servindo alguém que não confia em mim.

Surpreso, o rei pediu-lhe que explicasse melhor.

— Dizem que o senhor tem dois cavalos maravilhosos. Eu, no entanto, que dirijo seu exército, jamais os vi.

— Se é isso, nada mais simples. Gosto do serviço de vocês e não desejo vê-los partir.

Na mesma hora, o rei mandou trazer seus garanhões, atrelados ao mais precioso de todos os seus carros. Os três irmãos nem esperaram o carro parar. Saltaram dentro dele e empurraram o cocheiro para fora.

— Sinto muito — disse Brian -, preciso destes animais. Mas, já que você disse que gosta de nós, não vamos matá-lo.

Quando os soldados de Dobar começaram a pensar em reagir, os cavalos já estavam na canoa mágica, que àquela altura já estava bem grande.

— Barco de Mananann, já que estás sob nossos pés, leva-nos às Colunas de Ouro!

Os porcos das Colunas de Ouro eram sete. Se alguém os comia à noite, na manhã seguinte voltava a encontrá-los, bem vivos. Quem comia sua carne não sabia o que era doença nem cansaço. Por isso Lug os queria.

Os filhos de Tuireann encontraram aquele porto longínquo obstruído por correntes. Concluíram que a fama deles já se espalhava entre os reis detentores de tesouros. Então pediram para ser levados até o rei Eassal, e apenas lhe lembraram que todos os soberanos que os rejeitaram tinham sido mortos, com exceção de Dobar, que demonstrara gostar deles. O rei expressou-lhes sua estima e apressou-se em reunir seu conselho. Seus homens deliberaram que seria melhor voltar a criar porcos comuns a travar uma guerra perdida de antemão. Além do mais, poderiam até dedicar-se a criar carneiros, para variar um pouco. Eassal aceitou a decisão. Depois de entregar os porcos mágicos aos três irmãos, perguntou:

— Para onde vocês vão agora?

— Vamos procurar Faimilis, que, segundo dizem, tem um cão que assusta os mais selvagens animais. Lug quer usá-lo para espantar as montarias dos inimigos.

— Faimilis é meu genro. Como o conheço, vai querer se fazer de valente. Por amizade a mim, sejam indulgentes. Não quero que meus netos fiquem órfãos antes de terem idade de subir ao trono.

Faimilis, de fato, mostrou-se menos prudente que o sogro. Resolvido a resistir aos filhos de Tuireann, mandou construir fortificações ao longo de toda a costa, imaginando que isso bastaria para impedi-los de desembarcar em suas terras, mas eles lhe provaram que não era. Brian dirigia o carro puxado pelos cavalos de Dobar, luchar lançava as maçãs de Isbér-
nia, luchabar empunhava a lança de fogo. O exército inteiro de Faimilis mostrou-se insuficiente para detê-los. Em atenção a Eassal, os três pouparam a vida de seu genro e contentaram-se em levar seu cão.

Enquanto isso, como estava a situação em Tara? Lug acompanhava todos os feitos dos assassinos de seu pai. Por um lado, ele devia estar satisfeito, pois precisava de fato dos tesouros que eles conquistavam. No entanto ele preferiria vê-los humilhados

ou até mortos. Além disso, irritava-o a facilidade cada vez maior com que estavam conseguindo cumprir suas tarefas. Por isso, resolveu atrapalhar um pouco os três irmãos, lançando sobre eles um encantamento para perturbar sua memória.

Brian então esqueceu que ainda faltavam duas provas. Pensando que sua missão estivesse cumprida, voltou a Tara, muito orgulhoso, levando seus troféus. Na presença do rei Nuada e de todos os chefes de clã, Lug pôs-se a examiná-los. Brian vangloriava-se,

ansioso por contar suas proezas. Mas seu sorriso se congelou quando Lug, em vez de lhe dar os parabéns, admoestou-o em tom severo:

— Você só tem meia palavra! Ora, eu não havia pedido o espeto de grelhar das feiticeiras de Fianchaire? Pois não o estou vendo. É verdade que ninguém sabe onde fica essa ilha, e decerto para você é mais fácil usar os músculos do que a reflexão e o raciocínio.

Confuso, Brian quis protestar, mas Nuada confirmou as palavras de Lug.

— E não é só isso. Lembro que, depois de trazer esse objeto, cada um de vocês deverá subir ao alto da colina guardada por Miochaoin e emitir um grito tão alto que possa ser ouvido em Tara.

Furiosos com tal afronta, os três irmãos voltaram a embarcar, enquanto Lug guardava as preciosidades que lhe tinham sido trazidas, vangloriando-se de seu golpe. Além de terem sido ridicularizados, os filhos de Tuireann seriam obrigados a terminar sua missão sem dispor da ajuda dos objetos mágicos.

— Barco de Mananann, já que estás sob nossos pés, leva-nos à Fianchaire!

No entanto a embarcação os levou até o meio do oceano. Por mais que procurassem, não enxergavam nem sinal de terra.

— Ora — lamentou-se lutar. — Nem a canoa mágica do mestre do mar consegue nos levar até essa ilha. Como poderemos encontrá-la?

— Mas esse barco deve saber onde ela fica! — gritou Brian. — E o mestre do mar sempre diz que não devemos nos deixar enganar

pelas aparências. Nosso erro é procurar apenas na superfície do mar, esquecendo-nos de que há também as profundezas.

Sem dar ouvidos aos irmãos, que lhe pediam para desistir daquela loucura, Brian mergulhou rumo ao fundo do mar. Lá, numa cidade de vidro, ele viu um grande número de mulheres de beleza sobrenatural, sentadas em círculo, todas ocupadas em bordar. Eram as feiticeiras de Fianchaire. No centro do círculo, um porco assava num espeto. Admiradas com a coragem de Brian, as feiticeiras lhe ofereceram sua amizade. Depois que ele passou uma noite com cada uma delas, deixaram que ele partisse, levando o objeto que cobiçava.

Só faltava os três irmãos anunciarem seu sucesso emitindo o grito de júbilo de seu clã do topo da mais alta colina da Irlanda.

Voltando à Irlanda, Brian foi direto ao encontro de Miochaoín, o temível guardião da colina, e desafiou-o para um duelo. Miochaoín era impiedoso, e naquele dia tinha uma razão a mais para lutar com fúria, pois ele era irmão de Cian.

Por muito tempo, o retinir das armas ecoou na encosta da colina, e no meio do dia Miochaoín tombou. Estava morto. Seus três filhos, então, desembainharam suas espadas. Luchar e luchar acorreram para ajudar o irmão. O combate violento prolongou-se até o anoitecer. A vitória coube aos três filhos de Tuireann, que no entanto, muito feridos, nem tiveram tempo de desfrutá-la.

— Irmãos — disse Brian -, a Irlanda não deve lembrar-se de nós como vencidos. Para isso, no entanto, vocês bem sabem o que nos resta fazer.

Ele ajudou os irmãos a se levantarem. Como aquela encosta lhes parecia íngreme, impossível de escalar! Finalmente, apoiando-se um no outro, eles conseguiram chegar ao alto da colina. E lá os três filhos de Tuireann soltaram seus gritos, tão altos que foram ouvidos em Tara, que no entanto ficava a uma distância de muitas léguas. O esforço os exauriu, e mal tiveram forças para se arrastar até o barco.

— Barco de Mananann, já que estás sob nossos pés, leva-nos de volta para casa! — murmurou Brian.

Tuireann foi até a praia abraçar os filhos e os encontrou caídos na areia. Pegou o espeto e foi levá-lo para Lug.

— Agora você tem tudo o que exigiu. A vida de meus filhos está se esvaindo. Emprésteme a pele de porco de Tuis para que seus ferimentos se fechem.

— Nem por um instante eu devolveria os troféus que reclamei como preço pela vida de meu pai — respondeu Lug. — Não lhe darei o que está me pedindo, mas não admitirei ser acusado de falta de generosidade. Por acaso não concedi a seus filhos uma morte mais gloriosa do que a morte que infligiram a meu pai, Cian?

Tuireann foi obrigado a reconhecer a verdade dessas palavras. Cabisbaixo, voltou para junto de seus filhos e deitou-se ao lado deles. Deixou seu coração se partir para acompanhá-los ao Outro Mundo, e assim seu clã se extinguiu. Os quatro foram enterrados na praia, na mesma sepultura.

4.

O Príncipe do Abismo

Pwyll remava sobre o Dyvet, pequeno reino situado a oeste da ilha dos Homens Fortes⁷. Então por que era chamado Príncipe do Abismo? É o que esta história vai explicar.

Certo dia, Pwyll abriu os olhos antes do amanhecer, impelido por uma imensa vontade de caçar. Acordou seus criados para que selassem os cavalos e amatilhassem os cães, reuniu alguns amigos e, com eles, partiu para a floresta à rédea solta. Cavalgou até o entardecer, sem encontrar nenhuma presa.

- Não adianta, vamos voltar — disseram seus companheiros. — O dia hoje não está favorável para nós.

Na verdade, estavam todos um pouco preocupados por terem se aprofundado tanto na floresta. Já tinham provado em outras ocasiões que não eram covardes, mas corriam histórias muito estranhas a respeito daquele lugar. Uma coisa é enfrentar o inimigo de armas em punho, outra é incomodar os maus espíritos nos domínios deles.

— Podem voltar, se quiserem — exclamou Pwyll. — Não desistirei enquanto não pegar um animal qualquer.

Seus olhos tinham um tal brilho que os companheiros não ousaram contrariá-lo. Não havia dúvida de que Pwyll estava tomado por uma inspiração divina. Assim, seus amigos voltaram e o deixaram continuar a caçada sozinho.

Pwyll mergulhou numa região profunda da floresta, onde a vegetação era tão densa que a luz mal filtrava até o chão.

Ao cair a noite, finalmente ele ouviu latidos furiosos. Lançou-se na sua direção, mas os cães que encontrou não eram os seus. Eram cães de uma brancura imaculada, com exceção das orelhas, que eram cor de sangue. Nunca vira animais como aqueles. No entanto ele não se demorou a observá-los, pois logo lhe chamou a atenção o veado magnífico que eles haviam estripado.

— A sorte está a meu favor! — ele exclamou. — Não voltarei de mãos vazias!

Logo sua matilha veio juntar-se a ele. Pwyll dispersou os animais de orelha de sangue e já se preparava



para se apossar da caça quando surgiu um cavaleiro, vestido de preto e montado num garanhão de pelagem cinzenta. Sem cumprimentá-lo, o desconhecido o repreendeu:

— Por acaso é digno de um homem de sua estirpe roubar a presa dos outros?

Pwyll foi obrigado a reconhecer que, levado pelo entusiasmo, havia agido mal. Se o desconhecido contasse sua falta, ele se tornaria objeto de zombaria. Seu povo não suportaria ser ridicularizado pelas outras nações e exigiria sua renúncia.

Para apaziguar o cavaleiro, Pwyll perguntou:

— O que posso fazer para me redimir? Diga, mas antes apresente-se, pois, conforme dita o costume, eu o indenizarei de acordo com a posição que você ocupa.

— Então você deverá se superar. Sou Arawn e reino sobre o Abismo, onde se reúnem os mortos quando deixam a superfície da terra. Vou dizer o que desejo como reparação. Um demônio está travando contra mim uma guerra interminável. Seu nome é Hafgan, e ele também quer reinar sobre o Abismo. Por mais que eu o golpeie, ele sempre volta à carga. Só um homem valente, vindo do mundo dos vivos, poderá vencê-lo. Esse homem será você. Para isso, deverá assumir meu lugar e minha aparência. Dentro de um ano, enfrentará meu inimigo.

Mate-o de um só golpe. Sob essa condição, ficarei livre dele para sempre e você resgatará sua honra.

Pwyll prometeu a Arawn atender a seu pedido, no entanto mergulhou num dilema cruel. Se faltasse à sua palavra, os piores flagelos se abateriam sobre o Dyvet, pois o perjúrio de um rei provoca a ruína de seu reino. No entanto, abandonar seu domínio durante um ano inteiro levaria ao mesmo resultado, pois uma terra sem senhor logo volta ao estado selvagem.

Compreendendo seu embaraço, Arawn disse:

— Que não seja por isso. Já que você vai assumir minha aparência, também eu assumirei a sua e reinarei em seu lugar.

E assim foi feito. Pwyll vestiu as roupas de Arawn e, na mesma hora, assumiu sua fisionomia. Montou no cavalo cinzento, que saiu

galopando rumo ao reino do Abismo. Estava tão semelhante a Arawn que ninguém percebeu a troca, nem mesmo a esposa deste último.

Depois de um ano, Pwyll encontrou Hafgan e o abateu com um só golpe, conforme a recomendação de Arawn. Assim que Hafgan caiu no chão, mortalmente ferido, o cavalo de Pwyll tomou o freio nos dentes e levou o dono até a clareira onde, um ano antes, havia encontrado o veado estripado. Arawn já

estava à espera. Os dois voltaram a trocar as roupas e cada um retomou para seu país.

Ao chegar, Arawn constatou que todos só tinham elogios para Pwyll, com exceção de sua mulher.

— Minha amiga, por que essa tristeza no rosto?

— Como ousa me perguntar, se há um ano você me vira as costas assim que nos vemos a sós?

— Acontece que neste último ano o homem que você julgava ser eu era o rei do Dyvet. Na verdade, suas palavras provam quanto ele é correto, pois é quase impossível resistir à sua beleza.

Pwyll, por sua vez, encontrou no Dyvet uma prosperidade sem precedentes. Arawn, como rei do país dos mortos, conhecia todos os segredos do mundo subterrâneo, onde os grãos amadurecem para que se desenvolvam as colheitas sob o sol dos vivos.

Contudo, Pwyll não queria usurpar os méritos de outro homem. Então reuniu seus companheiros em conselho para lhes contar sua aventura. Temia um pouco a reação deles, pois temia de confessar o que acontecera na caçada fatídica.. Mas, lembrando que aquele dia Pwyll estava meio fora de si, os amigos não duvidaram de que ele fora vítima de um sortilégio. Assim, de seu relato sã concluíram sua bravura, e passaram a chamá-lo de Príncipe do Abismo.

Uma noite, depois de se terem banquetado à mesa de Pwyll, seus companheiros de armas lhe disseram:

— Nunca o Dyvet conheceu rei mais virtuoso e audacioso do que você. Que outro homem teria ousado aventurar-se no Outro Mundo? E que outro homem pode orgulhar-se de ter um amigo tão poderoso como Arawn, rei do Abismo, que lhe envia presentes todos os meses, infalivelmente? Então, para aumentar ainda mais sua glória, por que você não tenta a prova da colina de Aberth?

Esse era o nome de uma pequena colina que cobria um antigo túmulo, erguido por um povo desaparecido. Como a maioria dessas construções, aquela tornara um lugar sagrado, mas com uma particularidade: de acordo com um presságio vindo de tempos remotos, todo homem que se sentasse no cume daquela colina assistiria a um prodígio ou, se fosse indigno disso, receberia um golpe mortal. Não é preciso dizer que eram raros os que tentavam a aventura, e nenhum, até então, havia saído vivo.

Pwyll não se fez rogar. Já no dia seguinte saiu rumo à colina. Apesar de confiarem no rei, os companheiros preocuparam-se um pouco ao verem que, de fato, ele começou a subir, e muitos deles se arrependeram por terem se deixado levar pelo entusiasmo. Entretanto, Pwyll não encontrava nenhum obstáculo. Chegando ao cume, voltou-se para lhes fazer um sinal. Não recebeu nenhum golpe, o que já era animador. Então se instalou para esperar pelo prodígio. Depois de um momento, viu passar pelo caminho ao pé da colina uma moça montada numa égua. Na verdade, aquilo já lhe parecia um pequeno prodígio. Como era uma mulher muito bonita, ele gritou para um de seus amigos que a alcançasse e perguntasse quem ela era. No entanto, mesmo esporeando o cavalo com vigor, o amigo não conseguiu alcançar a linda moça, embora a montaria dela marchasse a passo.

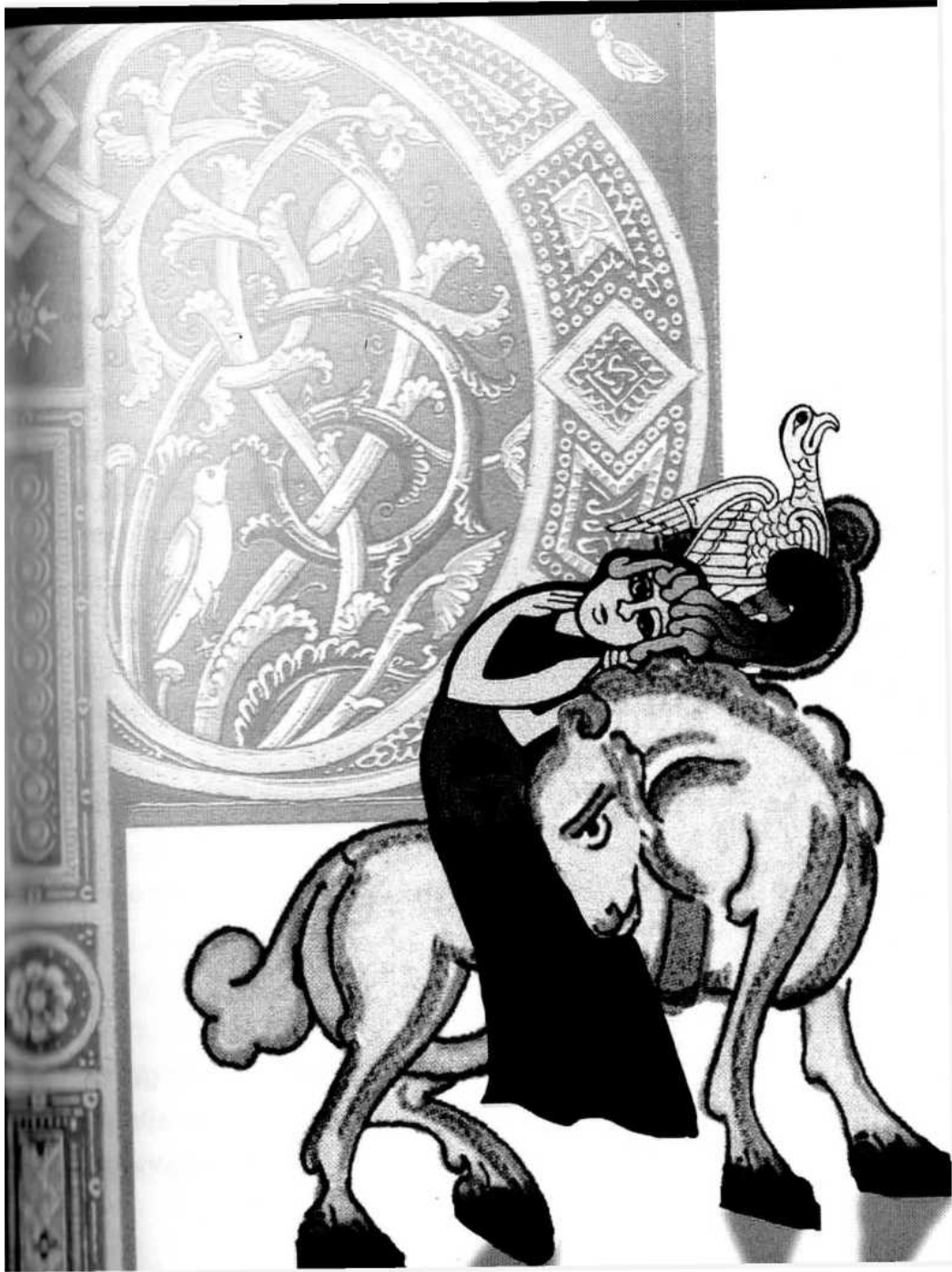
— Em nome do rei do Dyvet, pare! — ordenou o cavaleiro.

A jovem se voltou, deu de ombros e desapareceu.

No dia seguinte, Pwyll voltou ao alto da colina, depois de ordenar que seus guardas se postassem ao longo de todo o caminho. Como no dia anterior, assim que chegou ao cume ele avistou a desconhecida, e mais uma vez nenhum de seus soldados conseguiu interceptá-la.

— Em nome do Príncipe dos Abismos — eles berraram ordenamos que você pare.

Com um sorriso desdenhoso, ela se distanciou, sem ao menos fazer a égua trotar.



No dia seguinte, Pwyll resolveu persegui-la pessoalmente. Assim que avistou a bela cavaleira, desceu da colina num instante, saltou sobre seu cavalo e o esporeou violentamente. O cavalo galopava sem cessar, mas a moça era como o horizonte, que se afasta à medida que avançamos.

— Como sou estúpido! — ele se amaldiçoou. — Ela é ainda muito jovem, deve estar assustada com todos esses homens armados!

Então, temendo perdê-la de vista, ele gritou da maneira mais amável possível:

— Em nome do homem que você mais ama eu lhe peço, pare!

Ela se voltou e disse, sorrindo:

— Vou parar, sim, pois esse homem é você!

Foi assim que Pwyll conheceu Rhiannon. Ninguém sabe o que um disse ao outro. O fato é que essa única conversa foi suficiente para que Pwyll se apaixonasse perdidamente pela jovem. Logo a pediu em casamento, ao que Rhiannon respondeu:

— Aceito ser sua esposa, mas que seja conforme convém. Daqui a um ano, apresente-se a meu pai, o velho Heveidd. Você sabe onde ele mora: sua casa fica no país do Abismo, perto do vau onde você lutou com Hafgan. Se então ainda me quiser, peça-lhe para que eu me torne sua esposa.

Pwyll achou o prazo longo demais, porém não protestou, pois o sorriso de Rhiannon o emudecia.

— Agora vá cuidar de seu cavalo — ela disse -, pois o coitado correu demais.

Durante um ano, Pwyll contou dia por dia, corroído pela impaciência. Finalmente, chegou a hora de bater à porta de Heveidd. Um grande banquete estava preparado. Com o coração aos pulos, o rapaz perguntou ao porteiro qual a razão da festa.

— É que esta noite a filha de Heveidd vai se casar com o rei do Dyvet — foi a resposta.

Então Rhiannon não duvidara de seu amor! Pwyll sentiu-se o homem mais feliz do mundo!

Todos o acolheram com muita amabilidade e logo ele tomou lugar ao lado de sua noiva, mais bela do que nunca.

No final da refeição, entrou no salão um homem com ricos trajes de veludo preto bordado de ouro. Seu único olho tinha um brilho febril. Ao vê-lo, Rhiannon empalideceu. Pwyll, inteiramente entregue à sua felicidade, recebeu-o com cortesia.

— Sente-se, estrangeiro, e rejubile-se conosco, pois hoje é um dia feliz!

Mas o outro postou-se diante dele.

— Rei, vim lhe fazer um pedido!

Como rei e convidado principal do banquete, Pwyll não podia deixar de lhe dar atenção.

— Fale. Darei o que me pedir, contanto que não seja meu cavalo nem minha espada.

Acostumado à vida de solteiro, Pwyll esqueceu-se de mencionar Rhiannon. E, como era de esperar, o zarolho exigiu exatamente a noiva. Na iminência de perder a honra ou o amor, Pwyll se desesperou. Mas Rhiannon sussurrou-lhe ao ouvido:

— Esta noite sua ingenuidade nos levou à perdição. Você caiu na cilada desse demônio. Eu o conheço, ele é Gwawl, filho de Clut. Há muito tempo ele me atormenta para que me torne sua esposa. Você não poderá se furtar sem perder a honra, mas não tenha medo. Leve com você aquela bolsa de pele de porco que está ali. Vou exigir um ano de noivado desse grosseirão. Expirado esse prazo, volte disfarçado de mendigo, traga a bolsa e peça para enchê-la.

Em seguida, a moça seguiu seu raptor.

Um ano depois, Pwyll voltou ao reino do Abismo e apresentou-se diante da casa do zarolho. Trazia os pés enrolados em trapos velhos e, sobre os ombros, um pano de chão imundo. Um capuz descia-lhe até os olhos, dissimulando seu rosto. Rhiannon, que esperava por ele, reconheceu-o imediatamente pelo andar. Mandou chamar Gwawl e lhe disse:

— Jamais me casarei com um homem que seja avarento com a festa de núpcias. Mostre-me o que providenciou.

Muito seguro, pois encomendara carnes e cerveja em abundância, Gwawl a levou até o salão, onde a mesa já estava posta. Foi então que um criado lhe avisou que um mendigo queria falar com ele.

— Faça-o entrar! — exclamou Gwawl. — Não quero que digam que não fui generoso no dia de meu casamento. Ele que venha, para que eu lhe encha a barriga e a bolsa.

O mendigo entrou na sala cabisbaixo e estendeu a bolsa de pele de porco. Gwawl começou a colocar alimento dentro dela. Mas, quanto mais ele punha, mais cabia. A bolsa estava sempre vazia. O zarolho acabou se zangando.

— Agora chega, vá embora!

— Meu amigo, você se comprometeu a encher a bolsa dele. Nunca me casarei com um homem que não cumpre a palavra, sobretudo por avareza.

— Mas nessa bolsa cabe tudo! O que darei aos convidados?

— Conheço esse tipo de bolsa — disse Rhiannon, em tom conciliador. — Ela nunca se encherá, a não ser que um chefe muito poderoso comprima seu conteúdo com os pés, dizendo: “Agora chega, é suficiente.” Chame um de seus amigos para fazer isso.

— Não vai adiantar! O mais poderoso deste país sou eu!

Enraivecido, Gwawl arrancou a bolsa de pele de porco das mãos do mendigo e entrou nela. Pisoteou o alimento com fúria, rugindo: “Agora chega, é suficiente.”

— Chega mesmo — disse Pwyll, endireitando-se e descobrindo o rosto.

Antes que Gwawl conseguisse sair da bolsa, ele a fechou, amarrou-lhe a boca com uma corda e deu um nó bem apertado. Alertados, os criados da casa acorreram.

— Prendi uma fuinha aqui dentro. Ela queria pegar o que não lhe pertence. Vejam como está se debatendo.

Armados de varas e bastões, os criados começaram a bater no saco, e só pararam quando Gwawl pediu clemência a Pwyll.

— Tudo bem — disse o rapaz. — Vou poupar-lhe a vida, mas sob a condição de que renuncie a seu intento de se casar com minha amada e de que não queira se vingar.

Furioso, o zarolho foi obrigado a ceder. Saiu correndo, debaixo da caçoada e dos risos dos criados, que não quiseram perder a oportunidade de se vingar do patrão detestável.

— E agora? — perguntou Pwyll a Rhiannon. — Vou ter que esperar mais um ano?

— Não vale a pena — respondeu a moça. — Também já esperei demais.

Como o banquete estava pronto, o casamento foi celebrado ali mesmo. Deliciados, os convidados nem perceberam que o noivo havia sido trocado.

6.

A montanha sobre o mar

Bran, filho de Llyr, reinava sobre todos os reis⁸ da ilha dos Homens Fortes. Sua sabedoria era tanta que todos o chamavam “o Abençoado”. Para assegurar que tudo corresse bem em sua ilha, ele tinha o costume de se sentar num ponto elevado para observar os arredores. Não é que ele subisse na colina: ele a usava como trono, pois Bran era um gigante.

Certa manhã, sentado num rochedo da costa em companhia de seus dois irmãos, Nisien e Efnisien, Bran viu aproximar-se uma frota que vinha da Irlanda.

— Lá vêm treze navios enviados por nossos vizinhos — disse Nisien —, com velas ricamente ornamentadas e bandeiras desfraldadas. Vejamos quais são as mensagens e os presentes que nos trazem.

A ilha dos Homens Fortes jamais conhecera ninguém mais pacífico do que Nisien. Com uma só pa-

lavra ele era capaz de dar fim a querelas que se prolongavam havia muitas gerações.

— Lá vêm treze navios armados enviados por nossos vizinhos — disse Efnisien. — Seus flancos estão carregados de guerreiros. Certamente têm a intenção de pilhar e devastar nossos domínios.

Efnisien só se comprazia na discórdia e na luta. Com uma só palavra era capaz de semear o ódio entre irmãos até então muito unidos.

— Vamos esperar para ver — disse Bran.

O navio da frente lançou-se de proa na praia. Um mensageiro desembarcou e levantou o escudo acima da cabeça, em sinal de paz. Bran mandou um soldado ao encontro dele.

— A quem pertencem esses navios? — perguntou o soldado.

— Matholwch, rei da Irlanda, está a bordo.

— Por que ele permaneceu no navio?

— Para preservar a paz. Ele vem como solicitante, e só tocará o solo deste país se tiver certeza de que obterá o que deseja. Em caso de recusa, não terá sofrido ofensa em território estranho e poderá se retirar sem ser obrigado a vingar sua honra.

Bran apreciou a prudência de Matholwch. Apesar da opinião de Efnisien, que o prevenia contra uma provável traição, ele foi até a praia, agachou-se para aproximar o rosto do navio e disse:

— Seja bem-vindo, Matholwch! Concederei o que você pedir, se estiver em meu poder.

Matholwch respondeu da proa do navio, o que não significa que não precisasse levantar a cabeça, pois seu interlocutor ultrapassava em altura o mais alto mastro da frota.

— Venho pedir sua irmã, Branwen, cuja beleza e sabedoria os bardos tanto elogiam. Quero-a como esposa. Assim o amor selará a união entre nossos dois povos.

— Nada me seria mais agradável — respondeu Bran. — Conheço a fama de sua justiça e probidade. Sei que entre seus ancestrais está Miles, a quem os Filhos de Dana cederam a superfície da Irlanda. Por ludo isso você é digno de entrar na nossa família. No entanto, não posso dar-lhe a mão de uma mulher livre contra a vontade dela. Venha comigo para nos entendermos melhor.

Vendo que a conversa tomava um rumo favorável, Efnisien preferiu retirar-se. Enquanto isso, os irlandeses desembarcavam com armas, bagagens e cavalos.

Naquele tempo as coisas aconteciam de modo mais simples. Branwen viu Matholwch, gostou dele e naquela mesma noite tomou-se sua esposa. Quando voltou e soube do casamento, Efnisien explodiu em cólera.

- Como é possível que o conselho dos clãs tenha autorizado essa união sem me ouvir? Afinal, sou irmão de Branwen tanto quanto Bran. Responderei a essa afronta com uma ofensa maior ainda!

Furioso, ele foi até a cocheira e mutilou todos os cavalos dos irlandeses. Quando perceberam o que Efnisien tinha feito, os cavaleiros foram procurar Matholwch, pedindo vingança. Matholwch recebeu a notícia com perplexidade. Afinal, se os Homens Fortes pretendiam insultá-lo, por que de início lhe haviam concedido a mais bela moça de seu país? Além do mais, declarar guerra ao cunhado não seria um bom meio de estabelecer harmonia na família. Acabou convencendo seus homens a terem paciência e não agirem sob efeito da cólera, o que aliás não lhes desagradou, pois sabiam que suas tropas eram muito inferiores em número. Sem ajuda de ninguém, o próprio Bran já seria capaz de despedaçá-los.

— No entanto — eles disseram será uma desonra continuar aceitando a hospitalidade de Bran. Pegue sua mulher e vamos embora deste lugar.

Com a alma em pedaços, Matholwch foi obrigado a ceder.

— Tudo bem, vamos arrumar as bagagens imediatamente.

Ao saber que os irlandeses estavam de partida, sem esperar o fim das núpcias, de início Bran se surpreendeu. Mas não precisou pensar muito para suspeitar que se tratava de alguma perfídia de Efnisien. Ao ser informado sobre a verdadeira razão daquela partida inesperada, Bran pediu a Nisien:

— Vá atrás de Matholwch e peça-lhe que volte a tomar lugar no banquete, pois não quero que minha irmã sofra por um casamento arruinado pelo ressentimento. Diga que restituirei seus cavalos, um a um. E, para compensar a ofensa, ofereço a meu cunhado uma barra de prata da altura dele e um prato de ouro do tamanho de seu rosto.

Aliviado, Matholwch aceitou a oferta, no entanto não deixou de se preocupar.

— Os irlandeses são orgulhosos — ele confiou a Bran. — Pode-se até dizer que são melindrosos. Temo que me acusem de ser fraco.

— Nesse caso, farei mais. Além dos cavalos, da prata e do ouro, darei a você o caldeirão que ali está. Atenção, não se trata de um simples utensílio de cozinha. Se o barulho de armas ressoar em seus ouvidos, acenda uma fogueira debaixo do caldeirão cheio de água

límpida. Todo homem que morrer em combate voltará à vida ao ser banhado nessa água.

Matholwch encheu-se de alegria, pois aquele presente suntuoso provava a sinceridade de Bran.

— Cuidado — Bran ainda advertiu. — Antes de mergulhar qualquer homem no caldeirão, assegure-se de que ele esteja mesmo morto. Caso contrário, tudo estará perdido!

Depois que o banquete terminou, Matholwch voltou à ilha Verde na companhia de Branwen, que soube fazer com que os irlandeses a amassem tanto quanto ela amava o esposo. Depois de um ano, ela deu à luz um filho, que recebeu o nome de Gwern. Tudo corria bem quando, no ano seguinte, correu a notícia de que Matholwch sofrera uma ofensa no país dos Homens Fortes e preferira fugir a se vingar. Ele foi obrigado, então, a se explicar diante do conselho dos clãs.

— É verdade — Matholwch admitiu. — Um louco mutilou nossos cavalos. Mas Bran os restituiu. — Tudo bem, foi a paga pelos animais perdidos. Mas como foi reparada a ofensa?

— Ele nos ofereceu uma barra de prata da minha altura e um prato de ouro do tamanho do meu rosto.

Naquele clima de escândalo, a recompensa foi julgada insuficiente.

— O quê? Algumas libras de metal foram suficientes para comprar a honra dos irlandeses? — protestaram os conselheiros.

— Também nos deu o caldeirão da imortalidade, que permitirá vencermos todos os nossos inimigos, por mais numerosos que sejam.

— Isso é o que ele diz! Se você não teve oportunidade de comprovar os pretensos poderes do caldeirão, como pode saber se não o fez de tolo? — disse um.

— Pelo menos se dispôs a entregar o culpado? Se você tivesse tentado pegá-lo, talvez pelo menos pudesse ter o ensejo de testar a força da magia desse tal objeto! — gritou outro.

— Na verdade, você teve medo de perder sua mulher — vociferou um terceiro -, e com razão!



Os ânimos se inflamavam. Mesmo os que na época haviam aprovado sua decisão o abandonavam, temendo passar por covardes. Por mais que Matholwch tentasse mostrar as vantagens de uma aliança com Bran, alguns mais exaltados, com discursos trovejantes, levaram à decisão: exigiu-se que ele retribuísse humilhação por humilhação.

Matholwch estava aterrado. Mas um rei nunca é livre e deve cumprir a lei que seu povo lhe impõe. O conselho acabou por se pronunciar. Como era impossível devolver Branwen ao irmão, depois de tanto tempo, Matholwch deveria pelo menos expulsá-la de seu quarto para que ela pagasse com sua humilhação a ofensa aos irlandeses. Branwen foi relegada à condição de criada, encarregada de preparar e assar o pão. Para que Bran não ficasse sabendo da sorte da irmã, Matholwch proibiu que qualquer navio atravessasse o estreito entre as duas ilhas.

Três anos se passaram assim. Todas as manhãs, Matholwch observava de sua janela a mulher que ainda amava mas a quem estava proibido de dirigir a palavra. Apesar da exaustão resultante dos trabalhos domésticos, ela conservava sua imensa beleza; apesar dos trajes de criada, nada perdera de sua altivez. Regularmente Matholwch solicitava a anulação da pena, mas o tempo não aplacava em nada a cólera dos irlandeses.

Na terceira primavera, um passarinho acostumou-se a pousar todas as manhãs na beirada do balcão em que Branwen se debruçava para amassar o pão. No início, a jovem mulher via nele apenas uma distração para sua mágoa. Mas logo ocorreu-lhe uma ideia. Começou por habituar a avezinha a responder à sua voz. Ao julgá-la já domesticada, disse-lhe:

— Meu pequeno voador, para você o mar não é obstáculo! Na outra margem encontrará meu querido irmão.

E Branwen lhe explicou como reconhecer Bran, o que aliás não seria difícil, pois não havia muitos gigantes no mundo.

— Entregue-lhe esta mensagem — ela sussurrou, escondendo entre suas penas um bilhete no qual contava ao irmão tudo o que estava acontecendo.

O passarinho atravessou o mar e foi pousar no ombro de Bran. Tanto fez e se agitou que a carta acabou aparecendo. Ao ler o

recado da irmã, Bran se enfureceu e convocou seus conselheiros.

— Não vamos nos precipitar — ponderou Nisien. — Se Matholwch consentiu em tal infâmia, decerto foi para poupar Branwen de um destino ainda mais funesto. Vamos enviar um embaixador até ele para saber de toda a verdade.

— Verdade? — insurgiu-se Efnisien. — Pois vou lhes dizer a verdade: os irlandeses são uns bárbaros que bem merecem uma lição.

Os guerreiros, sempre dispostos a brigar, mostraram aprová-lo batendo no escudo com o guarda-mão da espada. Aquele dia, Nisien não conseguiu vencer o espírito de vingança da maioria.

Pouco tempo depois, os porqueiros de Matholwch íoram ter com ele para contar que haviam sido testemunhas de um grande prodígio quando conduziam seu rebanho perto da costa.

— Uma floresta cobre o mar, na direção do levante.

— Foi só isso que vocês viram?

— Não! Sobre as ondas ergue-se uma montanha. No alto dessa montanha vê-se um pico. E de cada lado do pico estende-se um lago.

— É isso que os assusta?

— Não! É que a floresta, a montanha, tudo se movia, avançando na direção de nossa costa.

Matholwch consultou seus sábios, mas nenhum druida nem bardo conseguiu interpretar o fenômeno. Um deles, no entanto, sugeriu:

-Já que essa maravilha vem do levante, de onde Branwen é originária, talvez ela saiba do que se trata.

— Mandem chamá-la — disse Matholwch, que, apesar da gravidade da situação, alegrava-se em finalmente poder falar com sua mulher.

E, de fato, ela sabia. Erguendo a cabeça, com olhar desafiador, Branwen falou:

— A floresta são os inúmeros mastros da frota dos Homens Fortes. A montanha é Bran, meu irmão. Não há navio que seja

bastante grande para transportá-lo, por isso ele precisa atravessar o mar a vau. O pico é seu nariz e os lagos são seus olhos.

Os chefes de clã começaram a achar que deveriam ter pensado melhor antes de exigir de Matholwch a humilhação de Branwen. Mas era tarde demais para evitar a guerra.

— Que seja! — suspirou Matholwch. — Interceptem as pontes do rio Llinon⁹.

Quando as tropas de Bran atingiram o rio, perceberam que se tratava de um obstáculo intransponível. Nenhuma jangada flutuava em sua superfície, e quem tentava atravessá-lo a nado era irremediavelmente puxado para o fundo. Então Bran declarou:

— Quem acha que é o chefe deve ser uma ponte!

E o gigante se deitou atravessado sobre o rio, fazendo com que todo o exército passasse por suas costas. Quando ele se levantou, os embaixadores de Matholwch, que haviam chegado às pressas, inclinavam-se para saudá-lo.

— Para evitar a guerra — eles anunciaram -, o rei propõe ceder o trono a seu filho Gwern, que é também sobrinho de Bran. Assim, o rei da Irlanda e você serão aliados de sangue e nossos dois povos serão irmãos.

— Não lhe dê ouvidos — sibilou Efnisien. — Gwern é apenas um menino, e através dele Matholwch continuará reinando. Agora que estamos aqui, o que impede que você se apodere da ilha?

Bran achou que era uma ideia sensata. No entanto, temendo pela vida de Branwen, resolveu propor uma trégua. Ora, apesar de todo o sofrimento por que havia passado, a moça ainda amava o esposo. Filha e irmã de rei, conhecia as imposições do cargo e sabia que Matholwch não tivera escolha. Além do mais, não queria ser causa da morte de ninguém. Por isso, aconselhou ao marido:

— Bran nunca dormiu protegido por paredes e um teto, pois não há construção bastante grande para abrigá-lo. Como penhor de paz, mande construir uma casa em que ele caiba.

Assim foi feito. Cada soldado do exército da Irlanda carregou uma pedra para edificar a maior casa que jamais houve no mundo.

No final da construção, os guerreiros da ilha Verde e os guerreiros da ilha dos Homens Fortes partilharam um grande banquete de reconciliação.

Todos se alegraram com a feliz solução. Todos menos Efnisien, é claro, que se viu privado da batalha que tanto desejava. Então ele matou Gwern, seu sobrinho, e alardeou:

— Vejam, Matholwch mandou assassinar o próprio filho.

— Vejam! — gritou ao mesmo tempo uma testemunha. — Bran mandou assassinar o sobrinho para se apossar do trono da Irlanda!

Imediatamente guerreiros dos dois lados acreditaram em traição. Desembainharam-se as espadas e desencadeou-se uma luta atroz. E os irlandeses acenderam o fogo do caldeirão da imortalidade.

Em pouco tempo Efnisien percebeu que, graças ao caldeirão, o número de irlandeses era sempre o mesmo, ao passo que os guerreiros de seu lado sucumbiam aos ferimentos. Não se sabe nesse momento qual de seus sentimentos foi maior, o remorso por ter arrastado seus homens para a desgraça ou o ódio ao inimigo que não se deixava abater. O fato é que Efnisien lambuzou o rosto de sangue para não ser reconhecido e se esgueirou por entre os cadáveres dos irlandeses. Quando o jogaram dentro do banho da imortalidade, seu corpo de homem vivo se dilatou tanto que o caldeirão se partiu em quatro pedaços.

O combate se prolongou por muito tempo. Quando terminou, entre os súditos de Matholwch restavam apenas cinco mulheres, que foram poupadas porque estavam grávidas. Todos os irlandeses de hoje são seus descendentes.

Do lado dos Homens Fortes a situação não era melhor: apenas sete conseguiram voltar a sua ilha. Entre eles, estavam Bran e Nisien. O gigante certamente teria sobrevivido aos ferimentos, no entanto seu pesar foi maior que sua vontade de viver.

— Como poderei suportar tanta desgraça? — ele perguntava a Nisien. — Se eu tivesse torcido o pescoço de Efnisien, se tivesse dado ouvidos ao que você dizia e não aos que me incitavam à cólera e ao orgulho, certamente nada disso teria acontecido.

Antes de morrer, ele pediu:

- Separem minha cabeça de meu corpo. Levem-na até o lugar chamado Colina Branca, onde se ergue minha bela cidade de Llundein. Enterrem-na com o rosto voltado para o mar. Enquanto ela estiver lá, nenhum inimigo será capaz de destruir a cidade.

Bran cumpriu sua promessa. Llundein resistiu às guerras, às invasões, às revoluções e, em tempos mais recentes, aos bombardeios. E hoje nós a conhecemos pelo nome de Londres.

7.

A mulher mais bonita
do mundo

Naquele tempo, Math, filho do deus Mananann, reinava com sabedoria sobre Gwynedd¹⁰. Com ele viviam seu sobrinho Gwydyon, a quem ele ensinava magia, e sua sobrinha Arianrod. Esta era famosa em todo o reino por sua beleza, mas também por seus acessos de cólera e sua teimosia. Todos a temiam, ainda mais porque também era maga e lançava sortilégios sobre quem a contrariava.

Arianrod se dizia ainda virgem quando, para sua grande vergonha, entrou em trabalho de parto diante de toda a corte de Math. Seu irmão Gwydyon acolheu e cuidou do sobrinho, cujo pai ninguém conhecia. Quando o menino fez quatro anos, o tio o levou até Arianrod, que se recolhera a uma fortaleza à beira do mar.

- Aqui está seu filho — ele disse.

Era um menino robusto e inteligente, e Gwydyon imaginava que, ao vê-lo, a mãe se enterneceria. Mas, intimamente, Arianrod se enfureceu ao ver ressurgir

¹⁰ O norte do País de Gales.

um passado que desejava esquecer. Dissimulando sua irritação, ela perguntou:

— Como ele se chama?

— Ele ainda não tem nome — respondeu Gwydyon.

- Cabe à mãe dar nome a seu filho.

— Cabe a mim, é verdade — gritou Arianrod, dando vazão à sua cólera. — E juro que o destino dele será não ter nome enquanto eu não o escolher.

Ela virou as costas, deixando o irmão com o menino sem nome nos braços.

No dia seguinte, Gwydyon usou a magia que aprendera com Math para mudar sua aparência e também a do sobrinho. Disfarçou-se de sapateiro, cobriu o menino de andrajos e voltou com ele à casa de Arianrod. Enquanto ele fingia medir o pé da irmã, o menino

distraía-se correndo atrás dos passarinhos no pátio. Uma carriça pousou na beirada do poço e ele atirou-lhe uma pedra, quebrando-lhe uma pata.

— Que pontaria! E nessa idade! — admirou-se Arianrod. — Nunca vi criança com mão tão certa! Brilhante!

— Pois então esse será o nome dele — disse Gwydyon, devolvendo a si mesmo e ao sobrinho a aparência verdadeira.

Em sua língua antiga, brilhante dizia-se lleu. O menino então passou a chamar-se Lleu da mão certa. Não é preciso dizer que Arianrod ficou furiosa ao se ver assim enganada.

-Já que ele me ludibriou assumindo a aparência de um garoto do povo, juro que nunca carregará arma nem armadura que não tenham sido dadas por mim! — ela rugiu, antes de sumir atrás das muralhas de sua fortaleza.

Gwydyon continuou educando Lleu, que no entanto tornou-se um adulto triste e sombrio. Não é preciso dizer a razão de sua angústia: para um homem da classe dos guerreiros, não havia pior vergonha do que a de ser excluído do manejo das armas. Mas, se Lleu transgredisse a interdição da mãe, a desgraça cairia sobre ele e suas tropas.

- Não haverá moça que aceite um homem maldito pela própria mãe — ele suspirava.

Mais uma vez, Gwydyon resolveu interferir. Assumiu a aparência de um bardo e foi até a fortaleza de Arianrod, acompanhado do rapaz, também disfarçado. Encantou a todos com suas narrativas e, conforme o costume, ofereceram-lhe hospedagem para aquela noite. De manhã bem cedo, ele subiu à mais alta das muralhas e, usando de magia, deu às cristas das ondas o aspecto de navios armados. Logo em seguida voltou ao seu quarto, aonde pouco depois chegou Arianrod.

— Más notícias — ela disse, afobada. — Uma frota está navegando na nossa direção. Não sei ainda se são piratas ou fomes, mas não há dúvida de que haverá luta. Vá embora antes que eles desembarquem!

— Princesa — respondeu o falso bardo -, fomos bem acolhidos em sua casa. Não menospreze os poderes de um bardo e deixe-me ajudá-la. Por meio de encantamentos cujo segredo só eu conheço, tirarei a força e a coragem dos seus inimigos. Meu discípulo, por sua vez, ainda não é versado nas três ciências da linguagem para pronunciar sortilégios eficazes, mas tem braço forte e, se tiver arma e armadura, será capaz de lutar por você.

Agradecida por receber reforços, Arianrod mandou trazerem capacete, armadura e espada para o rapaz. Assim que Lleu se armou, a frota desapareceu. Com uma gargalhada, Gwydyon reassumiu sua fisionomia.

— Muito bem! — ele exclamou. — Você deu a seu filho as armas que ele desejava.

— Já que é assim — berrou Arianrod, fora de si esse jovem está destinado a nunca conseguir mulher nenhuma da raça que povoa esta terra!

— Pois quanto a mim — trovejou Gwydyon, transformando o riso em exasperação -, juro que apesar de tudo ele terá uma mulher!

Muito agitado, ele foi se aconselhar com o rei Math, pois agora já não se tratava de usar de artimanha.

— Ajude-me, por favor. Dei minha palavra, mas onde encontrar uma mulher que não seja desta terra?

— Essa maldição é a mais cruel de todas — disse Math. — Sei que Lleu é de índole generosa. Agora que está armado, com certeza será o mais ardoroso guerreiro de meu reino. É inadmissível que ele seja condenado a ficar solteiro por culpa dessa mulher irascível e rancorosa!

Depois de refletir um pouco, Math concluiu:

— Associando sua magia à minha, daremos uma lição em Arianrod. Vamos colher a beleza e a graça para fazer uma mulher digna de Lleu. Saindo de nossas mãos, ela não pertencerá à raça humana e a maldição de Arianrod não terá efeito.

Os dois colheram as flores do carvalho, os botões da giesta e a rainha-dos-prados. Passaram a noite toda, sob a luz do luar,

amassando o que haviam colhido e pronunciando encantamentos potentes, para que de suas mãos saísse a mulher mais bonita do mundo. Depois, satisfeitos com sua obra, deram-lhe o nome de Blodeuedd, que significa “rosto de flor”. Levaram a moça até Lleu, que a recebeu mudo de admiração. O casamento foi celebrado imediatamente.

No entanto, nem sempre um mago é capaz de saber o que vai no coração de uma mulher. Math e Gwydyon ofereceram Blodeuedd a Lleu, que a aceitara de bom grado. Mas ninguém havia pensado em perguntar à moça se ela o desejava. Na verdade, naquele instante ela nem saberia dizer, pois acabava de ser criada. Durante alguns meses, Blodeuedd viveu ao lado do esposo uma existência fácil e sem surpresas. Lleu, loucamente apaixonado, atendia a todos os seus pedidos, e ela se sentia feliz.

Uma tarde, quando Lleu partira para visitar Math, um criado veio dizer a Blodeuedd que um homem queria falar com o dono da casa.

— Já que meu esposo não está, vou recebê-lo — ela disse.

Ao ser levado à presença da moça, o homem emudeceu diante de tamanha beleza. Quando recuperou a voz, ele se apresentou:

— Meu nome é Garonwy. Estava caçando e, ao perseguir uma presa, acabei por me perder. Meu cavalo é arisco. Como já está tarde, vim pedir hospedagem por esta noite.

Garonwy não tinha a graça de Lleu. No entanto, assim que o viu, Blodeuedd foi tomada por um sentimento que jamais experimentara até então. Suas mãos tremiam, ora sentia frio, ora sentia calor, a moça se esqueceu de todos os rostos e só conseguia enxergar o do caçador. Como seria de esperar, Garonwy correspondeu imediatamente àquele amor. Aliás, que homem conseguiria resistir à mulher mais bonita do mundo? E o rapaz a seguiu até seu quarto.

Na manhã seguinte, a separação lhes pareceu insuportável. Garonwy permaneceu ao lado da amada até que, para sua grande aflição, a volta de Gwydyon foi anunciada.

— É preciso que você vá embora — disse Blodeuedd. — Mas não se esqueça de mim.

— Como poderia? De hoje em diante, aonde quer que eu vá, sentirei sempre o frio do inverno.

— Ah, por que não o conheci antes? — lamentou a moça. E acrescentou, dissimulada: — Meu marido é um bruto, um grosseirão.

Abraçando-o, ela chorava copiosamente. Garonwy não conseguiu resistir às lágrimas da mulher mais bonita do mundo.

— Vou ficar — ele decidiu. — Vou desafiá-lo e matá-lo.

— Não. Eu morria se alguma coisa acontecesse com você. Ele sempre vence todos os combates, creio que por obra de magia. Tenha paciência, encontrarei algum meio de me libertar.

Pouco depois chegou Lleu, muito feliz por reencontrar aquela em quem pensava noite e dia, pois a noite tinha menos mistérios e o dia menos brilho do que o rosto de sua bem-amada. Imediatamente ele notou a transformação da esposa e lhe perguntou a razão de tanta tristeza.

— Estava preocupada com você, trilhando caminhos tão inseguros — ela disse.

— Não há por que temer — ele respondeu. — Não tenho medo do inimigo, tampouco de salteadores.

— É mesmo? E por quê?

— Você esquece que pertenço a uma família de magos poderosos? Sou protegido por um feitiço. Ninguém consegue me matar, a não ser com uma lança cuja ponta tenha sido batida durante um ano

inteiro. E tem mais: sou inatingível dentro ou fora de uma casa, montado a cavalo ou a pé.

Blodeuedd concluiu que seria difícil lhe fazer mal, mas, em todo caso, mandou dizer a Garonwy que começasse a forjar uma ponta de lança e que não parasse de batê-la durante um ano inteiro. Passado esse prazo, Garonwy encontrou-a em segredo para anunciar que a arma estava pronta.

— Mas como abatê-lo uma vez que não pode ser nem dentro nem fora de uma casa, nem montado a cavalo nem a pé?

Durante um ano Blodeuedd tivera tempo para refletir.

— Não é difícil. Todas as manhãs, ele vai tomar banho no rio. Lá ele não está dentro de casa, e, cercado de água, tampouco fora; não

está montado a cavalo e, como está nadando, tampouco está a pé.

No dia seguinte, Garonwy ficou de tocaia na margem do rio. Logo que Lleu começou a nadar, ele o golpeou. Lleu deu um grito, mas, em vez de afundar, transformou-se em águia e saiu voando. Estupefato, Garonwy viu-o desaparecer por trás de uma cortina de árvores. Os únicos vestígios do drama eram algumas gotas de sangue vertidas pelo pássaro durante a fuga.

Quando Garonwy voltou para Blodeuedd, ela correu feliz a seu encontro, mas seu sorriso desapareceu diante da expressão sombria do amigo.

— O que aconteceu? Sua lança errou o alvo?

O rapaz contou então o estranho episódio. A moça tentou consolá-lo. Afinal, fazia parte da natureza de Lleu fazer tudo de maneira diferente dos outros. Era indiferente que ele morresse sob forma humana ou de qualquer outro animal. Se a águia estava perdendo sangue, provavelmente não conseguiria chegar muito longe. Para tranquilizá-la, Garonwy simulou estar seguro, mas em seu íntimo uma preocupação toldava sua alegria.

E sua inquietude não era infundada. Logo chegou aos ouvidos de Math e de Gwydyon que Lleu havia desaparecido e que um desconhecido se apossara de sua casa, de sua mulher e de tudo o mais que lhe pertencia.

— Rei — disse Gwydyon -, não sossegarei enquanto não souber o que aconteceu com meu sobrinho.

— Vá, companheiro, e descubra o que houve. Um crime impune é uma ameaça à prosperidade de um reino.

Gwydyon percorreu todo o país, mas não conseguiu nenhuma informação. Ao final de um ano, bateu à porta de um porqueiro pedindo abrigo por uma noite. Ao final da refeição, o anfitrião lhe disse:

- Por seu olhar profundo percebo que você é versado na arte dos sortilégios. Talvez possa me dar um conselho. Faz um ano que uma de minhas porcas vem se comportando de maneira estranha. Em vez de sair à procura de glandes na orla da floresta, junto com os outros porcos, ela some de manhãzinha e só volta depois do

anoitecer. Pensei que ela tivesse encontrado um campo fértil em alimento, pois está mais gorda do que meus outros animais. Então re- solvi segui-la, mas ela sempre acabava desaparecendo como que por encanto, sem deixar pistas. Acho que só um mago seria capaz de seguir suas pegadas.

Gwydyon prestou muita atenção ao relato do porqueiro, e achou de bom augúrio ter batido à sua porta exatamente um ano depois do desaparecimento de Lleu. No dia seguinte de manhã, então, ele foi atrás da porca. Ela acompanhou o rio até chegar a um vale, onde começou a devorar a carcaça de uma ave de rapina. Não era uma ave comum, pois, por mais que a porca comesse, o cadáver não diminuía. Gwydyon afastou a porca, juntou os ossos da águia e pronunciou um encantamento. Mais do que voltar à vida, a águia assumiu sua aparência original. Tio e sobrinho caíram nos braços um do outro. Lleu estava tão magro e enfraquecido que levou um ano para se recuperar. Certa manhã, julgando-se já em boa forma, vestiu sua armadura e partiu com o tio ao encontro de Math.

— Agora preciso reunir tropas para me vingar do homem que se apossou da minha esposa e de tudo o mais que você me deu.

Math lhe deu sua autorização, pois era a coisa justa a ser feita.

Quando viu aproximar-se um poderoso exército comandado por Lleu e Gwydyon, Garonwy avançou sozinho ao seu encontro.

— Lleu — disse ele -, seria injusto que numerosos guerreiros morressem por uma questão que é pessoal. O que você exige para reparar a ofensa que sofreu?

Lleu não quis aceitar prata nem ouro.

— Qualquer coisa que você me desse já me pertence — ele declarou. — Na verdade, tudo o que tive agora é seu: minha mulher, meus cavalos, minhas terras. Tudo, com exceção da lança que me atravessou o peito. Vamos acertar hoje nossas contas. É minha vez de feri-lo com minha lança. Assim estaremos quites.

— Se eu soubesse do seu valor, jamais teria atentado contra sua reputação — respondeu Garonwy — Meu erro foi ter acreditado nas palavras enganadoras de uma mulher. Mas você bem sabe que é difícil resistir a ela. Em razão dessa circunstância atenuante,

permita-me, antes de seu golpe, colocar entre mim e você aquela pedra chata que está ali na praia.

Lleu concordou. Mas ele desferiu um golpe tão forte que a lança atravessou a pedra e o homem.

Blodeuvedd, que, desesperada, assistia ao duelo do alto do muro de sua casa, teve um sobressalto ao perceber uma sombra a seu lado. Enquanto a atenção dos guardas estava voltada para a briga entre os dois homens, Gwydyon aproveitara para se aproximar dela, e agora sua expressão de fúria anunciava suas intenções.

— Não tenho medo de morrer — disse Blodeuvedd -, pois estarei compartilhando a sorte do homem que mais amo. Mas desde quando você cumpre as tarefas que competem a seu sobrinho?

— Sei que diante de você meu sobrinho Lleu, apesar de sua cólera, se tornará fraco como um menino. Essa vingança, portanto, é tarefa minha. Mas não a matarei. Por culpa sua, ele sofreu uma longa agonia sob a forma de ave. Assim, vou transformá-la em ave também. Sei, no entanto, que mesmo sob essa aparência você ainda seria capaz de seduzi-lo. Assim, farei com que ele jamais a encontre sob a luz do sol.

E ele a transformou em coruja.

Mais tarde, quando Math Ihe perguntou por que simplesmente não a matara, Gwydyon respondeu, um tanto constrangido:

- Não seria justo puni-la por ela ser tal como a criei.

Math sorriu por trás da barba. Sabia que Gwydyon não estava sendo completamente sincero. Mas que homem teria sido capaz de cometer uma brutalidade contra a mulher mais bonita do mundo?

Quem não acredita nesta história que vá até a margem do rio Kynvael, onde há uma pedra com um buraco. Os galeses a chamam de pedra de Garonwy.



8.

A fraqueza dos ulates

Todos os anos, com a aproximação do inverno, o reino de Ulster¹⁰ tornava-se vulnerável aos ataques dos inimigos. Durante alguns dias, de fato, todos os ulates em idade de portar armas sofriam de um mal estranho, que os obrigava a ficar de cama.

De onde vinha esse flagelo? Não é difícil dizer: vinha da soberba imbecil de um marido e do orgulho mais estúpido ainda de um rei. Eis a história.

Crunchu era chefe de um clã. Ele não era rico, mas levava uma vida confortável, pois tinha terras férteis e um rebanho generoso. Mas, quando perdeu a mulher, sua tristeza foi tão grande que seu domínio acabou ficando em situação periclitante. Nos campos, o capim tomou o lugar das plantações. À noite, com as tetas cheias que ninguém vinha ordenhar, as vacas mugiam de dor. Os filhos de Crunchu faziam o que podiam, e também os velhos camponeses que trabalhavam em suas terras, mas a maioria dos criados acabou indo embora, pois uma propriedade não pode prosperar sem a vontade do dono. Este, comprazendo-se na tristeza, só conseguia provocar a esterilidade da terra e atrair doenças sobre seu rebanho.

Um dia, Crunchu estava prostrado diante do fogo que já se apagara quando entrou em sua casa uma linda mulher, de olhos brilhantes e cabelos flamejantes. Sem dizer uma palavra, ela se ajoelhou diante da lareira e reacendeu o fogo, embora as brasas já estivessem frias havia muito tempo. Quando os filhos e os raros criados restantes voltaram do campo, acolheu-os sorridente, perguntou do trabalho e distribuiu as tarefas do dia seguinte. Depois da refeição, arrumou a casa e foi-se para o quarto de Crunchu.

Só de manhã Crunchu se lembrou de perguntar o nome dela.

— Sou a deusa Macha — respondeu a mulher. — Mas esse é um segredo que deve ficar entre nós dois. Diante dos outros, me chame apenas de “mulher”, e nunca fale de mim a não ser debaixo deste teto.

Crunchu não entendia por que uma deusa viera do Outro Mundo para compartilhar sua vida. É claro que nem pensou em lhe perguntar, pois seria falta de respeito. Em todo caso, daquele dia em diante ele voltou a tomar gosto pela vida. Macha estava por toda parte. Quando precisavam dela no lugar mais remoto da propriedade, ela surgia imediatamente. No instante seguinte já estava no outro extremo, sempre com ar tranquilo, sem nenhuma afobação. As terras voltaram a prosperar. Os criados voltaram. Os flancos das vacas e das éguas voltaram a se encher. E Macha logo engravidou.

Como todos os anos, na festa de Samain realizou-se a assembléia dos ulates. Todos os habitantes do reino eram obrigados a comparecer, a não ser que fossem impedidos por alguma razão maior. Era o caso de Macha, que estava prestes a dar à luz. Apesar da força do dever que lhe pesava, Crunchu hesitava em deixá-la sozinha, mas ela insistiu:

— Vá, não tenha medo. Mas lembre-se: não fale de mim.

A assembléia era a oportunidade de discutir os assuntos do país, de arbitrar sobre os conflitos entre os chefes de clã e de fazer justiça. E, principalmente, era o pretexto para uma grande festa. Naquele dia o rei exibia a riqueza do reino de Ulster oferecendo um banquete em que a cerveja corria como um rio e os pratos não se esvaziavam. Realizavam-se competições para decidir a quem caberiam os melhores bocados. Os ulates, então, exibiam seus talentos na corrida a pé, no lançamento de pesos ou no manejo do dardo. O prêmio cabia a quem sustentasse por mais tempo um tronco de árvore na vertical ou erguesse uma carroça cheia para que a fizesse dar uma volta inteira em torno de seu eixo. Depois vinha a prova principal: a corrida de carros. O próprio rei Conchobar era um dos participantes. Todos os anos ele deixava seus rivais muito para trás. Aquele dia, mais uma vez seu carro cruzou a linha de chegada com uma boa dianteira. Ao receber os cumprimentos, quis mostrar-se modesto:

— Não é mérito meu — ele disse. — Meus cavalos são mais velozes do que qualquer criatura viva deste mundo.

— Não é verdade! — gritou uma voz no meio da multidão.

Conchobar esqueceu a modéstia na mesma hora.

— Tragam-me esse atrevido! — ele rugiu.

No início de seu reinado, Conchobar mostrara-se sábio e generoso. Naquela época, teria encerrado o episódio com alguma brincadeira, ao constatar que o fanfarrão mal se mantinha sobre as pernas de tanto honrar a cerveja.

No entanto, ao envelhecer, o rei tornara-se soberbo e suscetível. Ofendido, ele gritou:

— Quer dizer que sou mentiroso?

O insolente, claro, era Crunnchu. Com a lucidez que lhe sobrava, ainda quis consertar sua imprudência:

— Não quero dizer que está mentindo, mas que está enganado.

É evidente que a resposta só fez aumentar a fúria de Conchobar.

— Isso é um insulto! Fique sabendo que um rei não pode errar!

Crunnchu entendeu que nada ganharia mostrando-se humilde. Inflando o peito, ele declarou com arrogância:

— Podendo ou não, você errou!

Conchobar rangeu os dentes.

— Prove o que está dizendo ou será executado imediatamente!
— ele berrou.

Crunnchu lembrava-se da recomendação de Macha, é claro, mas diante do perigo iminente declarou:

— Na minha casa há uma mulher de cabelos vermelhos como as chamas. E ela é veloz como o fogo. Uma flecha não consegue alcançá-la. Seus cavalos menos ainda.

— Na sua casa, é? — trovejou Conchobar. — Guardas! Tragam-me essa ruivinha. Vamos ver se a cabeça desse fanfarrão deve continuar sobre seus ombros ou servir de alimento para meus cães.

Quando os mensageiros foram até Macha e lhe explicaram o que estava acontecendo, ela mostrou-lhes seu ventre.

— Atenderei à convocação do rei — ela disse -, mas não posso fazê-lo neste estado.

Os guardas insistiram:

— A fúria do rei se voltaria contra nós. Venha, você defenderá sua causa pessoalmente.

Macha foi obrigada a acompanhá-los. Ao se apresentar diante de Conchobar, ela avistou Crunnchu com as mãos amarradas para trás e a cabeça já apoiada num cepo. Apesar da raiva, ela não pôde deixar de sentir piedade por aquele que a fizera tornar-se mãe.



— Meu marido falou quando deveria ter-se calado. Mas ele não mentiu. Apostarei corrida com seus cavalos e, conforme ele disse, chegarei na frente. No entanto, conceda-me um prazo, pois, conforme todos podem ver, estou prestes a dar à luz.

Mas Conchobar teimou.

— Fui insultado por Crunnchu diante da assembléia dos ulates, e diante desta mesma assembléia você deverá provar que ele disse a verdade. Se essa corrida não se fizer agora, ele morrerá.

— Isso não é justo! Não pode exigir isso de uma mulher grávida!

Como resposta, Conchobar fez um sinal para o guerreiro postado ao lado do cepo. O homem ergueu o machado, e Macha voltou-se para o povo.

— Vocês todos nasceram do ventre de uma mulher! Como permitirão que se cometa tamanha injúria?

Ora, ninguém ousaria enfrentar a cólera de Conchobar para poupar uma desconhecida. Afinal, de onde vinha aquela mulher de cabelos vermelhos? Nenhum clã a reconhecia como sendo sua. E, na verdade, muitos estavam ansiosos por assistir àquela corrida.

— É vergonhoso! — gritou Macha. — Não deixarei que esse homem morra, apesar de sua tolice. Mas vocês todos se arrependarão de tamanha falta de compaixão!

Quando ela se postou ao lado dos cavalos na linha de partida, os animais baixaram o pescoço e se agitaram. É preciso dizer que no Outro Mundo, onde vivem os deuses e deusas, Macha reina sobre os cavalos e as éguas.

— Não os censuro — Macha os tranquilizou. — Vocês não têm culpa. Corram com todas as forças!

Conchobar deu o sinal. Num trovejar de cascos, os cavalos arrancaram. Mas não estavam nem na metade do percurso quando Macha atravessou a linha de chegada.

Depois ela se deitou no chão, soltou um grito e deu à luz dois meninos. Logo em seguida se levantou, com um bebê em cada braço. Então voltou-se para os ulates, agora cabisbaixos,

envergonhados e também um pouco temerosos, pois ao vê-la correr compreenderam que não se tratava de uma mulher comum.

— Mulher — disse Conchobar -, apresento-lhe minhas desculpas. E devolvo-lhe seu marido.

Macha não deu nenhuma atenção ao rei nem a Crunnchu. Percorrendo a assembléia com um olhar inflamado de cólera, lançou sua maldição:

— A vergonha caiu sobre todos os homens que ouviram o grito de meu parto. Eis o seu castigo: todos os anos, nesta época, durante três vezes cinco dias e

cinco noites, eles sentirão as dores da mulher que dá à luz uma criança.

Dito isso, ela se foi, levando os dois filhos. Ninguém ousou detê-la.

Agora todos sabem por que, todos os anos, Ulster ficava sem defesas, enquanto os guerreiros, sem forças, escondidos em suas moradias, experimentavam a dor e a humilhação. Por isso também a capital do reino passou a se chamar Emain Macha, que significa “os gêmeos de Macha”.

9.

O pedaço do herói

Este é o relato de como Cúchulainn se tornou o 'herói do reino de Ulster. Mas, para compreender esta história é preciso lembrar que era costume, por ocasião de um banquete, honrar o homem de maior mérito da reunião deixando-o servir-se primeiro. Ele pegava sempre o pernil da caça, por isso chamado de “pedaço do herói”.

Aquele dia, um nobre ulate chamado Bricriu estava oferecendo um banquete para comemorar a construção de sua casa nova. De início, foi servida muita cerveja. Portanto, as ânimos estavam acalorados quando os criados depuseram um porco inteiro no centro do círculo formado pelos convidados. O assado, gordo e dourado, estava de dar água na boca. Dois homens se levantaram para pegar o pedaço do herói.

- Sente-se, Loegaré — disse o primeiro. — Todos aqui conhecem sua força e coragem, mas você deve ceder-me o lugar, pois sou mais forte e mais corajoso ainda.

Já o outro pensava diferente.

— Não lhe faltam razões para se vangloriar, Conall, mas não a ponto de pretender se apropriar do que me cabe por direito. Loegaré invocou o testemunho de seu clã. Conall exortou seus partidários. De início trocaram-se brincadeiras, depois sarcasmos e finalmente injúrias. O tom endurecia muito depressa. Bricriu começava a temer por sua louça e seus móveis. De repente, um terceiro homem se interpôs.

— Não há por que discutir. O pedaço do herói será meu.

Todos silenciaram, perplexos. Cúchulainn, que acabava de falar, era um rapaz muito jovem, que não tinha mais de dezesseis ou dezessete anos. Supunha-se que seu pai fosse Sualtam, mas sua mãe, irmã do rei Conchobar, dava a entender que um mistério envolvia o nascimento do rapaz. Certa noite, de fato, o deus Lug lhe anunciara num sonho que a escolhera para lhe dar um filho. No dia

seguinte, ela engolira um inseto que havia caído no seu copo e, algumas semanas depois, percebera que estava grávida. Tinha certeza de que o deus assumira a forma do inseto para fecundá-la.

Ninguém sabia ao certo se a história era verdadeira, mas ninguém duvidava da valentia de Cúchulainn. Já aos cinco anos de idade ele a provara quando, teimando em participar dos jogos de meninos, enfrentara cento e cinquenta garotos mais velhos que ele. Aos sete anos, vencera em luta individual os filhos de Necht, jovens guerreiros considerados imbatíveis. No entanto, ainda não tivera oportunidade de enfrentar um inimigo de verdade. Como ousava ultrajar dois veteranos que tinham o peito coberto de cicatrizes?

Esquecendo sua divergência, Conall e Loegaré dirigiram sua cólera contra o rapaz, enquanto os partidários de ambos agora vociferavam contra o clã de Cúchulainn. As espadas saíram das bainhas. A disputa ameaçava transformar-se numa luta generalizada. Foi então que o druida Sencha interferiu:

— O que é isso? No momento em que os remos vizinhos voltam sua cobiça para nosso reino de Ulster vocês querem se matar uns aos outros por um pedaço de carne?

— A culpa é de Cúchulainn! — protestou Conall. — Com meia dúzia de fios de barba no queixo já pretende nos desafiar!

— A culpa é de Cúchulainn! — confirmou Loegaré. -vSeria uma vergonha tolerarmos os insultos desse garotão!

Sencha olhou para Cúchulainn, na esperança de que ele se retirasse pedindo desculpas. Mas o jovem estava se divertindo com a confusão que provocara e continuava a espicaçar os veteranos com caretas zombeteiras.

— O rei resolverá essa contenda — deliberou Sencha.

Dito e feito. Todos os convivas, liderados por Sencha, foram ter com Conchobar.

— Rei! — interpelou-o Loegaré. — Diga-nos quem merece o pedaço do herói: o fanfarrão Conall, o fe- delho Cúchulainn ou eu, cujo valor todos conhecem.

Conchobar examinou os homens que estavam diante dele. Pelos rostos corados de cerveja e exaltação, compreendeu que qualquer deslize de sua parte poderia provocar um desastre. Prudente, ele respondeu:

— Um bom guerreiro deve ter braço forte e olhar certo. O pedaço do herói caberá a quem dos três conseguir lançar a roda de um carro através do buraco da chaminé¹¹ que vemos acima de nossas cabeças.

Na mesma hora o cochçiro do rei trouxe uma roda de madeira de freixo, muito pesada, com aro de ferro batido.

Conall pegou a roda, colocou-se no centro do recinto, balançou-a duas ou três vezes e a lançou. A roda bateu contra a borda da chaminé e caiu. Por um triz não o esmagou.

Loegaré a levantou, deu um impulso e a lançou. A roda esbarrou na borda, passou e caiu no teto, com um estrondo.

Uma torrente de aplausos explodiu entre os partidários de Loegaré.

— Ora, ora, que temeridade danificar a morada do rei! — exclamou Cúchulainn. — Essa roda por pouco não arreventou o madeiramento! Tragam-me uma outra!

Ele tomou posição e, com um só gesto, lançou a roda que lhe trouxeram. Ela passou bem no meio. Como ninguém a ouviu cair, todos se precipitaram até o pátio. A roda estava plantada bem no meio do canteiro central.

— Isso não vale — disse Conall. — Jogar uma roda de carro é jogo de cocheiro, indigno de um portador de lança!

— Que seja — disse o rei, asperamente. — Mas convenhamos que um guerreiro portador de lança deve ter o gesto preciso! Pois bem, aqui estão cinquenta agulhas. Atirem-nas de modo que elas caiam de enfiada.

Loegaré foi o primeiro a tentar. Mas, ao tocar o chão, as agulhas ricocheteavam e se dispersavam. Conall se saiu melhor, pois conseguiu pelo menos fincá-las no chão. Cúchulainn lançou as

agulhas com tanta habilidade que cada ponta se alojou no buraco da anterior.

— Não vale — protestou Loegaré. — Manejar agulhas é coisa de mulher, indigno de um portador de espada.

— Que seja — disse o rei, cada vez mais impaciente com a má-fé de seus veteranos. — Um guerreiro deve ser hábil em esgrima, não é? Pois exerçam seus talentos contra as feiticeiras do vale!

Um murmúrio se ergueu entre os presentes. As feiticeiras do vale eram magas com quem a elite dos jovens guerreiros buscava aprimorar sua educação, especialmente com respeito ao manejo de armas. Desafiá-las era imprudente. Vencê-las era impossível.

— Depressa — acrescentou o rei, com um risinho. — Caso contrário, sendo o pedaço do herói ou não, vocês vão acabar comendo frio!

Cada um dos três rivais subiu em seu carro. Conall foi o primeiro a desafiar as feiticeiras. Em dois passes, elas quebraram sua lança e sua espada. Só lhe pouparam a vida por causa das boas lembranças de juventude que tinham dele. Chegou a vez de Loegaré. Mas logo ele voltou, trazendo embaixo do braço os fragmentos de suas armas. As feiticeiras não o mataram porque em outros tempos ele fora seu discípulo favorito.

Então Cúchulainn desceu ao vale. Sua ausência foi prolongada. Ao entardecer, ele voltou trazendo uma lança e uma espada quebradas.

— Vejam a lança do herói! — zombou Conall. — As nossas se partiram em dois pedaços, a dele em três, de boa serventia para acender uma fogueirinha.

— Engano seu. Aqui está minha lança, inteirinha. Esta pertence às feiticeiras.

— Vejam a espada do herói! — caçoou Loegaré. — As nossas se partiram em dois pedaços, a dele em três, de boa serventia para fundir e ferrar as mulas.

— Engano seu. Aqui está minha espada, inteirinha. Esta pertence às feiticeiras.

— Pois bem — o rei perguntou aos dois veteranos.

- Agora estão convencidos?

No entanto, em vez de reconhecer a superioridade do adversário, Conall e Loegaré protestaram.

— Não vale, as feiticeiras o favoreceram porque ele é jovem.

Diante da irritação do rei, Sencha, o druida, propôs:

— Conheço um gigante chamado Uath, filho de Immonainn. Vamos chamá-lo para que ele decida. Duvido que seu julgamento seja contestado.

O rei gostou da ideia. De todo modo, não poderia recusá-la, pois palavra de druida prevalece sobre palavra de rei.

Ao verem Uath, os ulates compreenderam por que Sencha mostrara tanta segurança. Ninguém ousaria contestar a opinião daquela montanha de músculos e de tendões, de olhar profundo como o mais profundo dos poços. O rei expôs a questão e lhe pediu que indicasse o mais valoroso.

— É fácil — disse o colosso. — Aqui está meu machado.

Uath colocou diante deles uma arma tão pesada que Conall e Loegaré não tiveram certeza de que conseguiriam erguê-la. Cüchulainn observou o machado friamente.

— Vejam — prosseguiu o gigante, pondo-se de joelhos. — Vou colocar minha cabeça sobre este cepo. Autorizo um de vocês a me cortar o pescoço. Voltarei amanhã, e será minha vez de usar meu machado contra aquele que me tiver decapitado.



Perplexos, Conall e Loegaré não ousavam encarar o gigante. De onde ele vinha? Nunca o tinham visto na região, no entanto ele aparecera imediatamente após o convite do druida. Que artimanha haveria por trás daquela proposta aparentemente tão estúpida? Aquilo tudo cheirava a magia!

Enquanto os dois refletiam, Cúchulainn se adiantou.

— Por que eu haveria de ter medo de um homem cuja cabeça eu tivesse cortado? — ele disse, pegando o machado.

Levantou-o e, sem hesitar, deixou-o cair sobre o pescoço do gigante. Uath se levantou, pegou sua cabeça com um gesto muito altivo e, segurando-a pelos cabelos, caminhou tranquilamente até o rio, no qual mergulhou.

Então Conall e Loegaré, mudos até então, voltaram-se para Cúchulainn.

— Ah, que belo herói — caçoaram. — Ele não sabe que um guerreiro de verdade alia a prudência à coragem? É preciso ter miolo de passarinho para não entender que o gigante é criatura do Outro Mundo. Amanhã você vai ser decapitado!

— Vamos ver. Amanhã será outro dia — disse Cúchulainn, impassível.

No dia seguinte, na hora marcada, Uath apareceu, com a cabeça sobre os ombros e o machado na mão. Voltando-se para Cúchulainn, anunciou:

— Conforme combinamos, venho retribuir o golpe que você me desferiu ontem.

— É muito justo — disse Cúchulainn.

O rapaz não tinha a menor ideia de como poderia recuperar sua própria cabeça. Mas trato é trato. Cúchulainn ajoelhou-se diante do cepo. Uath ergueu o machado e o deixou cair. A lâmina tocou o pescoço de Cúchulainn sem penetrar nele, pois no último instante o gigante a deteve.

— Desculpem-me, um raio de sol me atrapalhou e acho que errei o golpe.

Ele ergueu novamente o machado, deixou-o cair e, mais uma vez, o deteve.

— Desculpem-me, as lágrimas que vejo rolar pelas faces das mulheres me perturbaram e acho que não acertei o golpe.

Pela terceira vez o gigante levantou sua arma e pela terceira vez a deixou cair. E pela terceira vez ela não feriu o homem que ali estava de joelhos. Então,

deixando o machado de lado, Uath pegou Cūchu-lainn pelo braço e o fez ficar em pé. E, dirigindo-se aos ulates, ele falou:

- Por três vezes a lâmina de meu machado roçou a pele de Cúchulainn. Se naquele instante ele tremesse, eu não teria conseguido frear o golpe. Mas isso não aconteceu. Este é o homem que merece o pedaço do herói!

Conall e Loegaré não se atreveram a protestar, portanto o banquete oferecido por Bricnu pôde se realizar. Mas o porco não estava tão bom, pois tinha sido requentado.

10.

O touro Costonho
de Cualnge

Em outros tempos, uma guerra vergonhosa devastou as províncias da Irlanda por causa da ambição de uma rainha má. Tudo começou com uma briga entre o rei de Connaught e sua esposa Maeve.

Uma noite, o casal tinha acabado de se deitar quando Maeve disse:

— Quando me casei com você, eu lhe trouxe riquezas que nenhuma outra mulher poderia ter trazido.

Pelo tom de sua voz, Aillil percebeu que uma briga se aproximava. Estava habituado às crises de mau humor de Maeve, e com o passar do tempo ela se tornava cada vez mais arrogante e agressiva. Prudente, Aillil admitiu:

— Sem dúvida, você é a melhor esposa que eu poderia desejar. Mas já é tarde, boa noite.

Maeve não se satisfez com o elogio. Erguendo-se apoiada no cotovelo, sacudiu o marido, que lhe dera as costas.

— Para dizer a verdade, tenho certeza de que mais da metade de nossos bens são meus — ela insistiu.

Essa questão ultrapassava os limites da vida doméstica, ela envolvia o futuro de todo o reino. De fato, num casal a autoridade deveria caber a quem trouxesse mais riquezas por ocasião do casamento. Portanto, sendo o dote de Maeve maior que o de Aillil, ela teria o direito de se apossar da autoridade real.

- Não é hora de discutir essas coisas — disse Aillil, contrariado. — Deixe-me dormir, resolveremos isso amanhã.

Maeve concordou em lhe dar sossego por aquela noite. Mas, assim que o dia amanheceu, ela ordenou que fizessem um levantamento dos bens de cada um. Verificou-se então que os dois possuíam a mesma quantidade de armas, de roupas, de jóias de ouro e de prata, de utensílios de cozinha, o mesmo número de carneiros, de porcos e de criados. Faltava contar os bovinos. Os dois

rebanhos foram reunidos e fez-se a contagem. Chegou-se ao mesmo número de vacas, de bezerros, de bezerras e de touros. Mas Aillil tinha o Belo Cornudo, um touro que, por seu tamanho, sua força e seu poder superava todos os outros. Graças a esse animal, a vitória coube a ele.

Maeve não era mulher de se resignar tão facilmente. Ela ficou enraivecida, ainda mais porque tinha pouca consideração por seu marido, julgando-o indulgente demais. Tinha certeza de que ela, sim, conseguiria dirigir Connaught com energia e fazer dele o reino mais poderoso da Irlanda. Como todas as pessoas ambiciosas, Maeve fingia estar pensando antes de tudo no bem comum. Mas na verdade, habituada a seduzir e a ver todos os seus caprichos realizados, achava insuportável não ocupar o primeiro lugar. Já que apenas um touro a separava do trono, resolveu encontrar um animal mais bonito, mais forte e mais poderoso que o Belo Cornudo.

Seus espiões logo vieram informar que em Ulster, reino vizinho ao Connaught, o touro Castanho de Cualnge tinha fama de ser o touro mais magnífico do mundo. Ele pertencia a Daré, filho de Fachtua. Imediatamente Maeve mandou seus mensageiros oferecerem ao proprietário de Castanho de Cualnge uma gorda recompensa se ele lhe emprestasse o animal durante um ano.

- Você receberá ouro, armas e até Maeve o acolherá com amizade, ela que tem a fama de ser a mulher mais bonita da Irlanda.

Lisonjeado com a oferta, Daré aceitou e, para comemorar o acordo, ofereceu um banquete aos embaixadores de Maeve. Acontece que, sob efeito da bebida, os convidados pronunciaram palavras imprudentes.

— Fez bem em aceitar a proposta de Maeve — eles disseram ao anfitrião. — Se tivesse recusado, tínhamos ordens expressas de massacrar você e toda a sua família, e levar o touro.

Furioso, Daré expulsou os mensageiros de sua casa.

De volta a Connaught, os mensageiros não explicaram a Maeve a razão do fracasso de sua missão. Para que a cólera da rainha recaísse sobre Daré, disseram que ele proferira as maiores injúrias contra ela.

— Quando lhe oferecemos sua amizade, em vez de se mostrar lisonjeado, como faria qualquer outro homem, ele riu, dizendo que a mais humilde das criadas de Ulster vale mais do que a primeira mulher de Connaught.

E, para completar, acrescentaram:

— Daré diz que bastaria um só ulate para vencer o exército de qualquer reino da Irlanda, e que daqui a pouco tempo o rei de Ulster virá tomar o reino de Connaught.

Com o orgulho ferido, Maeve foi ter com Aillil para exigir que ele lavasse a honra de sua esposa e de seu reino. Raramente o rei resistia à virulência de Maeve. Mesmo assim, recusou-se a declarar guerra a Ulster só porque um ulate rejeitara a amizade de sua mulher. Maeve, então, enviou seus embaixadores aos três reinos vizinhos.

— A arrogância de Ulster é uma ameaça a todos nós — alegaram os mensageiros. — Depois de Connaught, eles atacarão Meath, Munster e, finalmente, Leinster. A Irlanda só terá paz quando esses insolentes forem aniquilados.

E completaram:

— Temos certeza da vitória. Logo virá mais um período em que os guerreiros de Ulster não poderão portar armas por estarem presos ao leito pela maldição de Macha. Vamos aproveitar!

Os três exércitos reuniram-se em Connaught. Aillil acabou sendo obrigado a mobilizar também o seu. Maeve confiou seu comando a Fergus, por quem demonstrava ternura especial. De fato, Fergus conhecia bem Ulster, pois era sua terra natal. Passara a servir a um soberano estrangeiro porque certo dia Conchobar o obrigara a faltar à sua palavra. Coberto de vergonha, ele se exilara em Connaught, rumiando seu rancor.

Armada para a luta, Maeve tomou lugar ao lado de Fergus. Embora ele desejasse vingar-se de Conchobar, ainda tinha afeição por seu povo. Maeve sabia que, não querendo pegá-los de surpresa, ele enviara um mensageiro aos ulates para avisar que seu território seria atacado. Por isso, ela se mantinha alerta.

Assim que percebeu que Fergus fez um desvio em vez de se dirigir diretamente à fronteira, Maeve o inquiriu secamente.

— É que o caminho mais direto atravessa as terras de Cúchulainn — ele explicou. — O herói dos ulates não conhece as dores das mulheres, pois ele ainda não havia nascido quando Macha lançou sua maldição.

— Ainda não havia nascido? Então ele mal chegou à idade de portar armas.

— De fato, ele é muito jovem, mas já traz na fronte a luz dos heróis. Quando é tomado pela fúria guerreira, é preciso mergulhá-lo em três banhos de água fria para acalmar seu ardor e evitar que massacre seus amigos do mesmo modo que seus inimigos.

Maeve deu de ombros e ordenou que se marchasse diretamente para o rio que marcava a fronteira de Ulster. No meio do leito, erguia-se um carvalho no qual havia uma fórmula mágica, gravada no alfabeto secreto dos druidas, que proibia a passagem do exército.

Maeve ordenou que três batedores derrubassem a árvore. Mas, quando os três entraram na água, um guerreiro caiu sobre eles, gritando. Foi terrível de ver. De seus cabelos, pretos na raiz e vermelhos nas pontas, jorravam centelhas. Suas mãos imensas pareciam ter sete dedos. A água fervia em volta de seus tornozelos. Com um só golpe de espada, ele ceifou os três homens antes de voltar à outra margem. Aterrorizados, os arqueiros nem ousaram erguer seus arcos.

- É Cúchulainn — disse Fergus. — Quando ele está com raiva, assume uma aparência monstruosa. Quem o encara sente os ossos tremerem e perde toda a força.

Mais uma vez, Maeve entrou em ação. Mandou um mensageiro oferecer a Cúchulainn doze rebanhos de bois e oitenta moças se ele consentisse em desviar o olhar enquanto o exército estivesse atravessando o rio. Cúchulainn respondeu com palavras tão rudes que, mal as repetiu, o mensageiro caiu morto. Maeve então enviou-lhe sua própria filha, Findabair.

-Jovem herói de Ulster, se deixar o exército atravessar esse rio, serei sua mulher. Você será honrado e, mais tarde, reinará sobre

Connaught.

Com um único golpe de espada, Cúchulainn cortou as tranças da moça, que nunca tinham sido cortadas. Depois, declarou, com desdém:

— Eu já tenho esposa. É a sábia Emer.

E ele a mandou, coberta de vergonha, de volta para a mãe.

Aquela resistência inesperada atrapalhava os projetos de Maeve. Os soldados se rebelavam, com medo da magia que protegia a fronteira e do seu guardião. Os aliados de Maeve, sabendo que a fraqueza dos ulates durava apenas algum tempo, começavam a desconfiar de que ela os enganara ao dizer que a empreitada seria fácil.

— Você conhece Cúchulainn — ela disse a Fergus. — Então vá ao encontro dele e pergunte o que ele quer para nos deixar atravessar o rio.

Ao ver Fergus, Cúchulainn encheu-se de felicidade:

— É você, meu amigo? Você, que me ensinou a dirigir um carro, a atirar uma lança, a manejar a funda?

— Sou eu, sim! E estou feliz por ver o magnífico guerreiro que você se tornou!

— O que o traz aqui?

— Não me leve a mal, pois não falo por mim. Já que você recusou riquezas, prazer e honras, Maeve faz uso de meus lábios para lhe perguntar o que você exige para nos deixar passar.

— Nada que Maeve possa me oferecer. Mas, para minha glória, esta é minha resposta: que a rainha faça vir até mim um combatente a cada manhã. Enquanto eu estiver lutando com ele, o exército poderá avançar. E deverá parar assim que eu der o grito de vitória.

Maeve aceitou o acordo e selecionou os melhores guerreiros das quatro províncias. Porém os combates eram tão curtos que não dava tempo para o exército atravessar o rio. Os combatentes não poupavam esforços e os ferimentos de Cúchulainn eram muitos, no entanto isso não alterava suas forças. Para se recuperar, bastava

que à noite ele se banhasse no rio, em que seu pai, Lug, despejava os remédios preparados por Diancecht, o médico dos deuses.

No quinto dia, Maeve convocou Fergus.

— Onde ele aprendeu a ciência das armas?

— Primeiro o rei Conchobar, seu tio, me encarregou de treiná-lo. Mas logo já não tinha o que lhe ensinar. Então ele permaneceu um ano junto da feiticeira Scatach. Foi ela que completou sua formação.

— Se um homem recebesse o mesmo aprendizado, ele não teria necessariamente a mesma habilidade no manejo da espada? Acabo de ouvir um guerreiro de seu séquito, um ulate chamado Ferdiad, vangloriar-se de ter sido discípulo de Scatach!

— Ferdiad é amigo de Cúchulainn e não consentirá em lutar contra ele.

Um sorriso malicioso desenhou-se nos lábios de Maeve.

— Se não querem se matar, tanto melhor. Eles que se limitem a trocar passes de armas. Enquanto isso, o exército avançará, finalmente!

Adivinhando a razão pela qual a rainha o convocava, Ferdiad de início recusou-se a sair da tenda. Maeve enviou três bardos até ele. Ferdiad sabia que, se continuasse recusando, os poetas comporiam canções satíricas que lançariam a desonra sobre seu nome. Mortificado, foi obrigado a atender ao chamado da rainha.

Maeve ofereceu a Ferdiad um banquete, ricos presentes, e fez uso de seu poder de sedução, ao qual poucos homens resistiam. Foi em vão, Ferdiad não queria lutar contra o amigo.

— Pois bem — suspirou Maeve -, vejo que Cúchulainn não estava mentindo ao dizer que você não ousaria medir forças com ele, e que só de ouvir seu nome você começaria a tremer dos pés à cabeça.

Magoado, com o juízo já um tanto perturbado pela cerveja e pelo perfume de Maeve, Ferdiad jurou que daria uma lição em Cúchulainn.

Na manhã seguinte, já sóbrio, ele compreendeu que a rainha o enganara. Mas era tarde demais, ele tinha feito um juramento.

Chamou então o cocheiro e pediu-lhe que preparasse seu carro. Quando chegou à margem do rio, Cúchulainn o acolheu com alegria.

— Por infelicidade, venho como inimigo — disse Ferdiad.

— Isso me entristece. Mas sei que não há ódio em você. Só a guerra nos opõe um ao outro. Escolha as armas que usaremos.

— Outrora tínhamos força igual no tiro ao arco. Vamos ver como estamos agora.

A manhã toda eles lançaram suas flechas, tão numerosas e tão velozes que o céu se encheu de listras, como em tempo de tempestade. Mas, ao mesmo tempo que atiravam, eles se protegiam com o escudo, de modo que nenhuma flecha atingiu o alvo.

— Basta — disse Ferdiad. Isso não vai terminar nunca. Outrora tínhamos força igual no manejo da lança. Vamos ver como estamos agora.

Lutaram até o anoitecer. Cada um recebeu sete ferimentos, mas nenhum derrubou o outro. Cúchulainn compartilhou com Ferdiad os remédios do médico dos deuses, Ferdiad compartilhou com ele as provisões que Maeve lhe entregara. De modo que, pela manhã, os dois voltaram à luta com as forças intactas.

- Sua vez de escolher — disse Ferdiad.

Cúchulainn pegou sua longa espada. Os dois cruzaram lâminas o dia todo, sempre em igualdade. Como na véspera, ao anoitecer compartilharam remédios e víveres.

No terceiro dia, Ferdiad escolheu o dardo curto. Nada mudou. No fim do dia, separaram-se com a certeza de que não chegariam a conclusão nenhuma, a não ser que recorressem ao procedimento secreto que Scatach ensinava a apenas um aluno por vez. Em razão de sua amizade, não o usariam. No entanto, precisavam chegar a um desfecho. Cúchulainn estava impaciente, pois, enquanto lutava, os destacamentos do exército inimigo atravessavam o rio. Aquela noite, eles não compartilharam mais nada.

No quarto dia, colocaram suas armas na margem e avançaram até o meio do rio para lutar de mãos vazias. Sua pegada era tão forte que os rebites de suas armaduras saltaram com o primeiro aperto de mão. E logo ficou evidente que naquele corpo-a-corpo nenhum dos dois levaria a melhor.

Então Ferdiad declarou:

— Saiba de uma coisa que Scatach só ensinou a mim: quando a força e a habilidade já não têm serventia, não há vergonha em vencer por artimanha e trapaça.

Enquanto falava, ele tirou um punhal que trazia escondido sob a armadura e golpeou o peito de Cúchulainn, que cambaleou mas voltou a se equilibrar.

— A lição é séria — disse Cúchulainn, recuando até a margem. Mas saiba de uma coisa: Scatach me confiou algo que ela só deu a mim.

Ele se debruçou e pegou uma lança. Ferdiad empalideceu, pois reconheceu Gaebolg, a arma mágica que nunca errava o alvo. Bastou Cúchulainn soltá-la para que ela se lançasse contra Ferdiad, dando fim à sua vida.

O exército dos quatro reinos aliados era tão numeroso que três dias mal tinham sido suficientes para a travessia da linha de frente. Mas o duelo contra Ferdiad esgotara Cúchulainn. Seu ferimento sangrava muito. À noite, decerto, os remédios de Diancecht despejados no rio lhe devolveriam as forças, mas o anoitecer ainda estava longe. De repente, ele viu surgir um cavaleiro loiro com um manto dourado bordado de vermelho. Sua armadura brilhava tanto que, ofuscado, Cúchulainn não conseguia distinguir sua fisionomia.

- Há dias e noites, filho, você detém o inimigo nesta travessia — disse o cavaleiro. — Descanse. Até seu despertar, eu o vigiarei.

Cúchulainn dormiu confiante, pois o cavaleiro era o deus Lug.

A fúria de Maeve não se aplacava. Ela já não se contentava em saber que seus guerreiros que haviam se infiltrado em Ulster devastavam o reino à procura do Castanho de Cualnge. Esquecendo o motivo daquela empreitada, ela dava livre curso à sua ambição. Agora já pensava em apossar-se de todo o reino de Ulster, aproveitando para tomar a capital, Emain Macha, antes que terminasse o período das dores dos ulates. Assim, na manhã do dia seguinte, ela despachou um guerreiro após o outro para desafiar Cúchulainn. Mas nenhum deles resistia ao furor do herói pelo tempo

suficiente para que o exército avançasse. Finalmente, ela mandou o próprio Fergus.

Ao vê-lo chegar não mais como mensageiro mas armado para a luta, Cúchulainn sentiu uma imensa tristeza.

— Fergus, você que me acolheu quando eu era tão novo, não me obrigue a matá-lo como fui obrigado a fazer com meu amigo Ferdiad.

— Não será preciso — replicou Fergus. — Você já resistiu bastante. Hoje termina o período de fraqueza dos homens de Ulster. Doravante o exército de Conchobar poderá defender o reino. Agora você pode deixar este rio sem faltar com seu dever. Recuse-se a lutar, fuja de mim. Mais tarde, se me pedir, também fugirei de você para salvar sua honra.

Cúchulainn aceitou o trato. Sob o comando de Maeve, finalmente os invasores puderam entrar em Ulster. Conforme Fergus havia previsto, as tropas de Conchobar os esperavam na planície de Mutherné. O combate foi terrível, pois a cólera dos ulates era imensa, e maior ainda sua bravura. No sétimo dia de batalha, quando seu exército estava prestes a recuar, Maeve mandou chamar Fergus, que comandava tropas até então mantidas como reserva.

— Está na hora de você entrar na batalha — ela disse. — Se não quer derramar o sangue de seus ir-

mãos, mate pelo menos Conchobar. Privados do rei, os ulates se renderão.

Fergus envergou a armadura, subiu em seu carro e assumiu o comando de suas tropas. O surgimento desse reforço ameaçava alterar o equilíbrio a favor dos ulates, que, sendo em menor número, tinham sido obrigados a entrar na batalha com todos os seus homens. As primeiras fileiras já recuavam quando um carro a galope abriu passagem no meio da confusão. A voz de Cúchulainn dominou o tumulto.

- Fergus, chegou a hora de você cumprir sua promessa!

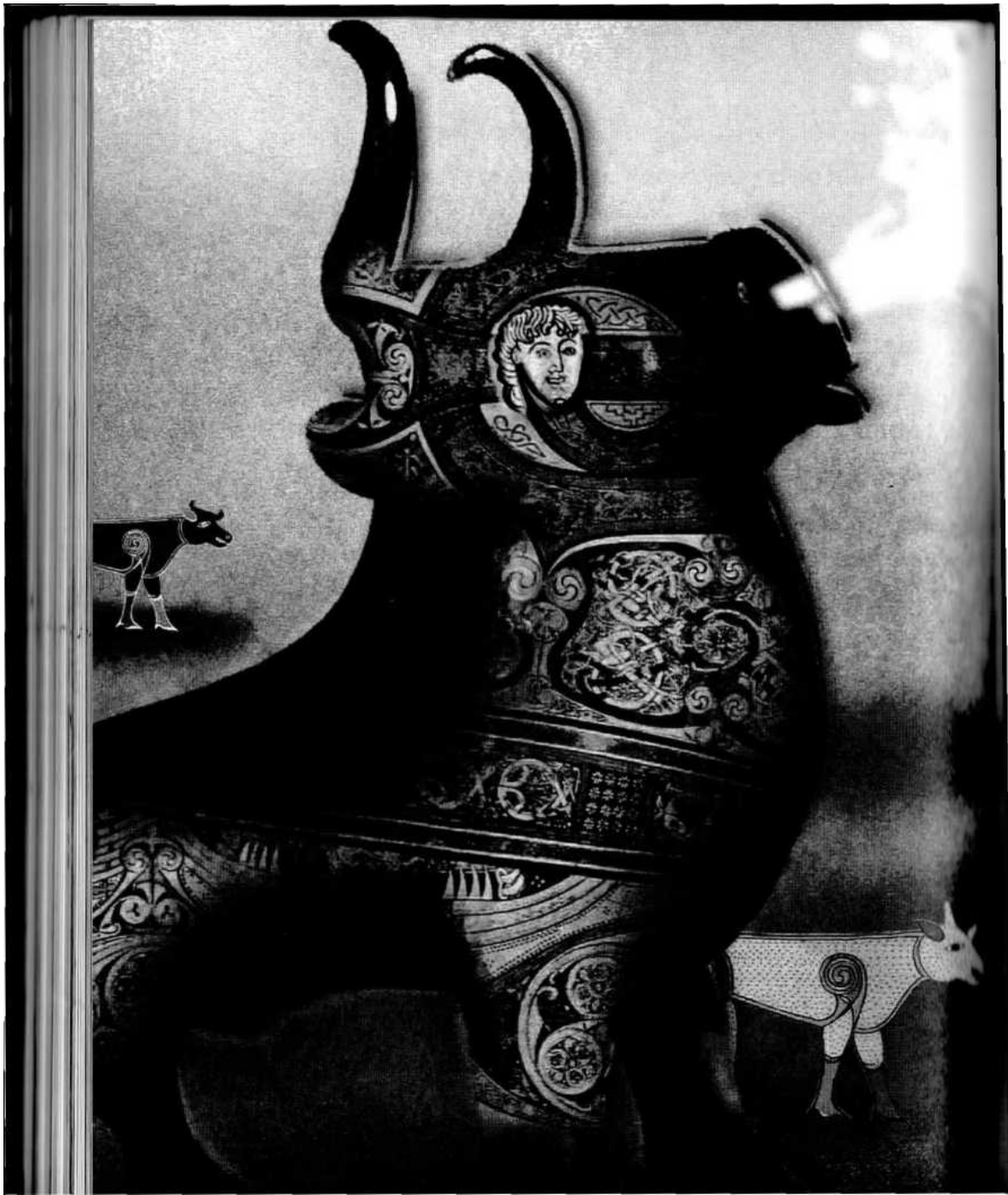
Sem discutir, Fergus deu meia-volta. Ao ver que o chefe fugia, seus homens, desnorteados, o seguiram. Aquela retirada inesperada dos reforços detonou a debandada geral. Desvairadas, as tropas dos

quatro reinos voltaram a atravessar o rio que lhes custara tanto transpor.

A derrota de Maeve, no entanto, não estava consumada. Uma boa notícia a esperava na volta à sua cidade de Cruacha: um dos destacamentos que se infiltraram enquanto Cúchulainn lutava contra Fediad descobrira onde Daré escondia o Castanho de Cualnge e se apropriara dele. Maeve não conseguira conquistar Emain Macha, mas agora seu dote era maior do que o de Aillil e ela poderia reinar sobre Connaught.

Era o animal mais impressionante que Maeve já tinha visto. Quando ele se movia, seus músculos rolavam sob seu couro, o tempo todo suas narinas fumegavam, tensas, em seu olhar latejava uma loucura mortífera. Castanho de Cualnge foi instalado num pasto de capim gordo, cercado por altos muros de pedra, junto com um rebanho de cinquenta vacas.

Mas o touro, ignorando as fêmeas, farejou o ar e soltou três mugidos terríveis. Belo Cornudo ouviu e respondeu ao seu desafio. Os dois animais colossais balançaram muros, cercas e barreiras, com pressa de se enfrentar. Seu galope espalhava o medo pelo trajeto. Finalmente viram-se frente a frente, grunhindo, agitando os chifres afiados como lanças, estripando a terra com os cascos cortantes. De repente, um se lançou contra o outro. As frentes se chocaram, provocando um estrondo semelhante ao trovão. Apavorados, os animais correram para suas tocas e os homens trancaram as portas de suas casas. O dia todo, o dia seguinte, e também o seguinte, durante um ano inteiro os dois touros se enfrentaram. Sempre lutando, percorreram os quatro



reinos, devastaram plantações e pomares, pisotearam palheiros, queimando com o calor de seu bafo paióis e celeiros, abatendo casas com um só golpe da cauda, causando mais estragos do que os da guerra. Ai de quem tentava interferir! Nenhuma rede, nenhum laço conseguia detê-los. O sangue que escorria de seus ferimentos envenenava os rios. Não para vam para dormir nem para beber ou comer, o furor os sustentava.

Ao final de um ano, Belo Cornudo acabou por sucumbir ao cansaço e aos ferimentos.

Castanho de Cualnge aproximou-se do cadáver do adversário e o farejou. Depois ergueu as narinas para o céu e lançou um longo mugido para proclamar sua vitória. As pessoas que ouviram aquele grito sentiram tamanho pavor que não conseguiram sair do lugar durante três dias.

Então Castanho tomou o caminho de volta para Ulster. Atravessou o rio que por tanto tempo Cúchu- Iainn defendera sozinho contra um exército inteiro. E ali, no centro da planície de Muthermné, ele despencou no chão e perdeu a vida.

Assim termina a história de uma guerra indigna, conhecida na Irlanda como *Táin bó Cualnge*, “o roubo do gado de Cualnge”.

Esta é a história de uma moça muito bonita. A jovem era tão bonita que Oengus, apesar de ser um deus, sentiu-se seu escravo. Avançou a seu encontro, com o coração aos saltos. Ela sorria. Sua túnica branca realçava seu corpo esbelto, seus cabelos pretos e seus lábios brilhantes. Seus gestos tinham a leveza dos juncos acariciados pelo vento. Uma correntinha de prata enfeitava-lhe o colo gracioso.

Oengus não era vaidoso, mas sabia que também era sedutor. Ele era o mais novo dos deuses, nascido no momento em que seu pai, Dagda, começava a declinar. Sim, porque os deuses envelhecem quando os homens passam a lhes dar menos atenção e começam a preferir outra divindade. E, justamente, Oengus tinha se tornado o favorito. Em plena força, nele a alegria se aliava à harmonia do corpo. Irradiava tanta energia que com um simples olhar transmitia felicidade e calor. A beleza de todos os outros jovens se eclipsava quando ele surgia com seu amplo manto verde de franjas tecidas com raios de sol, os cabelos loiros realçados pelo brilho de seus olhos.

Então, confiante, Oengus estendeu a mão para a moça. Mas, quando seus dedos estavam prestes a roçar os dela, a bela desconhecida desapareceu. O jovem acordou com a fronte afogueada. Fora um sonho! Um sonho divino, certamente, mas decepcionante como todos os sonhos que se apagam assim que abrimos os olhos. Ele voltou a dormir, resmungando. De manhã, no entanto, a lembrança da visão noturna conservava-se viva e, estranhamente, perseguiu-o durante o dia todo. E na noite seguinte a jovem voltou a visitá-lo. E a noite seguinte também. E todas as noites. Limitava-se a sorrir, silenciosa, e a estender-lhe a mão, que ele não conseguia tocar. Oengus já não pensava em outra coisa, só na bela moça, esperando ansioso o momento de encontrá-la em sonho.

Antes sempre tão alegre, ele agora perambulava o dia inteiro, desnortado, dando suspiros de comover até as pedras, ou então permanecia prostrado, sem ouvir o canto dos passarinhos, sem ver o desabrochar das flores, mudo. A deusa Boann, mãe de Oengus, acabou ficando preocupada com o humor sombrio do filho. Não suportava vê-lo cada vez mais encurvado, com as faces cada vez mais encovadas, os olhos perdendo o brilho que os tornava cor do céu de primavera. No entanto, quando Boann lhe perguntava qual a razão de tanta tristeza, ele lhe pedia, gentil mas resoluto, que não interferisse em sua vida.

Boann acabou recorrendo ao médico dos deuses, Diancecht, e ao druida Fingol, ambos detentores da ciência do corpo e do espírito. Como que por acaso, os dois sábios foram passear na praia onde, desde o amanhecer, Oengus esperava ansioso pelo pôr-do-sol. Depois de algum tempo, voltaram para junto da deusa, que esperava por eles ansiosamente.

— Então, já sabem o que tem meu filho?

— Sabemos — respondeu Diancecht.

— Você é capaz de curá-lo? — ela perguntou, dirigindo-se ao médico.

— Não está em meu poder, nem no poder de nenhum outro médico, encontrar remédio para o mal de seu filho.

— E você? — disse Boann, voltando-se impaciente para Fingol. — Conhece algum encantamento eficaz para o caso dele?

— Não está em meu poder, nem no poder de nenhum outro druida, combater o mal de seu filho.

— O quê? Nem a magia será capaz de curá-lo?

— Eu não disse isso — falou Fingol, rindo mas será preciso escolher a detentora da magia certa. A doença de seu filho se chama amor.

— Imagine! Ridículo! — exclamou Boann. — Ele é jovem demais para isso!

Eles não responderam, mas a deusa vislumbrou no olhar dos dois uma ironia indulgente.

— Tudo bem — ela disse admito que meu filho não é tão jovem assim. Mas quem o estará deixando tão obcecado?

Diancecht recuperou seu ar sério de médico e declarou.

— O problema é este: ele mesmo não sabe quem é a moça. Noite após noite ela aparece em seus sonhos, chamando por ele. Mas ele não sabe nem seu nome nem onde encontrá-la.

Durante um ano Boann percorreu a Irlanda à procura de uma jovem que fosse digna de seu filho, certa de que a reconheceria ao primeiro olhar. Buscou nas cortes de reis, nas escolas de druidesas e também nos pátios das fazendas e nos casebres de pescadores. Foi inútil. Ao fim de um ano, resolveu recorrer a Dagda.

— Nosso filho está se acabando de amor por uma jovem que atormenta suas noites. Encontre-a! — ela ordenou.

Dagda, pai dedicado, também saiu em busca da amada do filho. Além da Irlanda, percorreu também a ilha dos Homens Fortes e até a Gália. Ao final de um ano, foi junto com Boann consultar Fingol.

— Se não a encontrarem em nenhum lugar na superfície do mundo, deverão procurá-la em outra parte... debaixo da terra, por exemplo. Peçam ajuda a Bobd, rei da colina de Munster.

Bobd recebeu Boann e Dagda com todas as honras devidas aos de sua estirpe. Ao saber de sua busca, ofereceu-se para procurar ele mesmo entre os povos subterrâneos. A busca de Bobd levou mais um ano. Enquanto isso, Oengus continuava sonhando noite após noite com a desconhecida. Estava tão abatido que já não conseguia se levantar. Até as franjas de seu manto haviam perdido o brilho.

Entretanto, quando voltou a encontrar Boann e Dagda, Bobd anunciou-lhes, orgulhoso:

— A jovem que vocês procuram chama-se Caer Ibormraith. É filha de Ethal, rei da colina de Uaman, em Connaught.

— E sua beleza é mesmo tão grande a ponto de um deus deixar de comer e beber só para pensar nela?

— Dizem que sim, eu não a vi. Quem me deu as informações foi sua ama. Ah, e há uma coisa de que vocês precisam saber: nos

últimos tempos, Ethal tem se mostrado um pouco estranho. Tornou-se carrancudo e muito irritadiço.

— Quando ele souber que meu Oengus o quer como sogro, certamente vai recuperar o bom humor! — declarou Boann, confiante.

Dagda e ela foram ter com Aillil, rei de Connaught, pedindo-lhe que convocasse Ethal. Mas este respondeu ao mensageiro de Aillil que não poderia atender ao pedido de Oengus e que, portanto, não via nenhuma razão para se deslocar.

A insolência da resposta deixou Aillil furioso e ofendeu seus hóspedes. Na mesma hora o rei levantou um exército e lançou-se contra a colina de Uaman, onde morava o rebelde. Dagda fez questão de participar pessoalmente da luta. Apesar de uma defesa corajosa, Ethal não conseguiu resistir ao ataque. Ele foi preso e levado à presença dos chefes dos atacantes.

— Disponho-me a poupá-lo se você conceder a mão de sua filha Caer a meu rapaz.

— Então mate-me! Não posso dar o que não me pertence. Os poderes de Caer são superiores aos meus, e perdi a autoridade sobre ela.

Estava explicado o mau humor de Ethal. Dagda meneou a cabeça, compreensivo.

— Além do mais — prosseguiu Ethal -, ela não seria uma noiva muito bonita.

— Como assim?

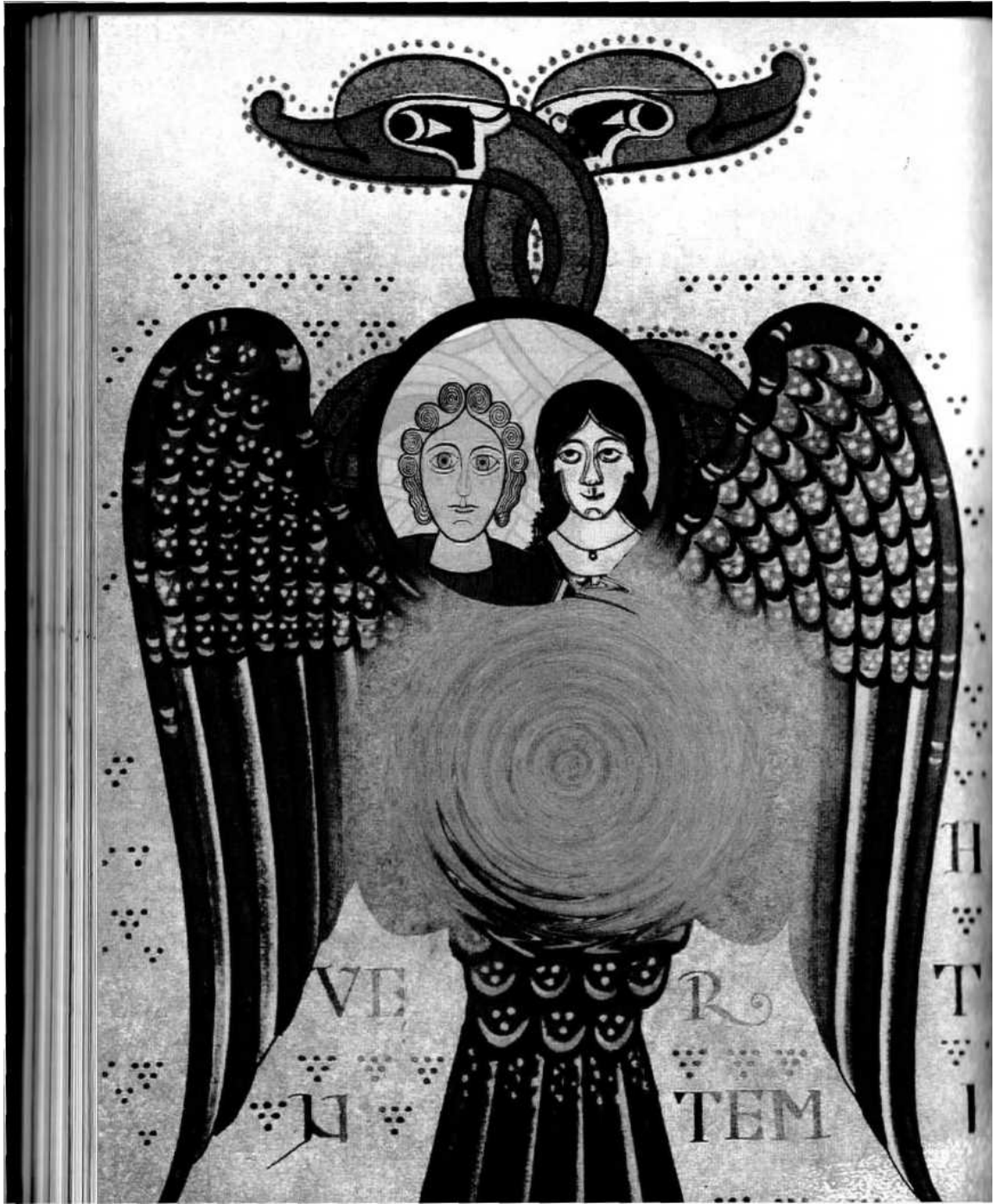
— Durante um ano, ela assume a aparência de uma bela moça e mora aqui, comigo. No ano seguinte, não sei por quê, ela se transforma em cisne. Então vai nadar com as amigas no lago Bel Dracon.

Ao ouvir esse relato, Boann estremeceu de preocupação. O ano estava apenas começando. Como Oengus, tão enfraquecido, conseguiria esperar seu final?

Mas o jovem deus mostrou-se mais otimista. Muito fraco para conduzir seu carro, ele pediu:

— Levem-me até a beira do lago, saberei reconhecerê-la!

No entanto, ele queria apenas a companhia do cocheiro. Os cavalos, entediados por ficarem tanto tempo parados na cocheira, saíram galopando velozes e radiantes. O sol daquela manhã de inverno acariciava os campos com sua luz suave. Um pouco de neve ornava a margem do Bel Dracon. Seu branco destacava o azul escuro do lago, no qual nadavam cento e cinquenta cisnes. Todos tinham no pescoço uma correntinha de prata. Nunca o cocheiro vira espetáculo tão gracioso. Oengus, no entanto, não se deteve para contemplá-lo. Com olhar febril, procurava entre as aves aquela que finalmente viera buscar.



De repente, Oengus levantou as mãos para o céu. Seu manto escorregou-lhe dos ombros e caiu sobre a neve. Diante dos olhos franzidos do cocheiro, seus braços tornaram-se asas. O pescoço de Oengus se alongou e seu corpo cobriu-se de penas brancas. Transformado em cisne, ele voou ao encontro daquela que o esperava havia tanto tempo e que agora ele distinguia facilmente das outras amigas, pois aos olhos de um cisne não há dois cisnes iguais.

Ela o acolheu batendo as asas. Entrelaçando-se pelo pescoço, os dois levantaram voo. Lá no alto, descreveram dois círculos em torno do lago, e depois foram pousar no meio dos juncos.

O cocheiro recolheu o manto de Oengus, cujas franjas readquiriram seu brilho ofuscante, montou no carro e foi levar a boa notícia a Boann.

Em outros tempos, a Irlanda conheceu um grupo de guerreiros inigualáveis. Eram chamados fiana. Não havia rapaz ou moça que pudesse juntar-se a eles sem antes demonstrar seu valor. Como primeira prova, o candidato, enterrado até a cintura, deveria se soltar ao mesmo tempo que se defendia com o escudo dos dardos lançados contra ele por nove guerreiros. Em seguida, deveria fugir pela floresta de um bando de perseguidores, sabendo que, ao final, seria eliminado se sua pele tivesse sofrido um arranhão que fosse, se algum galho tivesse desalinhado seus cabelos ou se algum graveto tivesse estalado sob seus pés. Também lhe pediam que saltasse a uma altura maior que a sua própria e que passasse, sem tocar o chão, sob uma barra colocada à altura de seus joelhos, mas essas eram provas menores. Finalmente, ele deveria, enquanto corria, arrancar um espinho enfiado em seu calcanhar sem desacelerar o passo.

Se passasse por essas provas, o candidato era aceito para seguir um treinamento que, depois de muitos anos, faria dele um verdadeiro fian.

O chefe dos fiana era um rei que, embora possuísse algumas fortalezas, não tinha território. Assim, colocava-se a serviço de outros soberanos, especialmente o Grande Rei¹² da Irlanda, estabelecido na cidade de Tara.

Na boa estação, os fiana viviam na floresta, alimentando-se do que caçavam e coletavam. No inverno, dividiam-se entre as moradas que aceitavam acolhê-los, que não eram poucas, pois todos disputavam a honra de alojá-los.

Quando começa esta história, o rei dos fiana chamava-se Cumhall. Nessa época o Grande Rei era Conn das cem batalhas.

Ao permanecer por algum tempo em Tara, Cumhall vislumbrou na corte do Grande Rei uma linda jovem e imediatamente sentiu por ela uma paixão

devoradora. Logo ficou sabendo que se tratava de Muirne, filha do druida Tagd. No dia seguinte de manhã, Cumhall lustrou a armadura, vestiu seu mais belo manto e foi pedir a mão da bela jovem a seu pai. Tagd recusou termmantemente, pois, apesar dos talentos do rapaz, achava-o indigno de sua filha, que tinha ancestrais de alta estirpe, entre eles Nuada, rei das tribos de Dana, e Eithne, mãe de Lug.

— Por acaso sua linhagem também é tão prestigiosa? — perguntou Tagd.

Cumhall admitiu que não.

— Compreende, então, por que não posso consentir nessa união absurda.

Nessa resposta, Cumhall percebeu todo o desprezo de Tagd pelos guerreiros, considerados de classe bem inferior à dos druidas.

Vendo seu amor contrariado e ofendido pelo motivo da recusa, Cumhall resolveu passar por cima da autorização paterna e raptou Muirne. A solução não desagradou em nada à moça, pois para ela a beleza do rapaz compensava em muito a inferioridade de seus ancestrais.

Tagd, em contrapartida, ficou furioso e foi queixar-se a Conn. O Grande Rei da Irlanda levava a sério

seus deveres, principalmente quando se tratava de reparar uma ofensa feita a um druida. Imediatamente ele chamou Aed, seu melhor capitão.

-Não posso tolerar tal insubordinação. Traga-me Cumhall para que eu o julgue.

Aed reuniu um exército completo, pois sabia que os fiana jamais permitiriam que seu rei fosse levado. O enfrentamento ocorreu na planície de Cnucha. Os homens comandados por Aed eram dez vezes mais numerosos que os adversários, mas isso não intimidava os fiana. Incitados pelo toque de suas trombetas de guerra e pelas batidas das espadas nos escudos, os dois exércitos avançaram um ao encontro do outro.

— Nada lhe acontecerá se você devolver Muirne ao pai e dirigir-se a Tara, sozinho e desarmado, para implorar clemência ao Grande Rei — anunciou Aed.

— Nada lhe acontecerá se você der meia-volta e for embora imediatamente — replicou Cumhall.

Diante do impasse, as duas tropas lançaram-se uma contra a outra. O combate foi terrível e seus ecos chegaram a todos os cantos da ilha, tal o estrondo da batalha. Os fiana lutavam na proporção de um contra dez. Aed perdeu um olho, o que aumentou ainda mais sua fúria contra Cumhall. E este, apesar de sua valentia, sucumbiu sob os golpes dos inimigos. Ao verem seu rei cair, os fiana bateram em retirada, dispersando-se pela floresta vizinha, na qual Aed não ousava entrar.

Com o coração despedaçado, Muirne voltou para junto do pai. Alguns meses depois, ela deu à luz um menino e o chamou de Demne, que significa “o gamo”. Esse nome lembrava-lhe a floresta onde fora tão feliz, embora por tão pouco tempo. Mas logo Muirne ficou sabendo que Aed havia jurado matar o filho de Cumhall, para vingar a perda de seu olho eliminando a estirpe do adversário. Então, ela confiou o filho à druidesa Bodhmal, sua ama.

Há quem diga que Bodhmal escondeu a criança durante cinco anos no tronco de um carvalho. Pode até ser. O certo é que a druidesa dedicou ao menino Demne seu amor e seus conhecimentos e teve a habilidade de livrá-lo de todas as perseguições de Aed e de seu clã.

Quando Demne chegou à idade em que os rapazes adquirem a habilidade de manejar armas, Bodmahl encaminhou-o ao ferreiro Luachair, que fabricou uma espada, uma lança, as ferragens de seu escudo e o ensinou a utilizar esses objetos. Bom aluno, Demne

logo teve a audácia de enfrentar um javali que devastava a região, levando a cabeça do animal para Luachair. Então o ferreiro lhe disse:

— Chegou a hora de você sair pelo mundo. Ora, chamar a atenção é a última coisa que devemos fazer quando precisamos nos esconder, e proezas como essa farão sua fama se espalhar. Mas em suas veias corre o sangue dos heróis, portanto será difícil você evitá-las.

— Partirei em busca dos fiana que sobreviveram à batalha de Cnucha. Depois disso, Aed e seu clã que tenham a prudência de

temer minha cólera!

Luachair balançou a cabeça.

— Ensinei-o a manejar essa espada. Aprenda agora a utilizá-la com sensatez. Para isso, convém você completar sua formação com Fingol, mestre dos druidas.

Demne juntou suas coisas. Estava prestes a sair, quando Luachair ainda acrescentou:

— Faça calar o ódio que arde em você. Aed estava defendendo a lei que seu pai desdenhou, por isso os fiana foram derrotados.

— Não concordo. O amor que meus pais sentiam um pelo outro dava-lhes o direito de contestar essa tal justiça.

— Talvez tenha razão. Se a sua lei é colocar o amor e a igualdade acima da obediência, siga-a. Graças a você, os fiana poderão recuperar a glória de outros tempos. No entanto, cuide para que a coloquem sempre a serviço de uma causa justa. E seja fiel a si mesmo. Você é da linhagem do deus Lug, mas, lembre-se, também descende do fomoriano Balor.

Demne rumou para o norte, à procura da clareira em que Fingol dispensava seus ensinamentos. Seguindo o curso de um rio, avistou um velho que pescava.

— Com licença, bom velho, sabe onde posso encontrar Fingol, rei dos druidas?

Com um gesto da mão, o pescador pediu silêncio. Depois levantou-se bruscamente.

— Ora, desta vez estava quase conseguindo pegá-lo! Você estragou tudo!

O tom de sua voz era mais de resignação do que de irritação.

— Há mais de quarenta anos Lento pescar o salmão do conhecimento. O tempo vai passando, e estou quase perdendo a esperança de conseguir. Não importa, preciso continuar tentando. Por que está procurando Fingol?

Demne explicou.

— Pois bem, você o encontrou.

Assim Fingol o aceitou como discípulo. Durante três anos, Demne aprendeu com o mestre milhares de versos por meio dos quais os druidas transmitem seu saber de geração para geração. Com o bardo Cat-hern aprendeu a manejar uma arma mágica muito mais poderosa do que o ferro e o fogo: a palavra.

Certa manhã, os discípulos ouviram um grito do lado do rio. Logo depois, surpresos, viram o druida chegar num estado de agitação insólito para um sábio. Ele trazia no braço um peixe enorme.

— É ele! É Fintan, o salmão do conhecimento! Finalmente o peguei! Depressa, Demne, acenda o fogo! Este peixe é a criatura mais antiga do universo. Quem comer sua carne partilhará todos os seus segredos. Depressa, vamos! Assim, segure-o por cima das chamas, preste atenção no ponto, enquanto me purifico. Mas, cuidado, não toque nele de jeito nenhum!

Demne obedeceu. No momento em que Fingol voltava, formou-se uma bolha no flanco do salmão. A pele rachou e um jato de gordura quente foi lançado no polegar de Demne, que o lambeu para aplacar a dor.

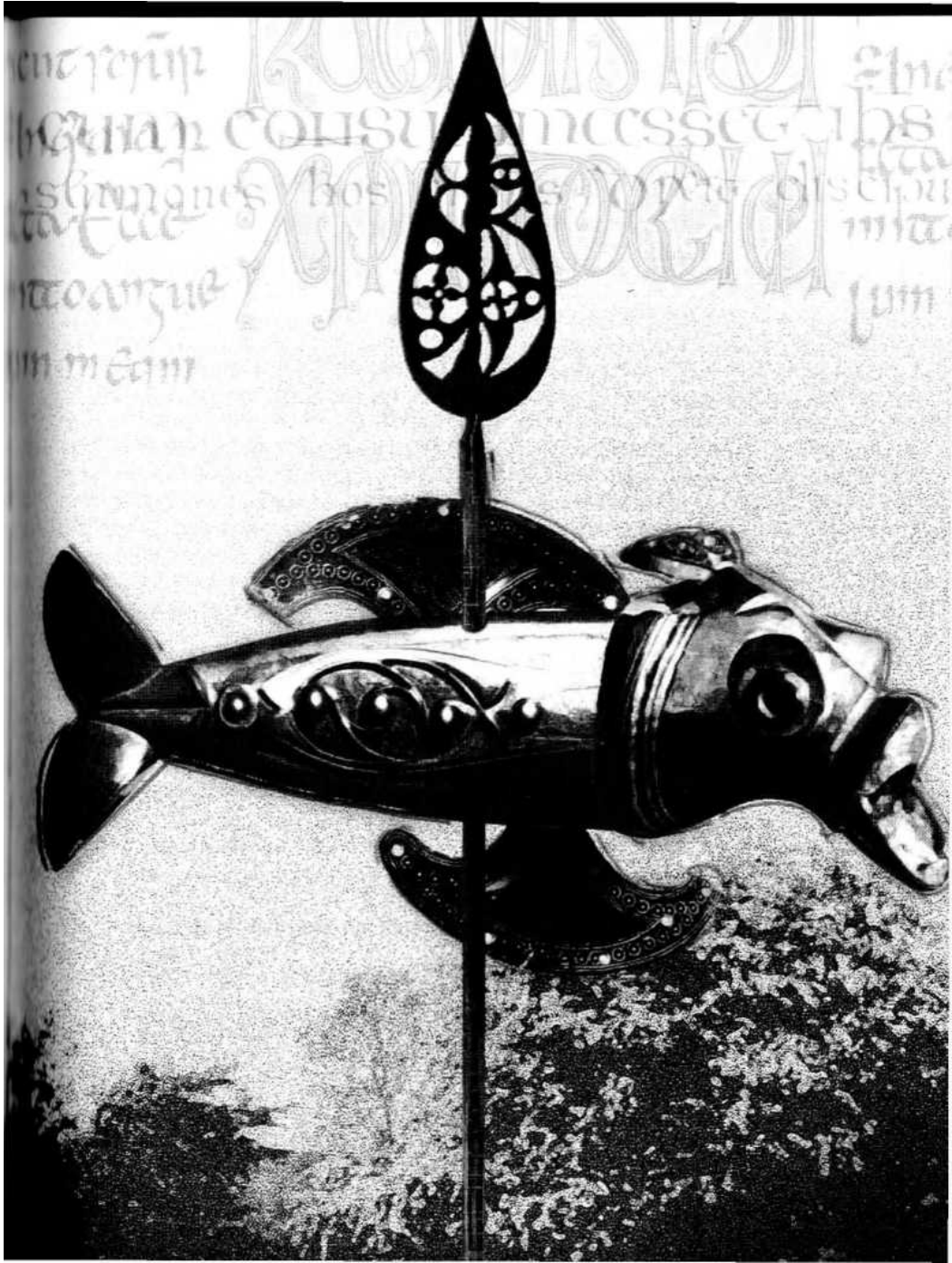
Fingol viu o gesto e entendeu seu significado.

-Já que você começou, deve continuar. O salmão escolheu você para compartilhar seus segredos.

Depois que Demne comeu a carne do peixe, Fingol lhe disse:

- É costume os iniciados mudarem de nome. Doravante, você, que é o mais sábio dentre nós, se chamará Fionn¹³. Agora terá de me deixar, pois não tenho nada mais para lhe ensinar.

Fionn voltou à sua andança, decidido a executar seu projeto: recuperar a glória dos fiana.



Depois da derrota, os fiana tinham voltado a refugiar-se em Connaught. Reunidos em torno de Crimall, irmão de Cumhall, mergulharam na floresta e não apareceram mais. Foi lá que Fionn os encontrou.

A floresta era densa, e para esconder-se nela os fiana eram mais hábeis do que cabras. Apesar de toda a sua astúcia, Fionn jamais teria chegado a eles se Crimall, distinguindo no rosto do jovem os traços do próprio irmão, não o tivesse ajudado a descobri-los.

Crimall encantou-se com o sobrinho, em quem identificava o ardor de sua estirpe moderado pela sensatez dos druidas. Em contrapartida, Fionn decepcionou-se com o que viu. Tantas vezes sonhara com aqueles guerreiros fabulosos! No entanto, enfiados na floresta, sem recrutar novos adeptos, tinham se tornado um amontoado de homens exauridos, com articulações rangendo e forças decadentes.

Apesar do esforço para esconder seus sentimentos, o desapontamento de Fionn não passou despercebido para o tio.

— Assim estão as coisas — disse Crimall, com um sorriso. — Os homens estão envelhecendo, e todos esses invernos passados na floresta foram muito cruéis. No entanto, se você desejar, os fiana recuperarão o esplendor de antigamente. Vamos a Tara. Está chegando a trégua de Samain. Conn será obrigado a nos receber, e você poderá obter nosso perdão.

Crimall levou o sobrinho até um velho carvalho de tronco gretado e galhos nodosos, que suplantava em altura e majestade todas as outras árvores da floresta. Do meio de suas raízes, ele tirou uma lança, cuja ponta estava embrulhada num couro de cervo.

— Esta arma pertencia a seu pai — Crimall explicou ao sobrinho. — Não! Não exponha a lâmina dela, pois sua magia é poderosa. Enquanto caminhava ao nosso encontro, você ouviu falar em Aillen?

Fionn confirmou. Fazia alguns anos que, em Tara, a aproximação do Samain sempre provocava uma certa preocupação. Naquela noite, de fato, um ser maléfico, chamado Aillen, surgia do

Outro Mundo. Na harpa do deus Dagda, ele tocava a melodia do sono. Depois que todos adormeciam, o que não demorava a acontecer, Aillen incendiava os celeiros da cidade.

— Conn prometeu uma recompensa a quem livrasse Tara desse flagelo — continuou Crimall. — Até hoje, todos fracassaram. Espero que essa lança o ajude a conseguir! Então, Conn não poderá recusar-lhe nada.

O Grande Rei surpreendeu-se ao ver chegar aquela tropa desconjuntada, comandada por um jovem de traços idênticos aos do rebelde que em outros tempos desafiara sua autoridade.

— Filho de Cumhall, o que quer de mim?

— Rei — anunciou Fionn -, deixe-me assumir a guarda esta noite!

Conn ficou perplexo. O filho mostrava-se tão audacioso quanto o pai. Temia pôr em risco sua autoridade de rei ao permitir que ele tentasse aquela proeza. Por outro lado, não seria justo privar Tara da possibilidade de se livrar do maléfico Aillen. No momento em que ia pedir a opinião de seus conselheiros, ele viu em meio à assistência uma mulher muito pálida, com os lábios trêmulos de emoção. Era Muirne.

- Homem — ele disse, voltando-se novamente para Fionn -, vá beijar sua mãe. Esta noite, você assumirá a guarda.

Ao cair da noite, elevou-se no ar uma doce melodia. Qualquer pessoa que a ouvisse esqueceria todas as preocupações, distenderia os músculos, fecharia as pálpebras e catria em sono profundo.

Ao ouvir as primeiras notas, Fionn sentiu um torpor anuviar-lhe o espírito. Imediatamente retirou o couro que cobria a lâmina de sua arma mágica, e um terrível mau cheiro se espalhou pelo ar. Fionn sentiu o estômago se contorcer, mas conseguiu resistir à tentação de jogar a lança para longe. Fez tamanho esforço de concentração para não vomitar que se esqueceu de adormecer.

Ao ver um homem desperto, Aillen ficou desconcertado, mas logo entendeu o que estava acontecendo.

— Conheço esse cheiro — ele disse. — Ele se desprende do medo irrefletido que os viventes têm das criaturas do Outro Mundo. Quem é você que o domina?

— Sou Fionn, filho de Cumhall. Venho impedi-lo de semear a miséria em Tara.

— De onde lhe vem a audácia de me enfrentar?

— Do conhecimento que me foi dado por Bodh-mal, por Fingol e pelo salmão Fintau. Foi você quem disse: só o medo dos homens constitui sua força. Ora, você não me inspira medo nenhum, pois sei que não há diferença entre este mundo e o seu, e que a morte é apenas o meio de uma vida longa.

Mal ele acabou de pronunciar essas palavras, Aillen deu um grito raivoso e se desvaneceu no nada.

Aquele ano, ao acordarem, os habitantes de Tara encontraram suas colheitas intactas. Conn convocou a assembléia e pediu a presença daquele que resistira à melodia do sono.

— Promessa é dívida — disse Conn. — Que recompensa você deseja?

— Nada que você não tenha o poder de fazer: justiça.

A expressão do rei se fechou, prevendo dificuldades.

— Em outros tempos — disse Fionn -, a fortaleza de Allen pertencia a meu pai. Quando Aed o matou, você a entregou a ele. Quero que ele me conceda uma batalha, um duelo ou que a devolva sem combate!

Aed adiantou-se. Seu único olho tinha um brilho sombrio. Seus cabelos tinham embranquecido, tal como os cabelos dos fiana que outrora ele combatera, mas ainda era um guerreiro temível. Com voz forte, dirigiu-se a Fionn de modo que toda a assistência o ouvisse:

— Quando o vi entrar aqui, meu sangue ferveu. Durante muito tempo o procurei para matá-lo antes que você chegasse à idade de vingar seu pai. Hoje de manhã pensei: se eu tivesse cumprido meu

objetivo, estaríamos chorando nossas colheitas destruídas, como todos os anos. A fortaleza de Allen me foi dada em recompensa por um ato justo. No entanto o filho não é culpado dos erros do pai, e mais uma vez ajudarei o rei a cumprir um ato justo, devolvendo-lhe a fortaleza. E a ela acrescento a amizade de meu clã.

— Quer mais alguma coisa? — perguntou Conn, aliviado por não ter acontecido um confronto que ele temia. — Fale sem medo.

— Quero reinar sobre os fiana.

— Isso não posso lhe conceder sem o consentimento deles.

Os velhos fiana bateram nos escudos com os punhos das espadas, expressando sua satisfação.

- Que se faça conforme a vontade deles — disse Conn. — Esta noite, vá até a fonte sagrada para preparar o coração e a alma para essa tarefa difícil. Amanhã, celebraremos sua coroação.

Assim, Fionn sucedeu a seu pai como rei dos fiana, que logo recuperaram a glória de outros tempos.

13.

O casamento de Fionn

Vários anos se passaram depois que Fionn restaurou o prestígio dos fiana. Ele dirigia seu exército com sabedoria, e em todas as circunstâncias dava exemplo de bravura e bom humor.

No entanto, havia uma coisa que incomodava seus companheiros: o rei não tinha nenhuma mulher a seu lado. Certo dia, Crimall abordou o assunto com o sobrinho.

— Agora você precisa pensar em deixar descendentes. Conheço várias mulheres que ficariam honradas em viver a seu lado, mas parece que você não as vê.

Fionn refletiu por um momento, depois disse:

— Você se lembra da noite em que fui sozinho até a fonte sagrada, que fica entre duas colinas, fora dos muros de Tara?

— Lembro, sim. Conforme manda o costume, você foi preparar o coração e a alma para se tornar rei dos fiana.

— Pois bem, aquela noite tive um encontro.

E Fionn contou ao tio a história que se segue.

Ele estava meditando ao lado da fonte, quando uma das duas colinas se abriu para dar passagem a três moças, uma mais linda do que a outra. Manteve-se completamente imóvel, para não denunciar sua presença e poder observá-las à luz do luar. De repente, uma delas olhou em sua direção e conteve um grito. Imediatamente as três saíram correndo.

— Esperem! Não fujam! — ele gritou, saindo em sua perseguição.

Estava quase alcançando uma delas, quando a moça desapareceu. Antes, no entanto, os dedos de Fionn haviam agarrado o broche que prendia o vestido da jovem ao ombro. Pouco depois, ele a viu voltar, hesitante, com a mão apoiada na cabeça de uma cabra arisca.

— Se me poupar a vergonha de voltar para dentro da colina com o vestido desalinhado, eu lhe concederei uma graça — ela disse.

Fionn estendeu-lhe a joia.

— Linda moça — ele disse -, não tive má intenção. Queria apenas falar com você. Tome seu broche. Não quero nada além da sua amizade.

Ela o olhou, mais confiante, e disse:

— Sei que você é aquele que não tem medo de nós, criaturas do Outro Mundo. Embora não me peça nada, quero recompensá-lo.

E, antes que Fionn pudesse reagir, ela tirou um punhal da cintura e golpeou a cabra. O pobre animal tombou, gemendo, com o pelo manchado de sangue.

— Pegue água nessa fonte e faça-a beber de suas mãos — ela disse.

Ele obedeceu. Assim que bebeu, o animal se levantou, e seu ferimento se fechou.

— Por esse dom, você será amado por seus companheiros — ela predisse.

A moça voltou a desaparecer, e dessa vez para sempre, deixando Fionn dividido entre a tristeza de tê-la perdido e a alegria de ter adquirido um poder maravilhoso.

— Agora você conhece meu segredo — disse Fionn ao tio. — Nenhuma das mulheres que encontrei depois disso conseguiu apagar a lembrança da Dama da colina.

Crimall pôs a mão no ombro do sobrinho. Sabia que não adiantaria dizer mais nada. Nunca mais falou sobre isso com Fionn. Sempre que ouvia elogios a alguma moça, tentava fazer com que ela e Fionn se encontrassem, mas não havia mulher que conseguisse atrair o rei.



Certo dia, Fionn estava caçando e, numa curva do caminho, avistou uma corça magnífica. Imediatamente atçou seus cães para que fossem atrás dela enquanto ele os seguia de longe. Quando finalmente chegou ao lugar em que a corça fora encurralada, ficou surpreso ao ver que os dois cães de fila que comandavam a matilha defendiam a caça contra o ataque dos outros. Intrigado com o comportamento de seus cães, Fionn levou a corça para casa. Deu-lhe de comer e, para evitar que lhe acontecesse algum mal, abrigou-a na choupana de galhos em que ele dormia durante o verão, conforme era costume entre os fiana. A corça deitou a seus pés. No meio da noite, Fionn foi acordado por um ruído de estalos. Abriu os olhos e, sob o luar que se infiltrava pelas frestas, vislumbrou a silhueta de uma linda jovem.

- Meu nome é Seve — disse ela, ao vê-lo acordado. — Sou a corça cuja vida você poupou. Em outros tempos, um mago cruel quis que eu fosse sua mulher: Como recusei, ele me transformou em animal, para que nenhum outro homem jamais me cobiçasse. Ao me alimentar e me proteger, você rompeu o sortilégio.

À sua linda beleza de mulher, a moça aliava a graça da corça. Agradeceu mais uma vez e prometeu nunca mais incomodá-lo, sem no entanto fazer menção de ir embora.

Fionn acabava de encontrar uma moça capaz de fazê-lo esquecer a Dama das colinas. Então eles se amaram. O menino que algum tempo depois nasceu dessa união recebeu o nome de Oisín

Depois de viver muitos anos na companhia de Seve, Fionn ficou viúvo. Apesar de sua idade avançada, os amigos o incentivaram a encontrar uma nova esposa. De início ele se recusou, mas mudou de ideia no dia em que ficou conhecendo Grainne, de dezessete anos. O pai da moça, Cormac, ficou muito orgulhoso com o interesse de Fionn, mas ela o acolheu com frieza. Era jovem, bonita, e, apesar da boa reputação de Fionn, ela não tinha vontade de se casar com um velho. Mas como recusar um pedido do rei dos fiana?

— Ama, o que está acontecendo é horrível! Se eu o rejeitar, ele se vingará em meu pai.

— Então não o rejeite.

— Mas não quero me casar com ele! Seu rosto é enrugado como granito e seus cabelos têm a cor do gelo.

— Ora, não se case! Não é costume o noivo oferecer um presente de núpcias? Peça-lhe então que lhe traga um casal de cada uma das espécies animais que povoam a Irlanda. Até ele conseguir reuni-los, o tempo terá dado um jeito. Se Fionn não tiver morrido, pelo menos já não poderá sonhar em ter esposa.



A ama havia subestimado a habilidade dos fiana. Em uma semana a exigência estava cumprida. E isso porque haviam perdido tempo com a raposa, que dificilmente se deixava pegar.

Com a morte na alma, Grainne se foi para a colina de Allen, onde se realizaria o casamento. Lá, olhando pela janela, a moça avistou um jovem fian e, na mesma hora, sentiu-se intensamente perturbada.

— Ama, quem será aquele homem?

Ela tentava simular indiferença, mas a velha ama não se deixou enganar.

— Cuidado com ele, minha linda, não olhe para seu rosto de modo nenhum. Ele se chama Diarmaid. É um jovem encantador. Oengus, deus protetor dos apaixonados, foi seu pai adotivo. A moça que olhar para a mancha que Diarmaid tem na testa fatalmente se perderá de amores por ele. Portanto, é melhor você desviar os olhos!

— Ama, você me avisou tarde demais. Amo esse rapaz, e prefiro morrer a me unir a outro homem. Por favor, você, que conhece todas as ervas, prepare uma poção que me tire a vida!

— Não diga isso, menina, como poderia matá-la, logo eu, que a alimentei com meu leite?

— Ama, prefiro a morte a esse casamento!

— Pois bem, vou fazer uma poção, mas para você distribuir entre os fiana, exceto para aquele que seu coração escolheu. Os que a tomarem mergulharão em sono profundo. Aí... você entrará em ação.

Durante a festa do casamento, Grainne fez questão de oferecer pessoalmente a cada convidado uma taça de bebida, que a ama se encarregava de encher. No entanto, fingindo falta de atenção, deixou de servir a bebida a Diarmaid. Logo a festa foi perdendo a animação, e em pouco tempo todos os fiana adormeceram. Todos menos Diarmaid.

— Não se surpreenda — disse Grainne. — Não quero me casar com o velho Fionn, pois estou apaixonada por você. Por favor, enquanto ele está dormindo, leve-me para longe de Allen.

O jovem hesitou. Grainne, de fato, era muito bonita. Seus olhos cheios de lágrimas e suas súplicas o comoviam. Ele, que até então nunca se preocupara com os sentimentos que despertava, pela primeira vez na vida sentia-se emocionado diante do rosto de uma mulher. Mas não queria trair seu rei. Então, Grainne gritou, furiosa:

- Ouça o que vou dizer: se não me ajudar, será para sempre um homem sem forças e sem coragem para enfrentar o inimigo!

Era mais do que um grito de raiva, era uma maldição. Decerto ela tinha algum poder muito forte, pois Diarmaid já se sentia desarmado por seus olhos suplicantes e seus lábios trêmulos. Se já antes de se cumprir a ameaça ele estava perdendo a coragem de resistir àquela jovem tão frágil e delicada, como seria se ela de fato o enfeitiçasse? Sendo assim, não podia se furtar. Diarmaid atrelou seu carro e levou a jovem embora, junto com a velha ama, que não se dispunha a enfrentar o interrogatório do rei quando este acordasse.

Fionn, aliás, não precisou da ama para entender o que havia acontecido; foi suficiente constatar a ausência de Grainne e de Diarmaid. Furioso, ordenou a suas tropas que trouxessem os fugitivos de volta. Os fiana não se entusiasmaram muito com a ideia. Eram amigos de Diarmaid e não queriam caçá-lo, sobretudo por aquele motivo. Quando um homem de cabelos brancos resolve se casar com uma juvenzi- nha, deve estar preparado para certos contratempos. O próprio filho de Fionn, Oisín, disse-o ao pai, com todo o respeito que lhe devia. Mas o rei não lhe quis dar ouvidos. Falou em honra, dever e todas as outras coisas que obrigavam os fiana a lhe obedecer. De tal modo que, finalmente, eles saíram em perseguição a Diarmaid. No entanto, já se passara bastante tempo para que os fugitivos conseguissem escapar.

Oisín achou que a raiva de Fionn acabaria por se aplacar. Mas não foi o que aconteceu. Não se passava um só dia sem que o rei indagasse se já haviam obtido alguma informação. E, certa manhã, vieram lhe dizer que, perto da costa, alguém avistara uma fumacmha que saía de uma gruta até então desabitada.

— Até que enfim! — exclamou Fionn.

— Pode ser qualquer pessoa — disse Oisin. — Há muita gente pobre em busca de abrigo.

— Minha intuição não me engana. Você esquece que comí a carne do salmão do conhecimento?

À frente de uma tropa de guerreiros, Fionn dirigiu-se imediatamente ao lugar indicado. A caverna poderia ter várias saídas, por isso ele resolveu tomar algumas precauções antes de invadi-la. Ao avistar uma velha que colhia gravetos para acender o fogo, Fionn reconheceu nela a ama de Grainne e logo a interpelou.

— Não tenha medo, não vim como inimigo. Você deve achar que estou à procura de Grainne. É verdade que cheguei a desejar casar-me com ela, mas, quando vi você na colina de Allen, meus sentimentos mudaram. Preciso de uma mulher experiente. E, já que aquela garotinha rompeu o compromisso que nos ligava, agora posso lhe dizer sem rodeios que é você que desejo como rainha.

Tão grande é a vaidade das mulheres, embora não maior que a dos homens, que a velha ama se deixou seduzir por essas palavras.

— É pena — prosseguiu Fionn -, sei que isso não é possível, pois você é orgulhosa demais para aceitar um homem que se deixou, sem se vingar, ser escarneado por um de seus guerreiros. Mas Diarmaid é esperto! Ainda hoje é capaz de me ridicularizar escapando-me por entre os dedos enquanto procuro a entrada de seu esconderijo.

— Deixe por minha conta. Vou detê-lo enquanto você coloca seus homens a postos.

A velha ama lhe indicou todas as saídas da caverna. Depois cobriu o casaco de sal e entrou na gruta.

— Ama, notou alguma coisa lá fora? — perguntou Grainne, surpresa por vê-la sem a lenha.

— Nada, meus pombinhos, podem dormir tranquilos e quentinhos, debaixo das cobertas. E, por favor, não saiam da cama. O frio está de matar os corvos em pleno voo. Nenhum cavaleiro se aventuraria a sair hoje. Vejam só, minha roupa está coberta de neve — ela acrescentou, sacudindo o casaco.

Depois de aplacar a desconfiança de Diarmaid, ela voltou para indicar o caminho da caverna aos fiana. Mas, transtornada com a declaração de Fionn, ela se esqueceu, na pressa, de vestir novamente o casaco. Grainne estranhou que, com um frio tão forte, a ama saísse sem agasalho. Passou a mão no casaco e levou-a à boca.

— Traição! — a moça gritou. — Essa neve está muito salgada!

Diarmaid levantou-se de um salto, pegou as armas e os dois esgueiraram-se para fora do esconderijo. Mas, espalhados por toda parte, os fiana interceptariam sua fuga. O único caminho aberto era o do mar. Correram até a praia e lá avistaram um barco. Ao leme estava um homem de frente luminosa, que Diarmaid reconheceu de longe pelo manto verde de franjas douradas.

— É Oengus, meu pai adotivo!

Grainne subiu no barco, mas Diarmaid recusou-se a acompanhá-la.

— Se eu for com você, levaremos sempre uma vida de proscritos, de exilados. No entanto, temos direito ao nosso amor, não há por que nos escondermos. Vou falar com Fionn e apelar para seu bom senso.

— Sua intenção é honrosa — advertiu Oengus -, mas não confie muito na sensatez de Fionn. Nada há como o amor para transformar um homem. Acredite-me, sei do que estou falando. Pegue este anel. Em caso de perigo, vire a pedra para a palma de sua mão.

Já em seu carro, Fionn chegava à praia. Diarmaid foi ao encontro dele.

— Salve, Fionn, que continua sendo meu rei. Grainne me lançou um sortilégio. Se eu não partisse com ela, perderia minha honra. Agora nos amamos. Por maior que seja o seu poder, você não poderá fazer nada contra isso. Peço-lhe que renuncie a Grainne e a conceda a mim.

Como resposta, Fionn mandou que o prendessem. Diarmaid virou o anel de Oengus e desapareceu imediatamente da frente dos fiana.

Oengus deixou seus protegidos num lugar distante.

- Sejam prudentes — aconselhou. — Infelizmente não posso lhe confiar meu anel. Sua magia é poderosa demais para que eu o deixe por muito tempo com um mortal. Mas dê um jeito de continuar se mantendo o mais invisível possível. Nunca entrem em casa nenhuma que só tenha uma saída. Nunca desembarquem em ilha nenhuma que seja separada da terra por um só braço de mar. Não comam perto do fogo que cozeu seu alimento e não durmam no lugar em que comeram.

Os dois passaram a viver como animais acossados. A traição da ama ensinara-os a não confiar em ninguém. Durante sete anos, levaram uma vida errante e solitária, raramente passando duas noites no mesmo lugar. Mas eram tão apaixonados um pelo outro que não sofriam com nada disso, e sete anos lhes pareceram sete meses.

Enquanto isso, Fionn continuava envelhecendo; e às vezes Oisín o surpreendia relembando, aos suspiros, sua atitude de tempos passados.

- Diarmaid não merecia ter sido tratado de maneira tão dura. Onde estará ele agora? Ah, se um de meus fiana conseguisse descobrir seu esconderijo e levar até ele as minhas desculpas!

De vez em quando, algum fian aventurava-se a sair em busca do casal, mas sempre voltava de mãos vazias, pois Diarmaid adquirira grande habilidade em se esconder e apagar todos os vestígios de sua passagem.

Certo dia, ao se debruçar sobre um riacho para matar a sede, Oisín notou que na água flutuavam cascas de frutos. Ficou intrigado, pois aquela água vinha da floresta de Ben Burben, que todos evitavam porque nela morava um javali monstruoso. Para tirar aquilo a limpo, Oisín foi subindo ao longo do riacho. Penetrou na mata e logo deu com um amontoado de rochas. Empilhados uns sobre os outros, blocos enormes formavam uma fortaleza natural. Para se abrigar num lugar de fama tão sinistra era preciso estar sob forte ameaça mas, também, ter muita coragem.

Oisín teve certeza de que havia encontrado o refúgio de Diarmaid. Foi levar a notícia a Fionn, mas antes tomou algumas

precauções.

— Se me prometer que não vai causar dano a Diarmaid, nem com a mão nem com a língua, eu o levarei até ele.

— Nem com gestos nem com palavras — prometeu o rei, diante dos druidas e dos companheiros.

Fionn parecia muito alegre e insistiu para partir o quanto antes.

— Há muito tempo ando querendo acabar com aquele javali que está devastando a região. É uma boa oportunidade. Antigamente Diarmaid gostava de caçar. Vamos convidá-lo para se juntar a nós para selar nossa reconciliação.

No dia seguinte, ao amanhecer, os fiana se espalharam pela floresta de Ben Burben. Alertado pelos latidos dos cães, Diarmaid acordou Grainne, vestiu a armadura e empunhou as armas.

— Ah, bem que Oengus me avisou para não dormir duas noites no mesmo lugar. Confiamos demais no pavor que todos têm desta região.

— Vamos ficar escondidos — suplicou Grainne. — São apenas caçadores!

— Caçadores não ousariam acuar o javali em seu território. Nada disso, são os fiana. Estão dando gritos de caça, e não de guerra, para me enganar, ou pior, para me humilhar. No entanto, prefiro morrer como guerreiro a morrer como caça!

E Diarmaid se precipitou para fora do esconderijo, de espada em punho. Assim que o viu, Oisin correu para ele.

- Baixe sua arma, amigo Diarmaid. O tempo, que transforma em areia as rochas mais duras, também aplaca a cólera dos homens. Garanto que Fionn não levantará a mão contra você nem dará aos fiana nenhuma ordem que o prejudique.

De fato, Fionn acolheu o rapaz com alegria e o convidou a participar da caçada. Diarmaid aceitou, feliz por reencontrar os companheiros e recuperar a amizade do rei.

Os caçadores não demoraram a localizar o javali monstruoso. Apesar de valentes, não deixaram de estremecer diante das presas longas e afiadas como sabres. O animal não tinha orelhas nem cauda, mas era maior que um cavalo, e seus pêlos eriçados exsudavam veneno. Ai de quem encostasse nele!

Fionn dominou a fera, que no entanto acabou por se soltar, deu meia-volta, empurrou os cães e atacou. O rei escapou por um triz. O javali prosseguiu a correria, e uma alegria malévola tomou o coração de Fionn quando o viu precipitar-se direto contra Diarmaid.

Sem tempo para fugir, o rapaz se pôs de frente. Com os pés solidamente plantados no chão, levantou o chuçó, enfiou-o abaixo do ombro do animal e se curvou para não soltá-lo. A força do próprio ímpeto do animal fez com que a arma lhe atravessasse o coração. O javali tombou, soltando um berro feroz.

Com essa façanha, desvanecia-se a esperança acalentada pelo rei, que certamente tinha segundas intenções ao convidar Diarmaid para aquela caçada.

Reunidos em torno da fera, os fiana espantavam-se com seu tamanho e discutiam sobre quais seriam suas medidas.

— O melhor meio de chegarem a um acordo será medi-lo — disse Fionn. — Diarmaid! Você, que teve a honra de abatê-lo, diga-nos qual é o comprimento dele, do traseiro até o focinho.

Diarmaid pôs-se a andar ao longo do cadáver, encostando o calcanhar de um pé ao artelho do outro. Nessa operação, aproximou-se tanto do animal que acabou roçando em um de seus pelos venenosos. Na mesma hora seus membros se intumesceram, ele caiu e perdeu os sentidos. Fionn reprimiu um sorriso e fingiu aflição. Mas Oisín não se deixou enganar.

— Pai! — ele gritou. — Você tem o poder de curar os feridos fazendo-os beber de suas mãos.

— Já tive esse talento, sim, mas estou velho e talvez o tenha perdido.

— Basta! — trovejou Oisín. — Corra até o riacho e traga água!

Diante dos olhares hostis de todos os fiana, Fionn tratou de agir, mas com tanta lentidão que, quando voltou para junto do ferido, já não havia nada em suas mãos.

— Ora, a idade está acabando comigo. Veja, minhas mãos estão trêmulas. A água escorreu-me entre os dedos.

Osgar, filho de Oisín, interveio com todo o ímpeto de sua juventude.

— Meu avô — ele gritou, desembainhando a espada -, volte ao riacho. E desta vez é melhor se apressar e apertar bem os dedos!

Fionn cedeu à determinação do neto e obedeceu. Mas, quando voltou e se debruçou sobre o ferido, este já perdera a vida.

Oisin foi buscar Grainne. Pálida, ela contemplou o corpo do amado e, depois, voltou-se para os fiana:

— Hoje começa o declínio de vocês, que foram arrastados por seu rei a uma causa injusta. Quanto a mim, eu vivia do amor que Diarmaid me dava. Agora, o que me importa a luz do sol?

Ela se deitou ao lado do corpo de Diarmaid e fechou os olhos para sempre.

Na Irlanda, veem-se até hoje círculos de pedra dispersos por toda a ilha. Dizem que eles acolheram por uma noite os amores de Diarmaid e Grainne.

15. A ilha das mulheres

Bran, filho de Febal, jantava em companhia de outros cinquenta reis e chefes de clã da verde Irlanda, quando uma jovem mulher apresentou-se a ele. Muito loira, ela tinha a pele branca e branco também era seu vestido. Ninguém a conhecia nem sabia como pudera atravessar as muralhas, que eram fechadas e guardadas.

— Aproxime-se — disse Bran — e tome lugar entre nós.

— Não vim para participar do seu banquete — respondeu a dama branca mas para lhe fazer uma pergunta: de onde vem o galho que vejo perto de você?

Essa pergunta, na verdade, aflorava aos lábios de todos quando viam, fincada no chão atrás da cadeira de Bran, um galho que parecia de prata, cujas folhas brilhavam como ouro, carregado de frutos que tinham o brilho do âmbar.

— É simples. Esta manhã fui passear pela praia. De repente, um grande cansaço tomou conta de meus membros. Deitei-me na areia e adormeci. Quando

acordei, esse galho estava a meu lado. Julguei-o digno de ornamentar a sala do banquete, por isso trouxe-o comigo. Agora, venha sentar-se a meu lado.

Mas a moça balançou a cabeça.

— Você não respondeu à minha pergunta. De onde vem o galho que vejo perto de você?

— Ora, suponho que o mar o tenha lançado na areia. Como posso saber de onde o trouxe?

Então a dama branca se pôs a cantar:

*Naquela ilha distante
Crescem minhas macieiras
A sua volta correm os cavalos do mar*

*Ela repousa sobre quatro pilares
Não há tristeza nem pesar
Não há dor naquela ilha
Onde crescem minha macieiras*

Quando sua voz se calou, a assistência estava tão maravilhada que ninguém pensou em deter a jovem mulher. Ao se dar conta de que ela saía pela porta, Bran correu para alcançá-la, mas era tarde. Só viu um criado que trazia cerveja.

— Ei, por acaso viu uma moça de branco?

O homem franziu os olhos. Não tinha visto ninguém.

Bran interrogou todos os criados, todos os sentinelas, mas todos lhe deram a mesma resposta. Ninguém tinha visto a moça de branco.

— Só me resta uma solução — suspirou Bran, obcecado pela deliciosa imagem da desconhecida -, encontrar a ilha das Macieiras.

No dia seguinte, ele fretou um navio. Para acompanhá-lo na expedição, escolheu os nove marinheiros mais audaciosos, os nove guerreiros mais corajosos e os nove druidas mais sábios. Amarrou o galho de macieira na proa e, quando a maré o arrastou para o largo, tomou a direção do sol poente. Durante três vezes nove dias e três vezes nove noites manteve esse rumo. Nenhum navegante avançara tanto em direção a oeste.

Então o vigia de plantão deu um grito.

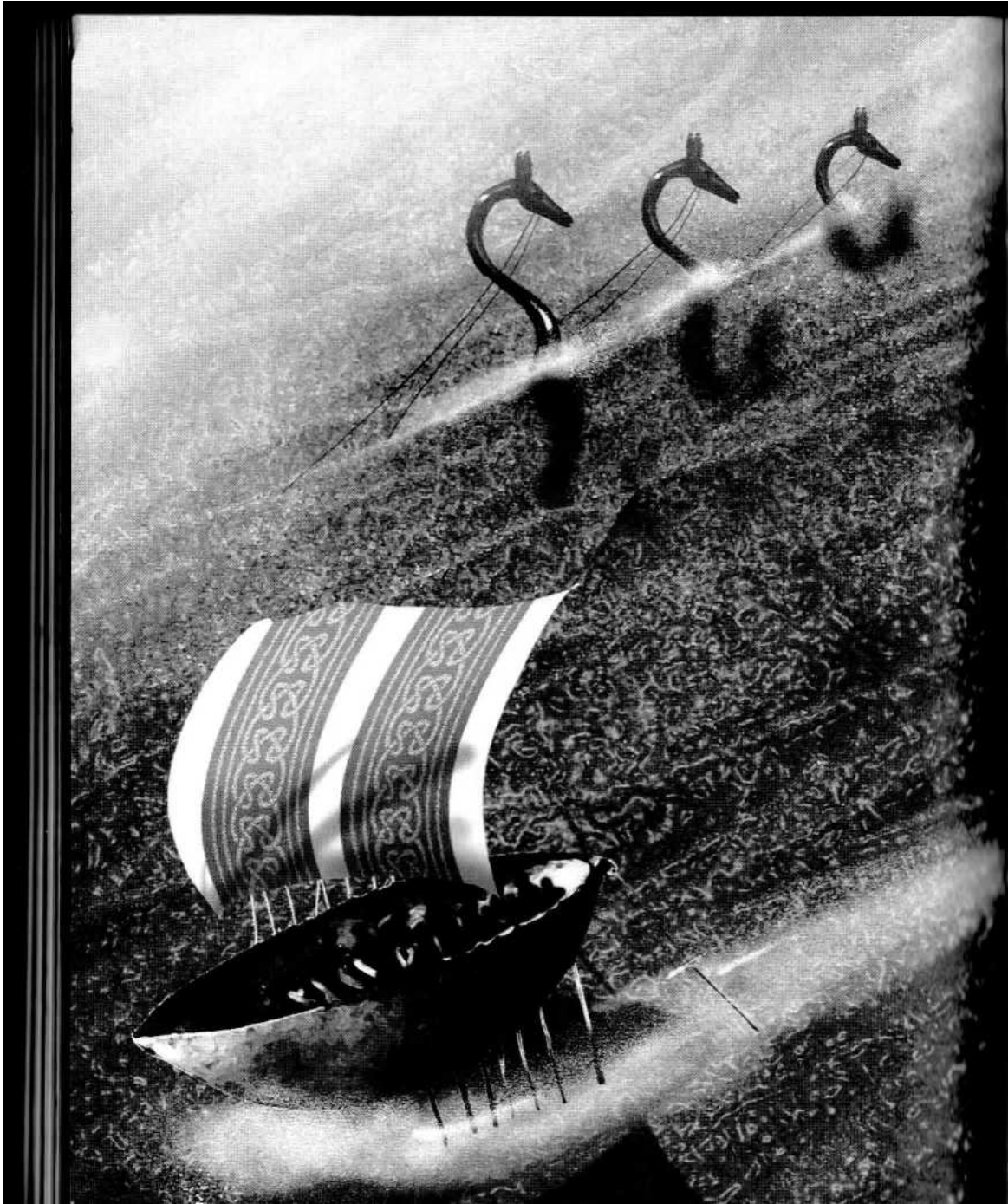
— É terra? — perguntou Bran.

— Não. Alguma coisa está vindo ao nosso encontro.

— Um navio?

— Não, parece mais... sim, é um carro puxado por cavalos.

De início, Bran achou que o vigia estivesse delirando. Mas logo todos avistaram um carro que se



aproximava. Os cascos dos cavalos sulcavam as ondas e as rodas levantavam feixes de espuma.

Ao chegar a eles, o condutor deteve o carro.

— Quem é o ousado que se aventura tão longe da terra dos homens? — gritou ele, com voz mais ensurdecadora do que a tempestade.

— Sou Bran, filho de Febal, e procuro a ilha onde crescem macieiras com frutos de âmbar. Quem é você? Aonde vai?

— Sou Mananann, senhor do oceano. Vou à ilha Verde para conceber um filho.

— Como pode chegar até lá com esse carro, se por toda parte encontrará águas insondáveis?

— Não se atenha às aparências. Onde você vê o mar, eu enxergo uma planície florida. O que você chama ondas são para mim capins ondulantes, e sua franja de espuma são corolas. Sob a proa do seu navio estende-se uma floresta profunda, e são os cimos de suas árvores que suportam seu casco.

-Você, que sabe o que os homens ignoram, poderá nos dizer onde se encontra a terra que procuramos?

Mananann cantou:

A ilha

Onde moram as mulheres de olhos claros

Para mim é uma rica colina.

Um dia

De eterno bom tempo

Para mim o espaço de um instante.

Bran que mova os remos com firmeza

Pois já não está longe

A ilha onde moram as mulheres de cabelos de luz.

Então, ele virou as rédeas e rumou para leste, onde o aguardava a promessa de um filho.

Ao fim de mais dois dias de navegação, o vigia anunciou que avistava terra. Prudente, Bran deu a volta à ilha antes de

desembarcar. Avistou algumas pessoas numa praia, mas estavam todas rindo e se divertindo, de modo que nem lhe deram atenção.

- É aqui a ilha das Maçãs de âmbar, a terra das mulheres de olhos claros? — Bran indagou, por cima da amurada.

Os habitantes da ilha continuavam a festejar, sem dar atenção aos viajantes. Então Bran ordenou que o vigia desembarcasse, em busca de informações. Mas, assim que pôs os pés em terra, o vigia também começou a rir.

— Volte! — gritou-lhe Bran, preocupado com aquele comportamento inesperado.

Foi inútil. O homem afastou-se em companhia dos habitantes da ilha, sem fazer um sinal, sem se voltar, como se tivesse esquecido completamente os companheiros.

Bran achou mais sensato se afastar. Continuaram navegando até a noite, quando avistaram outra ilha. Na praia, na desembocadura de um riacho, mulheres vestidas de branco jogavam bola, usando para isso novelos de lã prateada. O barco navegou rumo ao estuário.

— É aqui o fim da minha viagem? — perguntou Bran assim que chegou a uma distância que sua voz pudesse alcançar.

Ora, a mulher que se aproximou para lhe responder foi exatamente a dama de branco cuja imagem povoava seus pensamentos.

— Seja bem-vindo, Bran, filho de Febal. Obrigada por trazer de volta o galho de minha macieira. Então, o que está esperando para vir ao meu encontro?

Desconfiado por causa do que acontecera com o vigia, Bran hesitava em desembarcar. Então, rindo, a dama branca lhe jogou o novelo que tinha na mão. Por reflexo, Bran o pegou. Imediatamente, o fio enrolou-se em seu punho. A dama branca puxou a outra ponta, afundou o navio e arrastou o capitão até ela.

Logo cada um dos homens da tripulação viu-se ao lado de uma mulher, e todos foram levados ao palácio da dama branca. Lá, durante um ano, Bran e sua tripulação levaram uma vida doce, sem

dificuldades nem amargores. Sua única tarefa era dar amor às mulheres da ilha.

Entretanto, ao final de um ano, Nechtan, o mais jovem dos nove guerreiros reunidos por Bran, foi ter com ele.

— Quando você me pediu para acompanhá-lo, aceitei sem hesitar. Deixei na minha terra meus velhos pais, amigos muito queridos e também uma moça a quem prometi voltar para nos casarmos. Não me faça faltar à minha palavra.

Bran admitiu ser justo o que o rapaz dizia. Também ele precisava ocupar seu reino. Voltou para junto de sua dama, que o esperava em seu quarto de vidro e luz, e explicou-lhe que tinha o dever de atender ao pedido de Nechtan. Pela primeira vez a dama branca se entristeceu.

— Desta vez não usarei meu novelo mágico, pois não quero segurá-lo contra a sua vontade. Já que é seu dever, pode ir. Mas atenção! Ao chegar a esta ilha, você deu provas de prudência. Ao voltar às praias da Irlanda, tenha mais cuidado ainda.

Bran assentiu. No dia seguinte, a tripulação fez o barco voltar ao mar. Ao chegar a seu país, Bran sentiu um estranho mal-estar. O porto lhe parecia diferente. No quebra-mar, um pescador consertava sua rede. Bran não o reconheceu. Ficou surpreso, pois julgava conhecer todos os membros de todos os clãs de seu remo. Ao ver o barco se aproximar, o homem perguntou:

— Quem nos chega pelo mar?

— Sou Bran, filho de Febal.

Para o pescador, esse nome não significava nada. No entanto, uma mulher que estava ao lado dele declarou:

— Meu pai me falou de um filho de Febal que embarcou para procurar uma ilha maravilhosa. Mas isso foi há muito tempo, pois ele ouvira essa história de seu avô, que por sua vez a ouvira do bisavô.

Essas palavras absurdas inquietaram Nechtan.

— Está delirando, mulher! Faz apenas um ano que partimos!

E, esquecendo os conselhos de Bran, ele saltou para terra. Assim que seus pés tocaram o chão, seu corpo secou e ele virou poeira.

Então, permanecendo a bordo, Bran contou sua viagem para que seu povo a guardasse na memória. Depois voltou a içar as velas e partiu. Ninguém nunca mais o viu.

16. O príncipe dos bardos

Com seu esposo, Tegid o calvo, Keridwen teve três filhos. O primeiro era um menino, que ela chamou de Morvran. Depois nasceu uma menina, Creirwy. O terceiro filho ela chamou de Afangdu, mas não era menino nem menina. Aliás, não se podia nem dizer que fosse uma criança, pois não tinha aparência humana. Era tão monstruoso que, quando ele nasceu, todos os criados fugiram, com exceção de dois deles: Morda, que além de cego era velho demais para correr, e Gwyon, o anão.

Mas, assim é coração de mãe: Afangdu logo se tornou o favorito de Keridwen. No entanto, ela não tinha ilusões. Sabia que o filho jamais seria admitido no meio dos homens, a não ser que tivesse um talento muito especial que os levasse a esquecer sua aparência monstruosa.

Então Keridwen, que era versada em magia, resolveu preparar para o filho uma poção que lhe desse o conhecimento do passado, do presente e do futuro. Encarregou Morda de manter um fogo aceso sob o caldeirão da inspiração durante um ano inteiro. O anão, por sua vez, ficava tomando conta da cocção enquanto ela ia colher as ervas mágicas necessárias à sua preparação.

- Não deixe ninguém se aproximar! Ninguém deve nem tentar se apossar da beberagem! — ela sempre recomendava ao sair.

Na verdade, ela não corria muito perigo, pois todo o mundo sabia que a mistura era venenosa, com exceção de três gotas, justamente as três gotas destinadas a Afangdu.

Tudo corria bem quando, quase no final do ano, um pouco da cocção espirrou no polegar de Gwyon. Instintivamente, ele levou o polegar aos lábios para aliviar a dor da queimadura. Quando percebeu que havia sugado o líquido envenenado, já era tarde. O anão achou que seu fim havia chegado. Mas, em vez de cair morto,

de repente ele começou a ver todas as coisas passadas, presentes e futuras. Na mesma hora, o caldeirão se partiu em quatro pedaços.

Com um misto de alegria e pavor, Gwyon compreendeu que havia engolido as três gotas preciosas. Suas visões até então não eram muito nítidas, pois ainda não sabia controlar seu poder. No entanto, não era preciso ter nenhuma faculdade sobrenatural para prever a cólera de Keridwen. E o anão fugiu correndo.

Ao ver os cacos do caldeirão e o líquido ainda quente esparramado pelo chão, a maga se descontrolou. Pegou uma tora de lenha em brasa e golpeou Morda com toda a violência.

— Está sendo injusta, eu sou inocente — disse o cego.

— Tem razão — respondeu Keridwen. — É de Gwyon que devo me vingar.

E ela saiu em sua perseguição.

O anão ainda estava muito confuso com seu novo talento. Ora via-se morto, ora bem vivo. Ora via-se criança, ora velho. Ora era um fugitivo desvairado, ora um bardo coberto de honrarias. Até seu corpo mudava de aparência: era pequeno e disforme, depois tornava-se esbelto e forte, e também coberto de penas, de escamas ou de pelos. Desnorteadado com aquela profusão de alucinações e de imagens do presente, do passado e do futuro, não conseguia decidir o que fazer. No entanto, quando avistou Keridwen, não teve mais tempo para refletir. E, no desespero, exclamou:

— Ah, se pelo menos eu tivesse a velocidade da lebre!

Na mesma hora, o chão pareceu aproximar-se ainda mais de sua cabeça. Suas mãos se alongaram e se cobriram de pelos. Uma força até então desconhecida o impelia, e ele passou a avançar aos saltos. Gwyon corria, corria, e suas patas agarravam-se ao chão. O entusiasmo fazia sua força aumentar ainda mais. A magia de que se apossara tinha suas vantagens, e a faculdade de se transformar, que ele acabava de descobrir, prometia grandes aventuras. Mas, para aproveitar tudo isso, precisava primeiro livrar-se de Keridwen, que por sua vez se transformara em cão lebréu e ganhava terreno. No

momento em que a mandíbula do cão ia se fechar em torno de seu dorso, Gwyon pulou no rio.

— Agora quero ser uma truta! — ele havia desejado.

Ele nadava, nadava, com a água acariciando-lhe os flancos. E logo Keridwen surgiu atrás dele, transformada em lontra. A truta pulou da água.

— Que o céu agora me pertença!

Gwyon voava, voava, e o vento acariciava sua plumagem de pomba. Mas logo surgiu Keridwen, em forma de gavião, pronta para precipitar-se sobre ele. Lá embaixo Gwyon avistou uma fazenda em cujo pátio haviam acabado de bater o trigo. Mais uma metamorfose, e as garras do gavião se fecharam em torno de um grão de trigo, que escapou delas para cair diante do celeiro. Grão no meio de tantos outros grãos, finalmente ele se sentiu seguro. No entanto, a maga esperta transformou-se numa galinha preta de crista vermelha que se pôs a bicar os grãos do terreiro e acabou por engolir Gwyon. Em seguida voltou à forma de mulher.

Mas logo a maga sentiu que estava grávida, e não teve dúvida quanto à origem daquele filho. Era o grão mágico que se desenvolvia dentro dela.



“Estou sendo castigada por ter sido injusta com Morda”, Keridwen pensou.

Num dia chuvoso e sombrio, ela deu à luz um menino. Exatamente naquele momento, um rio de sol se infiltrou pelas nuvens e iluminou a testa da criança. Imediatamente Keridwen viu que aquele filho seria tão bonito quanto Afangdu era feio. De início, ela havia decidido que mataria aquele filho assim que ele nascesse, mas não lhe era permitido destruir a beleza com suas próprias mãos. Assim, fechou-o num saco e o jogou no mar.

As ondas, por sua vez, não ousaram engolir aquele menino que se lembrava de ter sido peixe e resolveram lançá-lo na rede de um pescador. Surpreso com o que apanhara, e mais ainda ao descobrir que se tratava de um lindo menino de rosto luminoso, o homem o levou para casa e lhe deu o nome de Taliesin.

Ao se tornar adulto, Taliesin revelou um imenso talento para a poesia e foi eleito príncipe dos bardos. Todos o ouviam, o elogiavam e indagavam de onde vinha seu conhecimento das coisas do passado, do presente e do futuro. Ele não fazia mistério.

— Nem sempre tive aparência de homem — explicava. — Fui daqueles que conhecem as árvores pelas flores e raízes. Fui peixe no rio, levado por sua correnteza tão impiedosa quanto o tempo. Escapei dele, e meus olhos viram do alto o mundo agitado. Fui promessa de vida. Uma galinha me devorou. Fui ao mesmo tempo pai e filho.

Só alguns percebiam que ele estava dizendo a verdade. Os outros o consideravam um artista meio louco, pois já ia longe o tempo em que os poetas eram temidos, o tempo em que os mistérios do universo eram confiados apenas à memória dos homens escolhidos por sua sabedoria. Os relatos dos bardos, que em outros tempos eram ouvidos em segredo por se tratar de palavras sagradas, eram agora registrados em pergaminho. Assim, quem sabia ler podia ter acesso aos conhecimentos antes considerados secretos. Chegara o tempo em que os antigos deuses iam sendo esquecidos.

Taliesin sabia que era um dos últimos iniciados. Constatava que os copistas já não compreendiam todos os símbolos das lendas que preservavam. Muitas vezes, meditando sobre algum daqueles preciosos manuscritos, Taliesin murmurava:

— Admiro os livros e aquilo que eles não sabem.

Posfácio

Os celtas difundiram-se pela maior parte da Europa central e ocidental, até a Ásia Menor, em diversas ondas, sendo que a mais recente remonta ao século V a.C. As armas de bronze das populações locais não resistiam por muito tempo às grandes espadas de aço dos celtas. Eles se instalavam, se misturavam aos autóctones, e depois avançavam, impelidos pela necessidade ou pelo gosto da aventura.

No entanto, se os celtas ocupavam um território tão vasto, por que todas as lendas narradas por este livro têm como cenário a Irlanda ou o País de Gales?

Simplesmente porque só esses países, muitos séculos mais tarde, preservaram por escrito o que restava da mitologia dos celtas.

Estamos habituados a procurar conhecimento nos livros. Os celtas, no entanto, temiam a escrita. Atribuía-m poder mágico às palavras. Os poetas e os sacerdotes pertenciam à mesma classe, a dos druidas, que transmitiam os conhecimentos oralmente, ao longo de cursos que podiam durar vinte anos e que consistiam em decorar milhares de versos.

Quando os romanos se lançaram à conquista das terras célticas, rapidamente eles compreenderam que os druidas constituíam o único vínculo que unia seus adversários, divididos em tribos rivais. Suprimindo-os, eles romperíam esse vínculo e consolidariam seus objetivos, mas também destruiríam a fonte da cultura celta.

Os cultos antigos e os mitos que os acompanhavam poderíam ter sobrevivido nos campos, onde a presença dos romanos não era tão intensa. Acontece que logo eles se chocaram contra uma religião mais nova, o cristianismo. Logo a Igreja se empenhou em fazer desaparecer os vestígios do paganismo. Os antigos deuses foram eliminados ou, na melhor das hipóteses, tomaram-se figuras

folclóricas. Exemplo disso é Ogmios, deus da eloquência, que assume a forma diabólica do ogro; ou Dagda, que provavelmente deu origem ao personagem de Gargantua.

Isso ocorreu no continente europeu. Mas as coisas aconteceram de modo diferente do outro lado do canal da Mancha, onde a ocupação romana foi mais discreta. Essas regiões também conheceram o cristianismo, no entanto a Igreja adotou uma atitude mais tolerante. Em vez de abolir os vestígios das crenças antigas, os cristãos do além-Mancha se apropriaram delas e as adaptaram. Assim, conta-se o encontro de São Patrício, que evangelizou a Irlanda, com Oisín, filho de Fionn. Oisín aparece como um velho moribundo, ao passo que Patrício está em pleno vigor da juventude.

A partir do século VIII, os monges da Irlanda e do País de Gales transcreveram essas lendas das quais se apropriaram. Alguns desses livros chegaram até nós. Às vezes são incompletos ou difíceis de interpretar. Outras vezes, temos várias versões de uma mesma história, e comparando-as conseguimos esclarecer pontos obscuros ou reconstituir melhor a lenda primitiva.

Mas esses textos foram transcritos por homens pertencentes a outra cultura, que tinham outra religião. Portanto, como podemos ter certeza de sua fidelidade à mitologia dos celtas?

Em primeiro lugar, os escritos dos historiadores da Antiguidade e as descobertas da arqueologia confirmam que esses textos são verdadeiros ao descrever a organização social e os costumes dos antigos celtas. Também, os heróis dessas histórias têm nomes de divindades que encontramos gravados em sítios arqueológicos de toda a Europa. Finalmente, a comparação com outras mitologias permite compreender melhor o seu sentido e identificar neles temas comuns aos outros povos indo-europeus. Assim, o combate das Tribos de Dana (os deuses, organizadores do mundo) contra os fomores (a força bruta) equivale à luta dos deuses contra os titãs, da mitologia grega; ou à guerra dos deuses contra seus inimigos demoníacos, os asuras, da mitologia indiana.

Essas histórias mostram, principalmente, uma concepção do mundo anterior e diferente, em muitos aspectos, à dos monges que as coletaram. Elas nos apresentam um universo de equilíbrio

delicado, que pode ser conhecido e dominado, contanto que se penetre para além das aparências imediatas, um universo em que os homens podem falar de igual para igual com os deuses, em que podem até lutar contra eles e vencê-los.

Os manuscritos que chegaram até nós não contêm a totalidade dos mitos celtas. Eles deixam sem explicação muitas representações que a arqueologia trouxe ao nosso conhecimento. No entanto, constituem uma fonte insubstituível, e Taliesin tem razão de admirá-los e, ao mesmo tempo, lamentar sua imperfeição.

Sobre Taliesin, cabe um esclarecimento. Ele teria vivido no século VI e seguido o ensinamento dos druidas, para depois ser convertido. Conhecemos cerca de vinte poemas que são atribuídos a ele. Sua lenda, portanto, é bem mais tardia do que as outras. Hesitei em colocá-la neste livro, uma vez que eliminei contos mais antigos porque tinham sofrido adaptações que os afastaram do modelo original. Esse foi o caso, principalmente, dos contos ligados à lenda do rei Artur. Finalmente resolvi incluí-la, porque achei que ela levanta uma ponta do véu que encobre a doutrina dos druidas, dizendo-nos que ninguém pode pretender conhecer o mundo sem abolir os limites do tempo e de sua própria personalidade. E, para chegar a esse resultado, não há magia mais importante do que o imaginário.

A expansão dos celtas no século III a.C.



A Irlanda e a Bretanha no tempo dos celtas



Notes

[←1]

Espécie de sacerdote, que na sociedade celta desempenhava funções muito importantes, entre elas as de conselheiro, educador e juiz.

[←2]

O bardo era um poeta e declamador. Ele compunha, recitava e cantava versos de louvor ou crítica a personagens e acontecimentos históricos.

[←3]

Clã é uma tribo ou um grupo de pessoas dentro de uma sociedade que têm um ancestral comum.

[←4]

Ano novo céltico, no início de novembro. Passagem entre dois anos, o Samain situava-se fora do tempo e, por isso, era particularmente propício à comunicação com o Outro Mundo e com os mortos.

[←5]

Os celtas acreditavam no poder mágico da palavra. Ser ridicularizado por meio de um poema era uma desonra e podia ter como consequência ser expulso do clã.

[←6]

País legendário, ao sul da Espanha atual, onde os gregos situavam o Jardim das Hespérides e seus pomos de ouro.

[←7]

O Dyvet localiza-se no sul do País de Gales. A ilha dos Homens Fortes é ,i atual Grã-Bretanha. A palavra “celta” foi forjada pelos historiadores gregos. Os celtas chamavam a si mesmos de “fortes”. Em sua língua, forte dizia- se *gall*, donde derivam as palavras “gaulês”, “Gales”, etc.

[←8]

Cada clã tinha um rei, que reconhecia, a título pessoal, a autoridade de um rei da tribo. Várias tribos reuniam-se sob a autoridade de um Alto-rei, encarregado de arbitrar os conflitos e dirigir os combates. Bran é um Alto-rei.

[←9]

Atualmente, o Sharmon.

[←10]

A Irlanda dividia-se em cinco reinos: Ulster, Cannaught, Meath, Leinster e Munster. Os habitantes de Ulster são os ulates.

[←11]

A chaminé das moradias celtas consistia num simples buraco feito no teto para dar vazão à fumaça.

[←12]

Os cinco reinos da Irlanda reconheciam a autoridade de um rei supremo, o Grande Rei, encarregado de arbitrar suas divergências e de organizar a de fesa comum em caso de invasão. Seu caráter sagrado evidenciava-se pela maneira como era nomeado: o pretendente ao cargo sentava-se numa pedra trazida para a Irlanda pelas tribos de Dana, a pedra de Fal. Se a pedra gritasse, ele seria reconhecido como Grande Rei.

[←13]

Significa Branco. O branco simbolizava todas as qualidades positivas: a nobreza, a beleza e o conhecimento.

Table of Contents

MITOLOGIA CELTA

1. O erro do rei Nuada
 2. A segunda batalha de Mag Tured
 3. A busca dos filhos de Tuireann
 4. O Príncipe do Abismo
 5. A cavaleira de Aberth
 6. A montanha sobre o mar
 7. A mulher mais bonita do mundo
 8. A fraqueza dos ulates
 9. O pedaço do herói
 10. O touro Costonho de Cualnge
 11. Um voo de cisnes
 12. O rei sem reino
 13. O casamento de Fionn
 14. O ciúme de Fionn
 15. A ilha das mulheres
 16. O príncipe dos bardos
- Posfácio